

FEBRA^{oo}PSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

OBSERVATÓRIO
PSICANALÍTICO

Jornal do
**OBSERVATÓRIO
PSICANALÍTICO**
FEBRAPSI 2019

NÚMERO 3

EXPEDIENTE

PRESIDENTE DA FEBRAPSI

Anette Blaya Luz

SECRETÁRIA GERAL

Rosa Maria Carvalho Reis

TESOUREIRO

Wagner Francisco Vidille

DIRETOR DO CONSELHO DE COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Ignácio Alvez Paim Filho

DIRETOR DO CONSELHO PROFISSIONAL

Hemerson Ari Mendes

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Cláudia Aparecida Carneiro

DIRETORA DE COMUNIDADE E CULTURA

Leda Affonso Figueiredo
Herrmann

DIRETORA SUPERINTENDENTE

Maria Teresa Silva Lopes

SECRETÁRIA DO CONSELHO DE COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Regina Pereira Klarman

EDITORA DA REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Marina Massi

GRUPO COORDENADOR DO OP

Beth Mori

Joyce Goldstein

Rossana Nicolliello

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Salomé

*Este PDF é melhor visualizado no modo de **páginas duplas** com capa.*

Apresentamos o terceiro caderno do *Jornal Observatório Psicanalítico Febrapsi (OP)* contendo os textos publicados no Facebook e no site da Federação Brasileira de Psicanálise, no período de setembro de 2018 a abril de 2019.

Cabe a nós, editoras, identificar eventos sociopolíticos e culturais, acontecimentos do Brasil e do Mundo que nos atravessem e demandam um olhar psicanalítico.

Dessa forma, retomamos a tradição freudiana de pensar sobre a cultura e os modos de subjetivação produzidos neste nosso tempo. Trata-se de um fazer psicanalítico extensivo para o que vivemos e como nos sentimos, no consultório e na Polis, nos encontros que realizamos entre nós. Neste sentido, entendemos o OP como um dispositivo de intervenção clínico-político-social.

Para esta tarefa convidamos psicanalistas das diversas sociedades e núcleos que fazem parte da nossa Federação para escreverem breves ensaios sobre o fenômeno em pauta, segundo um dos vértices da Psicanálise. A ideia é que sejam textos inéditos, mas sem a exigência do rigor das publicações científicas.

Os autores são responsáveis pelo conteúdo, formato e estilo de seus artigos. Na leitura dos acontecimentos fundamentam-se no próprio saber (filosófico, político, sociológico, literário), em diálogo com a psicanálise.

Neste número, os 42 ensaios estão agrupados em três blocos:

- Psicanálise, cultura e sociedade (artes, religião, redes sociais, violência social e datas comemorativas)
- O psicanalista, o trabalho do analista e eventos psicanalíticos
- Psicanálise e política

Agradecemos aos nossos colegas que contribuíram para esse número e conosco apostam no diálogo da Psicanálise com a Sociedade. Desejamos a todos uma boa leitura.

BETH MORI, JOYCE GOLDSTEIN E ROSSANA NICOLIELLO
COORDENAÇÃO OBSERVATÓRIO PSICANALÍTICO FEBRAPSI

LEDA HERRMANN
DIRETORA COMUNIDADE E CULTURA

S U M Á R I O

- 12 **OP-63 • MANOLA VIDAL**
Sobre o aborto: Uma contribuição psicanalítica
- 14 **OP-65 • JOSÉ CARLOS CALICH**
Luis Kancyper
- 16 **OP-66 • MERY POMERANGLUM WOLFF**
Uma perspectiva para além da psicanálise
- 18 **OP-75 • IGNÁCIO A. PAIM FILHO**
Rotas da escravidão – Um estranho retorno: Testemunho de um Afro-brasileiro
- 20 **OP-79 • JOSÉ DE MATOS**
Mais médicos, mais compaixão
- 22 **OP-82 • RENATA ZAMBONELLI NOGUEIRA**
A psicanálise em tempos de pós-verdade
- 24 **OP-89 • ETHYENE ANDRADE COSTA**
Tragédia da barragem de Brumadinho: a escuta analítica diante de uma inundação de lama, angústia e desamparo
- 26 **OP-90 • WILSON AMENDOEIRA**
Notas sobre a questão da regulamentação

28

OP-91 • PLÍNIO MONTAGNA
Lei, ora, a lei?

30

OP-92 • AUGUSTA GERCHMANN
Somos fruto de migrações

32

OP-100 • ANETTE BLAYA LUZ
Envolvimento institucional: o quarto eixo

34

OP-101 • LUDMILA Y. MAFRA FRATESCHI
Sobre o que não se pode contar

38

OP-104 • LEDA HERRMANN
Psicanálise e cultura

**O PSICANALISTA,
O TRABALHO
DO ANALISTA
E EVENTOS
PSICANALÍTICOS**

42

OP-67 • FLÁVIO THAMSTEN
A presença do horror

44

OP-68 • LIANA ALBERNAZ DE MELO BASTOS
O fuzil e o guarda-chuva

46

OP-69 • VALTON DE MIRANDA LEITÃO
A matriz inconsciente da tirania

48

OP-71 • LUIS CARLOS MENEZES
“Intervenção: o amor não quer dizer grande coisa”

50

OP-77 • DORA TOGNOLLI
Mercury – Bohemian Rhapsody – 1946–1991

52

OP-78 • ANNE PFLUGER
Escola sem partido: A onda conservadora

54

OP-80 • ROOSEVELT CASSORLA
Sobre João de Deus

56

**OP-83 • BETH MORI, JOYCE GOLDSTEIN E
ROSSANA NICOLIELLO**
Jano

58

OP-84 • SILVANA REA
Em tempos difíceis fique com a arte

60

OP-86 • DANIEL DELOUYA
“Do que é feita a maçã?”

64

OP-88 • SÉRGIO KEHDY
Uso das redes sociais e narcisismo



**PSICANÁLISE,
CULTURA E
SOCIEDADE
(ARTES, RELIGIÃO,
REDES SOCIAIS,
VIOLÊNCIA
SOCIAL E DATAS
COMEMORATIVAS)**

66

OP-93 • LUCAS SANTOS
O cinema, a psicanálise e o Oscar

68

OP-94 • MARIA TERESA LOPES
Quando o carnaval chegar...

70

OP-97 • ELIANE DE ANDRADE
Feminismo

72

OP-98 • ROSA REIS
E agora?

74

OP-102 • DORA TOGNOLI
Cafarnaum

76

OP-103 • MARÍLIA MACEDO BOTINHA
21 de abril



PSICANÁLISE E POLÍTICA

80

OP-64 • NEY MARINHO

A inconfidência dos generais, a dignidade do filósofo e a responsabilidade do psicanalista

82

OP-70 • NEY MARINHO

Viva la muerte, abajo la inteligencia! Ou o eterno fascismo

84

OP-72 • LEONARDO A. FRANCISCHELLI

E agora o quê?

86

OP-73 • VALTON DE MIRANDA LEITÃO

O olho da serpente

88

OP-74 • MARIANGELA RELVAS

O Quilombo Campo Grande

90

OP-76 • MARIA ELIANA BARBOSA MELLO

Algumas reflexões sobre o lugar do psicanalista e as últimas eleições no Brasil

92

OP-81 • KÁTIA BARBOSA MACÊDO

Extinção do ministério do trabalho: Crônica de uma morte anunciada

94

OP-85 • MARINA KON BILENKY

A igreja no ministério

96

OP-87 • HENRIQUE HONIGSTEJN

Gênese da mente destrutiva

98

OP-95 • MARIA LUIZA GASTAL

Orfandade e miséria

100

OP-96 • SYLVAIN LEVY

Instinto, civilização e emoções: quando o mais é menos ou o mesmo

102

OP-99 • LUCIANA SADDI

Cultura e educação nos ministérios de Bolsonaro: o mal-estar na civilização revisitado

Os textos publicados refletem a opinião de seus autores.

PSICANALISTA

**TRABALHO
DO ANALISTA**

EVENTOS PSICANALÍTICOS

Manola Vidal - SPRJ
Dedicado a Prof. Dra. Débora Diniz

SOBRE O ABORTO

■ UMA CONTRIBUIÇÃO ■ PSICANALÍTICA

Esta contribuição propõe reflexões sobre a criminalização do aborto em nosso país a partir dos conceitos de genocídio e morte materna. Genocídio se refere a intenção de destruir em parte ou no todo uma população por sua raça, etnia, nacionalidade e, mais contemporaneamente, por sua classe social e gênero. Neste sentido o feminicídio é reconhecido como uma forma de genocídio e a morte materna por aborto inseguro pode ser utilizada como uma categoria de análise deste fato social.

Anualmente, nos últimos 10 anos uma média de 42 milhões de mulheres em todo o mundo escolhem realizar um aborto e destes 50% são inseguros por serem clandestinos. Apesar da morte materna por aborto inseguro não possuir uma estatística oficial, esta prática é reconhecida como uma pandemia. Ao contrário de estereótipos, a mulher que realiza o aborto é uma mulher comum. São adolescentes (mais expostas a práticas inseguras), jovens adultas e mulheres que já são mães ou que planejam um dia ser. Transitam entre todas as classes sociais e níveis de educação porém, as complicações devidas a prática do aborto inseguro, são maiores entre as mulheres negras, de baixa escolaridade e sem acesso aos serviços de saúde reprodutiva.

A apropriação do conceito de gênero pela teoria psicanalítica em sua interface com os estudos sobre a violência contra a mulher permite-nos uma aproximação de Judith Butler e sua proposta sobre a ontologia do corpo vulnerável e de Kristeva que reposiciona o constructo da maternidade no panorama de produção do conhecimento psicanalítico.

A ontologia do corpo vulnerável é construída a partir das concepções sobre a precariedade da vida, condição comum relativa à sua finitude e as condições precárias dependentes da distribuição política dos bens que mantêm a vida viva. Como a distribuição dos bens que mantêm uma vida viva está ligada a desigualdade a proposta política da modernidade, de cuidar, proteger e prolongar a vida de toda a população foi esvaziada.

Daí a criminalização do aborto implicar em um problema epistemológico. Ao conceber o corpo da mulher grávida como objeto do Estado a mulher desapossada de autonomia subjetiva possui sua vida valorada por um enquadramento normativo guiado pela desigualdade de distribuição dos bens de serviço à saúde reprodutiva. Este enquadramento diferencia vidas reconhecidas como vivas, que acessam os bens de serviço, daquelas que não possuem nem acesso nem serviços. Existiria então, uma forma de apreensão normatizada pela desigualdade que precariza a vida de uma mulher que decide pelo aborto.

Na teoria psicanalítica a relação entre o feminino e a maternidade foi compreendida a partir da equação pênis-criança relativa a posição da menina em relação ao complexo de castração. O psiquismo feminino é compreendido de forma falocêntrica a partir das imagens de perda e vazio. A expansão deste conhecimento produz em torno da premissa sobre existir um espaço psíquico na mulher

**Ao contrário de estereótipos,
a mulher que realiza o aborto é
uma mulher comum.**

que é independente do exercício da maternidade enquanto experiência de gravidez. Kristeva ultrapassa a dicotomia masculino-feminino ao conceber o sujeito sempre em processo de suspensão em relação a dialética semiótico-simbólico. Identifica o feminino ao semiótico, que não é restrito as mulheres e propõe, através da maternal reliance, uma economia específica ligada a emergência da vida que se localiza no espaço entre o sujeito e o objeto e na transformação dos abjetos em objetos de cuidado. Ressalta a importância de uma ética, a da maternal reliance, e de uma compreensão metapsicológica de sua forma específica de erotismo sem a qual a emancipação das mulheres estaria fadada a ser somente uma ideologia.

Desta forma, a ontologia do corpo vulnerável e a ética do corpo semiótico permitem uma reflexão que aproxime a teoria psicanalítica das práticas sociais de reconhecimento de que o componente político do cuidado com a vida não diz respeito a desigualdade da distribuição de bens de sobrevivência, que determina a vida que deve se manter viva, mas do acolhimento do sujeito subjetivo que possui autonomia e liberdade de escolha em relação a seu corpo. ■

LUIS KANCYPER

José Carlos Calich – SPPA

Quando se perde um grande amigo, vai-se uma referência, vai-se intimidade, vai-se história, vai-se um pedaço.

Quando esse grande amigo é iluminado, vai-se um fecho de luz, um farol.

Luis Kancyper era um homem iluminado. Culto, agradável, generoso, sincero, com enorme capacidade intelectual, talento expositivo – verbal e escrito – e grande sensibilidade no contato com os outros.

Conheci Luis há aproximadamente 20 anos. Passamos a nos encontrar e jantar juntos sempre que estávamos na mesma cidade, o que foi se tornando cada vez mais frequente e prazeroso. As facilidades do contato por e-mail e telefone aumentaram as trocas sobre todo tipo de assunto, desde temas psicanalíticos de nosso interesse, a nossas ideias e vidas pessoais.

Luis era médico, psicanalista e membro titular com funções didáticas da *Asociación Psicoanalítica Argentina (APA)*, onde era professor de seu Instituto de Psicanálise, tendo sido também seu Secretário Científico.

14 • AGOSTO • 2018

Era considerado um ótimo analista, professor, supervisor e um escritor superlativo. Publicou onze livros de sua autoria, traduzidos a outros idiomas além do espanhol, participou com capítulos em outros tantos e produziu um grande número de artigos para revistas de Psicanálise argentinas, brasileiras e internacionais.

Seus temas principais foram a amizade do ponto de vista psicanalítico, o confronto geracional, o ressentimento, a adolescência e o complexo fraterno – um dos primeiros autores psicanalíticos a desenvolver o tema de um complexo que complementa o Complexo de Édipo. Porém, na base destes temas estava seu interesse pela família e suas configurações, o narcisismo e a alteridade, a metapsicologia, o ódio, a paixão e o amor.

Em seus escritos transitava pela literatura de forma consistente e esclarecedora. Escreve, dentre outros, sobre Jorge Luis Borges, Albert Camus, Franz Kafka e Sandor Marai. Era um conhecedor da cultura judaica e suas fábulas. Esse conjunto amplo de conhecimento e interesses permitiu que sua obra se movimentasse entre o real e o fantasiado, o presente e o ausente, a vida e a morte, o concreto e o simbólico, produzindo figuras e metáforas que tornaram seus textos atraentes e pujantes.

Não só gostava de escrever, como dizia que escrever era um ato vital, que lhe aju-

Quando se perde um grande amigo, vai-se uma referência, vai-se intimidade, vai-se história, vai-se um pedaço.

dou muito em momentos muito difíceis que passou em sua vida. Dizia que sua vida era alimentada pelo amor recíproco que tinha com sua esposa Judith, com seus filhos, netos e amigos.

Sobre a amizade – seu último livro e um tema original em psicanálise – suas reflexões falam de uma capacidade que necessita de um processo, que envolve admiração, empatia não-possessiva e confiança. Fala na relação entre afetos e o poder. Sobre a diferença entre ter amigos verdadeiros e estar com um outro para não perder a ele ou ao poder que representa, não para amá-lo ou compartilhar. Sobre aqueles que não podem ter amigos e criam inimigos constantemente ou que necessitam sempre uma comparação.

Uma vez me escreveu:

“Un amigo duplica las alegrías y divide las tristezas por la mitad”.

Todos perdemos a Luis, seus ensinamentos, convívio e luz. Teremos seu grande legado, mas vamos ter que nos acostumar a essa nova escuridão. ■

UMA PERSPECTIVA / PARA ALÉM DA PSICANÁLISE

Mery Pomeranblum Wolff - SPPA

24 • AGOSTO • 2018

No último fim de semana um grupo de psicanalistas da SPPA participou do X Congresso Internacional y Multidisciplinario na APU, intitulado Desamparo – Perspectivas psicoanalíticas y socioculturales.

Representamos os grupos da SPPA envolvidos em ações na comunidade, apresentando o trabalho intitulado “Laços sociais de amparo: parentalidades em foco.” Um dos objetivos, como sempre tem sido, é buscar a interlocução com colegas de nossa área de estudo e também de outros saberes.

Foi uma experiência muito enriquecedora porquanto consolidou algumas de nossas concepções, mas também nos trouxe novos olhares e perspectivas. A psicanálise extramuros é realmente um campo, não somente de estudos, mas também de possibilidade de ações onde a troca de vivências acrescenta à psicanálise outras possibilidades para além do que nosso arcabouço teórico alcança. Outros olhares e perspectivas ampliam nossas ferramentas e nossa própria capacidade analítica.

Compartilhamos a mesa intitulada “Extensión del psicoanálisis y desigualdades” com o trabalho acima nomeado, resultado de um trabalho desenvolvido, há mais de dez anos, em “Rodas de Conversa” com educadores, adolescentes e seus pais, oriundos de áreas de alta vulnerabilidade social da periferia de Porto Alegre. Esta população sofre pressões de diversas naturezas, como o desmantelamento das famílias, negligência e abuso de suas crianças, violência e tráfico de drogas.

Descrevemos nosso sentimento de desamparo frente a incapacidade de abranger a complexidade das parentalidades desta população com o arsenal teórico corrente. Consideramos, mas também desconstruímos as definições clássicas em psicanálise de pai e mãe biológicos e de sua centralidade na constituição psíquica, utilizando o conceito mais abrangente de “função”.

Parece-nos necessário identificar e aceitar a existência de outras estruturas familiares e comunitárias, em sua riqueza e diversidade, e alertarmos para a tendência de comparar com o já vivido e conhecido, perturbando e dificultando a visibilidade da potência de uma nova realidade que se apresenta. Relatamos duas situações vivenciadas nas Rodas de Conversa, para reflexão sobre as ideias expostas no texto.

Entendemos que seja importante pensar a família (além das filiações biológicas) expandida, para englobar pessoas, instituições e grupos em condições de exercer esta função.

A psicanálise extramuros é realmente um campo, não somente de estudos, mas também de possibilidade de ações onde a troca de vivências acrescenta à psicanálise outras possibilidades para além do que nosso arcabouço teórico alcança.

Contamos com a escuta atenta e respeitosa de duas comentaristas: a psicanalista uruguaia Cristina Lopes de Caiafa, cujos aportes ampliaram nossa escuta psicanalítica, e com a PhD Simona Taliani, antropóloga da Universidade de Turim (Itália), que nos proporcionou a oportunidade de um olhar e uma escuta diferentes com o reconhecimento de, para nós, novas linguagens que abrem distintas perspectivas de compreensão do outro.

Sempre houve famílias com diferentes configurações em culturas variadas. Este não é um problema da contemporaneidade e é importante que a psicanálise tenha esse registro. A antropóloga Simona assinalou que o tempo é fundamental para pensarmos a questão da sobrevivência pois, em sua perspectiva, para as famílias em alta vulnerabilidade social, a desigualdade congela o tempo e para eles o futuro nunca chega. Desta forma, com o Estado longe e as perspectivas de futuro escassas, o domínio do tráfico se torna uma realidade. Nesse sentido, achamos muito interessante a metáfora que coloca de que os laços de amparo podem se tornar uma força.

Da plateia também tivemos importantes contribuições, como as do antropólogo e etnopsiquiatra Roberto Beneducce, que nos acrescenta sobre a importância de termos em mente que mais de uma variável concorrem para entender as manifestações do humano. Aí reside a importância de usarmos outros saberes tanto para compreender as educadoras, adolescentes e seus pais nas Rodas de Conversa, como os pacientes em nossos consultórios.

Saímos deste encontro com o sentimento de termos alcançado nossos objetivos e enriquecidas pelas contribuições dos colegas, sentimento esse compartilhado por muitos presentes e assim descrito pela presidente da APU, o que nos deixou muito satisfeitos. ■

No período de 12 a 18 de novembro de 2018, estive em Cabo Verde no IV Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa: retorno a terra mãe – o continente negro se apresentou aos meus sentidos, com toda a sua amplitude – o conhecido dando passagem para o desconhecido.

O traumático, dos meus ancestrais, até então adormecido nas profundezas do inconsciente não recalado, se materializou. Minha pele negra, mestiça na essência, captou sensibilidades que a floraram das dores vividas, mas não sentidas, que defloraram o

não saber da percepção consciência. Experiência estética de ser maioria, quando sempre fui minoria. Nesse cenário, de absoluto estranhamento, sou tocado por intensidades que transitam pelo corpo e pela psique – dores, agora, vividas e sentidas – fendas que fazem uma abertura no masoquismo narcotizante, que governava soberano, paralisando as ressonâncias de minha herança arcaica. Contexto propício para o trânsito do traumático da verdade material, o inenarrável, para a verdade histórica, com suas múltiplas possibilidades de narrabilidade.

Diante desta vivência ominosa – dor do encontro com o assassinato da alma dos filhos da mãe África, com seus desdobramentos tanáticos na identidade do negro brasileiro – percebi, o masoquismo guardião da vida, operando seu efeito transformador. Testemunho que revela a escravidão que me constitui. Esse processo do enfiamento com o estrangeiro das minhas origens, provoca um efeito libertador e a expectativa de romper com os imperativos da servidão involuntária e voluntária, com seus ritos de auto sacrifício. Memória resgatada, temporalidade instaurada: fator imprescindível para se estabelecer a ligação entre o passado, o presente e o futuro. Aquisições que geram condições para reescrever a história sob outra perspectiva. O estigma narcísico da lógica escravocrata de ontem e de hoje sofrem uma solução de continuidade.

A psicanálise de língua portuguesa, de maneira inédita, ousa romper com o silêncio mortífero, estabelecido desde sempre, sobre a escravidão do e no negro, o racismo, bem como, toda forma de preconceitos: descobrir continentes.

Novas sensações e interrogações atravessadas por várias inquietações, inventam rotas, criando oportunidades de fazer uma nova leitura sobre os determinismos da escravidão: negro tua pele, erótica por natureza, é tua sina – ser depositário do horror a castração que habita a besta selvagem (Freud, 1930), chamado humano.

Meus ideais construídos entre o mundo dos brancos e dos negros entra em ebulição.

Sentimentos de não pertinências são aguçados: ausência da língua materna primordial... Entretanto, emerge um sentido e um

Contexto propício para o trânsito do traumático da verdade material, o inenarrável, para a verdade histórica, com suas múltiplas possibilidades de narrabilidade.

significado singular, na expressão afro-brasileiro: uma origem, um destino e uma história para ser contada e recontada.

Durante esse intervalo de tempo conectei-me com intensidades, que seguem pulsando em minha alma, desacomodando minha herança arcaica – traços de memória da experiência de gerações anteriores (Freud, 1939). Forças de uma vivacidade assustadora, que convoca a escutar meus estranhamentos, com seus efeitos paradoxais, acompanhado da seguinte indagação: o que a metapsicologia, de um judeu sem deus, tem a nos dizer?

Seguindo por esses sinistros caminhos lembro Freud, quando expõe, de forma enfática, que estamos apenas no começo de nossas descobertas, sobre os enigmas da alma, construídos na relação dialética da pulsão de destruição versus a pulsão sexual: Eu repito, porém, que nós estamos apenas no início. Sou apenas um iniciador. [...] Mas ali onde eu descobri alguns templos, outros poderão descobrir continentes (1926). ■

26 • NOVEMBRO • 2018

ROTAS DA ESCRAVIDÃO: UM ESTRANHO RETORNO

(TESTEMUNHO DE UM AFRO-BRASILEIRO)

Ignácio A. Paim
Filho - SBPdePA

MAIS MÉDICOS, MAIS COMPAIXÃO

14 • DEZEMBRO • 2018

José de Matos – SPRJ

Sabe-se que a relação médico-paciente, cuja importância é enfatizada desde o início da formação médica, constitui, dentre os recursos terapêuticos disponíveis, aspecto fundamental a ser considerado na arte de lidar com o sofrimento imposto pela doença.

Freud intuiu essa importância ao fundamentar a transferência como representação dos cuidados maternos, e seus desdobramentos na constelação familiar, para a adaptação à realidade, superada a transitória paz do paraíso uterino.

Essas referências iniciais visam destacar a força do componente afetivo na fundamentação das relações humanas em termos de identificação primária, desde “A Interpretação dos Sonhos”, quando Freud definiu a energia libidinal como “cota de afeto” que impregna as precoces representações do seio materno. Essas representações constituem o elemento de coesão e ligação que viabilizará a superação da perda do aconchego uterino em direção à realidade do mundo objetal e suas inerentes necessidades e vicissitudes.

O aconchego materno, definido como maternagem por Winnicott, deverá configurar a integridade e hígidez da evolução egóica em seu desenvolvimento no mundo e esse acolhimento reverberará em todas as situações em que existam figuras com função de integração e proteção.

Tem-se destacado que, dentre as aptidões para a carreira médica, a capacidade de sentir compaixão seria uma das mais importantes. Compadecer-se, isto é “adoecer junto”, configuraria a empatia com o paciente, em sua forma mais profunda e abrangente.

No jargão psicanalítico, à identificação projetiva do paciente corresponderia a identificação empática do analista, viabilizando a necessária intersubjetividade, tão importante para definir a característica de “psicologia profunda” atribuída por Freud à psicanálise como processo de investigação e de tratamento da mente.

No que se refere ao projeto Mais Médicos, além de apreciações políticas ou até mesmo administrativas, há notícias de que aquela experiência, desde sua implantação, atendeu

Tem-se destacado que, dentre as aptidões para a carreira médica, a capacidade de sentir compaixão seria uma das mais importantes. Compadecer-se, isto é “adoecer junto”, configuraria a empatia com o paciente, em sua forma mais profunda e abrangente.

necessidades básicas em saúde abrangendo níveis de atenção primária, secundária e terciária. O escritor e documentarista Antônio Lino em seu livro Branco Vivo e em entrevista a Fernando Gabeira, teceu curiosos comen-

tários sobre as peculiaridades de sua experiência em recônditos do Brasil onde o enfoque assistencial médico era compartilhado com influência e práticas assistenciais de líderes religiosos, curandeiros e figuras icônicas locais, testemunhando a extrema carência técnica e afetiva. Sabe-se que a doença propicia por si mesma uma situação regressiva que requer amparo e atenção como complementos terapêuticos.

Por esse viés, pode-se entender a sensação individual e coletiva de insegurança e desamparo das comunidades mais carentes e distantes e até mesmo de grandes centros urbanos desassistidos com a súbita e inesperada suspensão do Mais Médicos.

Ainda que a prometida reposição rápida daqueles profissionais venha a se efetivar, precisa-se levar em consideração a necessária elaboração do luto acarretado pela perda daquelas figuras com funções de resgate de uma maternagem tardia de proteção e integração social. Essa elaboração será importante inclusive para a recepção e adaptação da comunidade aos novos médicos que estarão chegando e que representam, ao mesmo tempo, uma substituição e um suprimento de algo que foi retirado sem maiores explicações e justificativas.

Dessa forma, além de mais médicos para suprir carências sanitárias inerentes a um país de dimensões continentais com uma população caracterizada por diversidade cultural e social significativas, há necessidade de mais compaixão por parte do governo na atenção dedicada a essa população tão fragilizada em face de um mundo dominado por necessidades inerentes à dura realidade extra uterina e acentuadas por condições socioculturais desfavoráveis e contrárias aos interesses e necessidades dessa mesma população. ■

A PSICANÁLISE EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE

Em “A perda da realidade na neurose e na psicose” Freud descreve a ocorrência de um constante jogo de forças no interior do psiquismo que, por diferentes mecanismos, pode nos levar a abandonar os dados que o aparelho perceptivo nos oferece a respeito da realidade. No mesmo texto ele se arrisca brevemente a idealizar um comportamento “sadio”: tal como a neurose, nega um pouco a realidade; ao mesmo tempo, empenha-se em alterá-la, aproximando da psicose. Mas em lugar de substituir a realidade pela fantasia, efetua um trabalho no mundo exterior.

Recuperar essa descrição é importante em um contexto em que neologismos como “pós-verdade” e “autoverdade” passam a integrar a linguagem corrente para nomear fenômenos constatados na cultura contemporânea.

Segundo a jornalista Eliane Brum chama-se pós-verdade um cenário em que os fatos objetivos passam a ter menos influência em moldar a opinião pública do que crenças pessoais e apelos à emoção; e autoverdade, quando determinadas verdades pessoais ou autoproclamadas passam a adquirir valor de realidade se ditas de forma eloquente e aparentando autenticidade. Brum traduz esse fenômeno como a decodificação da estética como ética: o importante é como se fala, e não a existência de qualquer verdade no conteúdo daquilo que se fala.

Nesse universo, fake-news, montagens e textos de WhatsApp de autoria completamente anônima (o que parece não importar àqueles

que os disseminam) podem ser eleitos como únicas fontes de informação por uma grande quantidade de pessoas, em detrimento da informação apurada pelo jornalismo profissional que, por vezes, é tomada como mentirosa.

Embora essa problemática não esteja situada estritamente no campo da política, as campanhas eleitorais de Donald Trump e Jair Bolsonaro os levaram a um protagonismo como representantes da autoverdade. Me explico: políticos sempre mentiram ao povo, mas há uma diferença fundamental entre o político que mente sobre o seu projeto, respeitando as regras do jogo democrático e suas instituições e aquele que trabalha com a mentira para a implosão das instituições que sustentam o pacto político-democrático, sabotando sua credibilidade, para que reste apenas a sua própria verdade como merecedora de confiança.

As campanhas de que estamos falando optaram pela comunicação direta com seus eleitores dispensando a mediação da imprensa e se utilizaram de estratégias de inserção bastante engenhosas. Cito algumas delas: a criação de grupos de afinidade nas redes sociais, em que mensagens são enviadas conforme os interesses do receptor, facilitando uma receptividade empática aos conteúdos que passam a circular; o método “firehosing” que se traduz por apagar um incêndio apontando uma mangueira com grande intensidade de água – metáfora para o disparo de um imenso volume de mensagens por diferentes canais, em ritmo rápido, contínuo e repetitivo, com o objetivo de produzir credibilidade; e, mais especificamente no caso brasileiro, a aposta na disseminação de falsas narrativas que apelam à moralidade sexual.

Renata Zambonelli Nogueira – SBPSP

Será uma função do psicanalista do nosso tempo tecer novamente um pacto ético com a ideia de verdade?

Foi por essa via que se disseminou entre milhões de eleitores a certeza inquebrantável de que Fernando Haddad havia distribuído material pornográfico para crianças nas escolas, e que se instalou no Brasil um clima de desconfiança a respeito do sistema de urnas eletrônicas, a despeito dos esforços do TSE e do jornalismo em apresentar contraposições.

Como psicanalistas do nosso tempo seríamos capazes de alguma compreensão sobre as forças implicadas nesse fenômeno coletivo de abandono da realidade?

Me parece fácil enxergarmos na cultura uns tantos elementos da ordem das paixões e da moralidade suficientemente capazes de solapar o compromisso do Eu com a realidade e colocá-lo a serviço do Id: o desejo por um pai forte, protetor e interditor, que nos proteja da nossa própria sexualidade; o ódio ao PT – transformado em objeto mau, à moda esquizo-paranóide mais prosaica; o ódio às múltiplas sexualidades que conquistaram espaço dentro de um governo progressista; o ódio às mulheres e às suas conquistas de direito sobre o próprio corpo; o racismo escravocrata e o ódio de classe, vinculados ao desejo de domi-

nação do corpo do outro; a injúria introjetada e a identificação com o opressor, etc.

Quanto a tudo isso que continuemos sendo analistas!

No entanto, um elemento novo desse contexto de crise das comunicações me parece nos convocar a incluir um olhar adicional à contemporaneidade e à própria clínica: nesse terreno pantanoso da mentira, não nos caberia estarmos atentos sobre em que tipo de dados de realidade nossos pacientes apoiam suas reflexões? Ou ainda, em que fontes nós mesmos, analistas, nos apoiamos?

Em seu artigo sobre a análise de um paciente que mentia compulsivamente, “O mentiroso”, Bolla nos conta como passou de um analista que era visto por seu analisando como alguém firmemente situado na realidade, capaz de libertá-lo de sua loucura, para um analista em estado confusional, incapaz de discriminar realidade e fantasia, quando o mentir do paciente se atualizou na transferência.

Será uma função do psicanalista do nosso tempo tecer novamente um pacto ético com a ideia de verdade?

PS. Quando a escrita desse texto chegava ao fim, passaram a surgir notícias de que a jornalista Patrícia Campos Mello, da Folha de São Paulo, autora da reportagem sobre a divulgação de mensagens pelo WhatsApp financiada por empresários durante a campanha eleitoral a favor de Bolsonaro, que já fora ameaçada, passou a ser vítima de ataques nas redes sociais por meio de fake-news. Ela postou em seu Twitter: “dá vontade de desistir”. ■

08 • FEVEREIRO • 2019

No dia 25/01/2019, o Brasil foi inundado de diversas emoções devido ao que anunciavam os noticiários: a barragem do Córrego do Feijão, na zona rural de Brumadinho, havia se rompido, deixando a unidade da Vale e um povoado sob aproximadamente 15 metros de lama e rejeitos de minério.

No entanto, foi possível perceber no acolhimento dado à população de Brumadinho que as vítimas não foram apenas aquelas que estavam no local da tragédia. A cidade toda está profundamente imersa em um “inquietante” rio de lama, angústia e desamparo. Diante do estouro da barragem, toda a população se viu inundada pelo Hislflosigkeit,

o desamparo, compreendido por Freud não só como a incapacidade de um bebê para sobreviver sem um próximo assegurado, mas de forma mais ampla, como a falta de garantias com a qual o homem se depara diante da queda de ilusões protetoras.

Em sua obra sobre o desamparo, Mário Eduardo Costa Pereira (2008) nos lembra da origem da palavra Hislflosigkeit: Hilfe (ajuda) – Los (falta) – Igeit, o que parece desenhar a situação dos desabrigados e das famílias das vítimas até então desaparecidas sob a lama.

Essas pessoas se sentem na ausência de algo que possa ajudá-la a recuperar suas vidas, seus planos, sua esperança e confiança na sensação de continuidade. A barragem psíquica de cada um deles parece incapaz de

TRAGÉDIA DA BARRAGEM DE BRUMADINHO

Ethyene Andrade Costa – SBPMG

- A ESCUTA ANALÍTICA DIANTE
- DE UMA INUNDAÇÃO DE LAMA,
- ANGÚSTIA E DESAMPARO

Há que se escutar, aprender, lutar e se enlutar para reconstruir, junto à essas pessoas ilhadas na intensidade de seus sentimentos, novas barragens.

conter os rejeitos das tensões geradas pela perda de seus entes queridos.

Aqui convém retomar o conceito freudiano do Unheimlich, representado pelo conteúdo inquietante, nesse caso a condição humana de desamparo, que deveria permanecer oculto no inconsciente, se apresenta como o “que é terrível, ao que desperta angustia e horror” (Freud, 1919). A este cenário, ainda há que se acrescentar um agravante: a falta de notícias sobre os corpos das vítimas devido à extrema dificuldade de resgate apresentada pelo terreno instável de lama.

Diante da impossibilidade de velar seus familiares e assim da dificuldade de ingressar no processo de luto, pais, filhos, maridos, esposas, adultos e crianças ficam, muitas vezes, entregues à negação caracterizada por Freud (1925) como algo que o psiquismo gostaria de reprimir. Após três dias de busca, uma criança aguarda a mãe, dizendo “eu sei que minha mãe tá lá chorando e pedindo socorro”. Após 7 dias do incidente e um dia após enterrar o filho, sem ter tido a oportunidade de velar seu corpo identificado pelos legistas, uma mãe confessa: “hoje já liguei 3 vezes no numero dele. Eu ainda acho

que eles podem ter me dado qualquer corpo e meu filho vai chegar aqui qualquer dia desses”.

Nas visitas aos familiares dos desaparecidos em suas casas, muitas vezes tão simplórias, encontramos casas cheias, varandas preenchidas de muito carinho e esperança entre os que ficaram. Essas cenas nos ajudam a pensar na importância da escuta analítica em cenários de crise. As palavras do agente de Saúde Mental devem ser simples, o olhar afetuoso e a alma cheia de esperança de que essas pessoas poderão, um dia, reinvestir a libido em novos objetos, reinventando suas vidas. Como dizia anteriormente, diante dos desamparados, “sem ajuda”, em Brumadinho e região, o profissional tem sido aquele que pode amparar, emprestar suas forças e palavras. E por que não dizer que faz lembrar a função no Nebenmensch, alguém que está próximo e pode assegurar a vida do outro à medida que oferece contensão às tensões por meio de um abraço, da permissão para chorar, extravasar a raiva, ou mesmo para trazer lembranças do ente querido.

O que pode parecer pouco perto de tamanha tragédia, foi representado por um dos acolhidos com um agradecimento, dizendo: “Você tirou 80 quilos das minhas costas”.

Este é um trabalho que exige calma, compreensão e a escuta do que cada choro poderá pedir para nós, em situação de acolhida. Uma atuação que ultrapassa o setting do consultório e as paredes profissionais e existenciais que construímos até então. Há que se escutar, aprender, lutar e se enlutar para reconstruir, junto à essas pessoas ilhadas na intensidade de seus sentimentos, novas barragens. ■

NOTAS SOBRE A QUESTÃO DA REGULAMENTAÇÃO

A discussão de propostas sobre a regulamentação da Psicanálise ocorre desde a década de setenta.

Sempre foram combatidas pelos psicanalistas, pois nenhuma delas atendia as especificidades da formação e da prática psicanalítica.

O que há, então, de tão diferente agora, se já houve várias tentativas de regulamentar a profissão e todas elas foram rechaçadas e arquivadas pela comunidade psicanalítica brasileira?

Vivemos, em nosso país, um momento crítico na representatividade política. Os atores que estão movimentando as decisões políticas e as pondo em execução, trazem insegurança, pois os fundamentos de suas escolhas vão de encontro às normas que fazem parte de nossa tradição cultural, dos nossos costumes e dos nossos avanços civilizatórios. Ao lado deste quadro os evangélicos, com os equivalentes comerciais, sem compromisso com os padrões de formação analítica, dizem ter formado cerca de 25000 ditos psicanalistas.

Como sabemos, preocupado com a formação de futuros analistas e procurando evitar distorções e descaminhos na Psicanálise, Freud funda, em 1910, a International Psychoanalytical Association – IPA. Seu objetivo era criar normas para a formação analítica e enfatizava a exigência de que ninguém deveria praticar a Psicanálise se não tivesse adquirido este direito através de uma formação específica. Os padrões estabelecidos definem o processo de formação como sendo composto por uma análise pessoal, feita com um

analista qualificado, seus estudos teóricos e a supervisão do seu trabalho clínico inicial.

Esta tríade configura a formação como um ofício, e o psicanalista aprende e ganha qualificação em oficinas – os institutos de formação – onde, artesanalmente, no contato com outros analistas, desenvolve sua análise pessoal, realiza seus seminários para o aprendizado teórico e técnico e tem o seu trabalho supervisionado. Esta qualificação, portanto, não se ajusta aos modelos que podem sofrer algum tipo de certificação por instituições de ensino ou órgãos reguladores públicos; se existe um indicador, ele será, certamente, o de qual é a instituição que forma, quem são seus componentes, que padrões são seguidos.

As instituições psicanalíticas são um “lugar” para compartilhar experiências, desenvolver estudo, oferecer suporte à formação psicanalítica, partilhar a experiência de psicanalisar pessoas, bastante solitária, com seus pares.

Encontros regulares, seminários, discussões clínicas, congressos formam a agenda dessas instituições, conclamando cada um dos seus membros a dar o testemunho da sua experiência.

A transformação do campo psicanalítico inicia em 1962, com a regulamentação dos cursos de psicologia. Os psicólogos, como uma extensão natural da formação universitária que tinham tido, procuraram as nossas instituições, as vinculadas à IPA, para fazer sua formação.

Em algumas cidades, as nossas instituições reservavam a formação somente para médicos. Isso levou a que, por exemplo, no Rio de Janeiro, se constituíssem outras instituições que acolheram o grupo de psicólogos interessados na formação, em moldes similares aos preconizados pela IPA.

À medida que o tempo passou, essa demanda aumentou e, nos meados dos anos 70, chega o movimento laciano ao Rio de Janeiro e Campinas. Abriu-se, assim, outra vertente.

Estas são, digamos assim, as três grandes vertentes do grande número de instituições (sessenta e cinco subscreveram o Manifesto da Articulação lançado em 2001) espalhadas pelo Brasil, que praticam psicanálise, que formam psicanalistas e são reconhecidos por todos nós como pertencendo ao campo psicanalítico e que são as que se apresentaram para constituir a Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, no ano 2000.

Recentemente, a Diretoria da Febrapsi se reuniu em Belo Horizonte, quando discutiu-se possíveis linhas de evolução da questão.

Como disse antes, as principais possibilidades que se apresentam são: de sistemas

de acreditação (p. ex: o uso da marca psicanalistas IPA), de alcance simbólico e que nos separa do todo; regulação (criarmos uma entidade que credenciaria todas as instituições consideradas como pertencendo ao campo psicanalítico. Esta entidade avalizaria as instituições componentes e seria a interface com a sociedade), cobertura de instituições universitárias (mestrados, doutorados, pós-doutorados). Já a regulamentação implica a definição de parâmetros mínimos para que um profissional seja reconhecido como psicanalista e a criação de órgãos e procedimentos assemelhados aos que regulamentam outras atividades, com a dificuldade de enquadrar a psicanálise dentro desta moldura.

É fundamental que qualquer proposta que parta de nós, inclua a totalidade dos que se reconhecem psicanalistas, por terem a formação analítica apoiada no tripé (análise pessoal, estudo teórico e trabalho supervisionado) e, numa busca retrospectiva da linhagem analítica (uma árvore “genealógica” dos analistas antecessores), estariam ligados a Freud.

Acredito que o trabalho de articulação das entidades psicanalíticas pode levar à construção de mecanismos de regulação da sua própria prática. Os psicanalistas avançaram muito nesses anos, sob os pontos de vista clínico e teórico. Agora, a demanda é por novos avanços, avanços políticos, de forma coletiva, arregimentando apoios, principalmente na cultura e nas instâncias legislativas, para que não sejam aprovadas propostas que firam nosso ofício.

Entendemos que a universidade, o Conselho Federal de Psicologia, o Conselho Federal de Medicina, as instâncias legislativas não podem responder pela psicanálise, não podem legislar sobre a nossa formação.

Para defender esta bandeira precisamos da participação maciça e efetiva de todos nós. ■

Agora, a demanda é por novos avanços, avanços políticos, de forma coletiva, arregimentando apoios, principalmente na cultura e nas instâncias legislativas, para que não sejam aprovadas propostas que firam nosso ofício.

Wilson Amendoeira – SBPRJ

08 • FEVEREIRO • 2019

Lei denota uma relação fundamental entre fenômenos. Circunscreve possibilidade, impossibilidade ou probabilidade de um evento ocorrer. Compreender as leis da natureza permitiu transformações extraordinárias na vida humana, na face da Terra.

O mesmo se diga, de certo modo, das leis que regem as relações humanas e nosso mundo interior. O conhecimento vivo, vivencial, amplia nossa resiliência individual para lidarmos com os embates que a vida nos apresenta. Nossa prática psicanalítica não cansa de demonstrá-lo.

A lei se instala precocemente no desenvolvimento de cada um. No campo da angústia de castração, a assim chamada castração simbólica, oferece-se como elemento organizador e estruturante da vida psíquica individual.

Os campos do conhecimento procuram a lei primeira, imutável, que pode ter originado as outras.

Freud apresentou em Totem e Tabu a fantasia antropológica da passagem da natureza à cultura, a primeira lei, relacionada a parricídio e incesto. É pressuposta. Restrições à acasalamentos determinados são universais, com variações culturais. Portanto, são também culturalmente determinados. Universalidade e variação com a cultura geram o status de percentes tanto à natureza quanto à cultura.

Seria a primeira lei?

O austríaco Hans Kelsen, tido por alguns como “o jurista do século XX”, freqüentou a Sociedade Psicanalítica de Viena e dialogou com Freud, na década de 1910. Procurava uma norma fundamental anterior às outras, a partir da qual o ordenamento jurídico se explicitasse. Seria uma norma fundante, fictícia porque não poderia ser provada, mas sim pressuposta. Afirmada como premissa maior, sua validade não pode ser colocada em questão.

Se a imaginamos originada do inconsciente, ela não estaria em sintonia com a fantasia antropológica de Freud?

No campo das relações intersubjetivas, a Lei é uma técnica que possibilita a coexistência entre as pessoas. Dá contornos ao contrato social e instrui os indivíduos a reger suas práticas cotidianas de acordo com o que é aceitável ou não pela sua sociedade.

Para Freud, só é possível a vida humana em comum quando a maioria é mais poderosa do que cada um dos indivíduos. O Direito enfrenta a força bruta, com o sacrifício de pulsões, pelos indivíduos.

Isto se refere à primazia do ego, que não se deixa tyrannizar por id ou superego. Questões espinhosas podem ser pensadas e discutidas sob a égide das funções egóicas.

Constituições ou cartas constitucionais, sistematizam as leis maiores das nações, ordenadoras das outras. Elas emolduram a vida e os processos intra e intersubjetivos num dado espaço, analogamente ao que faz o enquadre, o setting, no processo analítico. Este não pode se dar sem um enquadre, o qual, por sua vez, influi muito no processo. Organiza e contextualiza a relação dual analista-analisando e configura uma relação continente/contido a ser dialeticamente examinada.

LEI, ORA, A LEI?

Plínio Montagna – SBPSP

O enquadre varia em flexibilidade, com o analista ou a dupla e é de preferência que seja internalizado. Refere-se a um conjunto de normas que compõe uma “instituição”. É a referência que dimensiona também “direitos e deveres” e que respeita as diferenças. Quanto maiores os ataques a ele, maior a importância de sua proteção e salvaguarda. Há que preservar a relação e seu desenvolvimento. Winnicott é um dos psicanalistas que acentuam a importância da moldura, do setting, em todas as situações da vida. Fronteiras, espaços, limites, nas relações com o objeto estão sempre em jogo e para ele tem a ver com o enquadre.

Nós somos um país múltiplo, um povo de composições diferentes, de diferentes origens. É somente acolhendo diferenças e as respeitando que poderemos nos afirmar como um povo que se auto respeita.

O setting pode variar muito, mas haverá algo além do qual não podemos negociar pois romperia nossos fundamentos.

O respeito às diferenças e aos direitos fundamentais do ser humano tem sido timbrado por movimentos “constitucionalistas”, democráticos e que põem em pauta e levam em consideração identidade e diferença. Suportar a dor da incompletude, da diferença e da presença do outro faz parte do contrato social

A identidade se plasma no contato com o outro, necessariamente diferente. Aceitar o outro e as diferenças também se referem a um estatuto ético. A psicanálise tem a sua ética.

Tomemos a visão kleiniana, por exemplo. A ética é implícita na passagem para a posição depressiva, na consideração com o outro, nas formas como o sentimento de culpa se manifesta. A gratidão também diz respeito a ética.

Nós somos um país múltiplo, um povo de composições diferentes, de diferentes origens. É somente acolhendo diferenças e as respeitando que poderemos nos afirmar como um povo que se auto respeita. Ainda que com defeitos, nossa chamada “constituição cidadã”, de 1988, tem essa matiz respeitosa de diferenças e direitos humanos fundamentais.

Como ataques a nosso “setting constitucional”, no momento do país, observamos ditames atacando diferenças, “pisando” nos mais indefesos, cultivando o ódio contra as eventuais críticas ou aos críticos, estes chamados de comunistas ou esquerdopatas que devem ser combatidos.

Essa homogeneização e cultivo do ódio, como lembra Adorno, é um artifício utilizado pelo fascismo, sabedor do poder de união, mostrado por Freud, aquilo que o ódio a um mesmo objeto pode trazer. Defrontamo-nos com o desafio de trazermos, a cada dia, às nossas discussões, a primazia da função pensamento, da esfera egóica, em outros termos.

As conquistas que nos levaram a estipular como lei a promoção do bem de todos, sem distinção, a importância em banir tortura ou outros tratamentos desumanos, o respeito a diferenças, diz respeito à constituição e à ética da psicanálise. ■

Não fosse a real ameaça a sua vida e de sua família, infundida pela perseguição nazista, Freud não teria deixado a Áustria e migrado para Inglaterra; não fosse a proteção de Marie Bonaparte e o reconhecimento que já conquistara, ele e sua família teriam tido destino comum a 6 milhões de judeus na segunda guerra.

O mesmo se deu com Eitingon, responsável pela criação do nosso primeiro modelo de formação e um dos fundadores da primeira Policlínica de Berlim.

Igualmente, as duas primeiras Sociedades Psicanalíticas no Brasil devem sua criação e reconhecimento à imigração.

Em 1936, a Dra. Adelheid Koch transfere-se para São Paulo, como didata da SBPSP e, em 1948, Werner Kemper é aceito como didata da SPRJ, com intermediação de Ernest Jones. Este último permanecera dirigindo a

Policlínica em Berlim, depois que as portas foram fechadas para os psicanalistas judeus.

Nas décadas seguintes, países latino-americanos foram tomados por repressivos regimes militares, gerando migrações de analistas, os quais, em boa monta, naturalizaram-se na Europa e jamais retornaram.

A perda da sensibilidade, como descreve Bauman, ancora-se na obsessão pelo poder, promovendo uma ilusão de futuro, sustentada por falsas verdades que se ancoram, por sua vez, em velhas identificações e geram apenas declínio social.

Augusta Gerchmann – SBPdePA

22 • FEVEREIRO • 2019

Somos fruto de MIGRAÇÕES

Da Argentina, onde faziam sua formação, brasileiros da região Sul puderam acompanhar a onda de violência que assolava o país, levando muitos colegas a situações de fuga e migração.

Facilmente se vê que a história da psicanálise, desde a sua criação, cruza-se com as histórias pessoais de migração, frequentemente relacionadas a casos de perseguição, rejeição e trauma. A maior parte de nós, por circunstâncias próprias ou intergeracionais, é resultado de histórias de migração.

As grandes tragédias do mundo, sejam quais forem os povos, religiões e países envolvidos, sempre fazem renascer o tema da migração, da abertura de fronteiras, do acolhimento daqueles que movidos pelo medo da fome, do frio e da violência e pela vontade de (sobre)viver, tomam a difícil decisão de ir em busca do desconhecido (unheimliche) – que há de ser melhor do que o conhecido (heimlich).

A este desejo e esperança de mudança, interpõem-se as particularidades daqueles a quem cabe a decisão de acolher quem pede abrigo e daqueles que compartilharão todos os efeitos da chegada de imigrantes.

Por um lado, as consequências das ondas migratórias para os habitantes do país de chegada não podem ser desconsideradas; por outro, não há como não lembrar das centenas de milhares que morreram por ter-lhes sido negado acesso a uma nova esperança. A História demonstra que a omissão não é inocente e que cerrar os olhos, mentir e calar também fazem perecer – orgânica e espiritualmente – a humanidade.

Além disso, a longo prazo, os imigrantes promovem novas formas de convívio e novos valores sociais que se mostram benéficos aos países que os receberam.

Nós, psicanalistas, cujo trabalho cotidiano envolve ajudar o outro a tomar decisões e lidar com o desejo, somos convocados, frente a uma cultura de desapropriação da subjetividade, a ampliar a escuta e discernir o discurso paranoico e ameaçador do “status quo”, que encontra no desamparo presa fácil, oferecendo abrigo em explicações simplórias.

Quantas pessoas que hoje nos procuram encontram-se em situação de exílio e isolamento psíquico, à deriva num mundo caótico, traumatizados pelas agressões aos seus desejos, reeditando espaços vazios de desamparo primário podendo retornar como fantasma perseguidor. Ao não saber o que buscar, vão atrás do que já foi vivido, caindo na emboscada da compulsão.

Nessa perspectiva, cabe lembrar que fechar as portas ao outro não é uma inocente omissão protetora e que os progressos que vivenciamos ao longo dos séculos são, também, fruto do acolhimento proporcionado por seres humanos conscientes e empáticos, reconhecendo no estrangeiro o semelhante.

A perda da sensibilidade, como descreve Bauman, ancora-se na obsessão pelo poder, promovendo uma ilusão de futuro, sustentada por falsas verdades que se ancoram, por sua vez, em velhas identificações e geram apenas declínio social. ■

Tive a oportunidade de ver nascer, sob a gestão de Daniel Delouya, através das competentes mãos de Cíntia Xavier, Carlos Frausino e Beth Mori, esse espaço tão especial e único que é o Observatório Psicanalítico. Não poderia deixar de aceitar o gentil convite de assinar o texto de número 100 do OP, afinal a Febrapsi é o guarda-chuva que abriga essa iniciativa.

O tema escolhido diz respeito à participação de nossos membros e candidatos nas instituições psicanalíticas da Febrapsi, Fepal e IPA, sejam sociedades, grupos de estudos, institutos, jornadas, congressos etc. Esse envolvimento institucional, conhecido como o quarto eixo da formação psicanalítica, centra-se na ideia de que a atividade institucional fortalece o desenvolvimento da identidade analítica. Se entendemos a instituição como o fórum ideal para o desenvolvimento

da Psicanálise, onde podemos incrementar a investigação e pesquisa, o intercâmbio científico com instituições de todas as latitudes, o convívio produtivo, criativo e colaborativo entre os membros e candidatos, escolher essa temática para o texto “100” do OP é mais do que adequado. E é muito significativo.

Por que essa temática é tão significativa? Por que participar? Qual a motivação para essa participação e porque atribuir-lhe tanta importância na constituição da identidade psicanalítica? Algumas ideias vieram-me à cabeça:

1. Nossa profissão é extremamente solitária. Embora estejamos o dia todo ao lado de alguém e do nosso paciente, nossas comunicações visam auxiliar o paciente a entrar em contato com seus sofrimentos, suas razões inconscientes e seus conflitos. Para que isso aconteça precisamos proteger o setting e assim facilitar a instalação do processo analítico. O convívio dentro da instituição é um lugar onde nossas trocas afetivas é livre do compromisso descrito acima. Brincar, “jogar conversa fora” com os colegas de profissão, enriquece-nos como pessoas, além de ser muito gostoso esse convívio;

2. Nosso trabalho exige que estejamos constantemente atentos ao nosso funcionamento e sempre aprendendo cada vez mais. A instituição psicanalítica é o espaço, por excelência, onde as trocas interpessoais podem e devem acontecer. Participar de reuniões científicas, debater material clínico, contribuir para a realização de um evento científico ou da editoração de nossas revistas, tudo isso faz parte da vida institucional. Essas atividades são valiosíssimas do ponto de vista científico e profundamente enriquecedoras para nós como analistas e como indivíduos, os quais precisam cada vez se aprimorar na troca de experiências com colegas que às vezes pensam parecido conosco, mas às vezes não. Lidar com a alteridade dentro das instituições é algo difícil, mas muito importante.

3. Como candidatos, a participação na vida institucional oportuniza conhecer melhor colegas mais velhos e conviver com eles. É uma grande chance de eleger modelos identificatórios para além dos seus analistas, supervisores e coordenadores de seminários. Mas não só candidatos se beneficiam dessa oportunidade. Muitos que abraçam tarefas dentro da vida institucional tem a chance de conhecer outros colegas que, de outra sorte, talvez só conhecessem de nome. Além de terem a chance de se fazerem conhecer. Isso é importante para a constituição de um networking, tão essencial em nossa atividade.
4. Por todas as razões acima podemos compreender as relações institucionais como tendo uma função continente para as angústias que enfrentamos em nossa profissão, tanto durante o período da formação, mas creio que principalmente quando a formação já está concluída.

Finalizo essa breve comunicação expressando o quão vital é para mim estar envolvida nas questões referentes aos rumos da psicanálise. Muitos desses assuntos nascem e se desenvolvem dentro das nossas sociedades locais, mas também nos transportam para outros âmbitos institucionais, tais como a Febrapsi, Fepal e IPA, pois nos levam para além dos nossos muros institucionais, ampliando nossa percepção e inserção na cultura e na comunidade.

O Observatório Psicanalítico (OP) é um belo exemplo disso, pois nasceu dentro de nossa instituição, Febrapsi, transporta-nos para muito além dela, abrangendo questões do cotidiano que dizem respeito a nós psicanalistas, pois agora temos um fórum oficial para dialogar a respeito delas.

Parabéns ao OP e a todos que contribuem escrevendo, lendo ou divulgando.

Vida longa ao OP! ■

ENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

■ o quarto eixo

O Observatório Psicanalítico (OP) é um belo exemplo disso, pois nasceu dentro de nossa instituição, Febrapsi, transporta-nos para muito além dela, abrangendo questões do cotidiano que dizem respeito a nós psicanalistas, pois agora temos um fórum oficial para dialogar a respeito delas.

~ SOBRE O QUE MAO SE PODE CONTAR

Ludmila Y. Mafrá
Frateschi (SBPSP)

Situações de grande violência e silenciamento social golpeiam diretamente os tecidos básicos da vida (social) constituídos pelos vínculos que ligam mutuamente as pessoas, causando um prejuízo na confiança no entorno social, na família, na comunidade, nas estruturas do governo, na lógica mais geral em que vivemos. A matriz de constelação identificatória, base do sentimento de pertencimento à humanidade e da própria identidade, se abala de forma profunda alterando seu funcionamento”. (Da Silva Júnior, M.R., 2009)

A psicanálise como ferramenta, escuta não apenas aquilo que se diz, mas aquilo que se cala. O que se cala porque é recalcado, mas também o que se cala porque não pode ser dito, não se inscreve, não tem lugar. A censura para a psicanálise é, de acordo com Laplanche e Pontalis (2001), a função psíquica que interdita aos desejos inconscientes e às formações que deles derivam o acesso ao sistema pré-consciente – consciente. Ela deforma o desejo e desvia a pulsão de sua meta como forma de defesa contra a angústia – angústia que levar esse desejo a cabo acarretaria. Esse mecanismo é essencial para a vida em sociedade, pois permite a modulação psíquica do que pode ou não ser feito, bem como a busca de satisfações compensatórias, para que a vida comum com outros sujeitos se torne possível.

12 • ABRIL • 2019

No entanto, quando a censura se faz demasiada, os desejos e impulsos insistem, exigindo expressão. Neste sentido, a psicanálise reforça uma distinção importante entre o que se diz, se expressa por meio da fala (e desse modo, é simbolizado) e o que se faz como ato impensado e imediato, especialmente no que se refere às atitudes de ódio e violência.

A psicanálise como ferramenta, escuta não apenas aquilo que se diz, mas aquilo que se cala.

Há leis que proíbem a apologia a crimes de ódio ou criminalizam declarações com conteúdo discriminatório. A partir delas censura-se, também no sentido psicanalítico, impulsos que violentam o outro. Trata-se de um tipo de lei fundamentada na construção histórica de que determinados grupos vêm sendo exterminados e que precisamos de novos mecanismos de regulação do laço social para evitar isso. Elas também são construídas, ao

menos no Estado Democrático de Direito, de forma a articular os diferentes jogos de força presentes na sociedade: movimentos sociais, Poder Legislativo, Poder Executivo, Poder Judiciário. Ainda assim, especialmente até que os sujeitos possam se reconfigurar, de fato podem forçar o recalque intenso de impulsos destrutivos presentes em todos nós que precisam encontrar outros modos de vazão. Há que se ressaltar porém, a diferença entre quem fala no ambiente privado, de forma a dar palavra a um desejo secreto e quem fala no ambiente público, muitas vezes a partir de uma posição institucional. Quando quem fala ocupa uma posição de poder, empresta todo esse poder ao que diz.

Outras censuras operam de outra maneira. É o caso quando o grupo que ocupa o Poder Executivo decide a que informações e opiniões o povo deve ou não ter acesso, a despeito das construções históricas e das negociações institucionais. Neste caso, tende-se a escolher uma única versão da história para ser contada, anulando as outras e muito raramente, a censura aí está ligada ao aprofundamento do laço social e sim à manutenção daquele governo e de sua ideologia no poder. Não inibem mas silenciam, buscando aniquilar aquilo que aparece como impulso contrário ou de oposição.

Entre aqueles que se propõem a pensar os efeitos da ditadura na sociedade brasileira

contemporânea, há dois debates fundamentais: o primeiro diz respeito ao efeito da lei de anistia (ampla, geral e irrestrita). Muitos dizem que ela foi “aquela possível” na época. Outros defendem que a anistia brasileira iguala o crime individual ao crime de Estado e não considera o direito de defesa dos cidadãos à situação de opressão a que foram submetidos. A partir desta reflexão, parece aplicável a noção ferenciana de desmentido: quando o que se passa não é uma distorção ou recalque da história, mas uma inversão desta que nega / invalida a experiência vivida na realidade, isso tem efeito enlouquecedor. Cito aqui um trecho de 1984, de Orwell (2009):

“Entendo COMO, mas não entendo POR QUÊ. Considerou a hipótese, como tantas outras vezes antes, de ele próprio ser um doente mental. Talvez um doente mental fosse simplesmente uma minoria de um. Houvera um tempo em que se considerava sinal de loucura acreditar que a Terra girava em torno do Sol. Hoje, o sinal de loucura era acreditar que o passado era inalterável. Ele podia ser o único a acreditar naquilo e, se fosse o único, seria um doente mental. Mas a ideia de que talvez fosse um doente mental não chegava a perturbá-lo muito: o horror estava em também existir a possibilidade de que estivesse errado”.

O segundo debate trata da publicação de testemunhos pessoais daqueles que viveram as práticas mais bárbaras da ditadura – muitos defendem que se trata do único modo de fazer presente a história de um país que insiste em silenciá-la. Outros, no entanto, destacam o quanto se desloca um debate sobre o laço social para experiências individuais, trazendo

à tona experiências trágicas com que as pessoas eventualmente até se identificam, mas não reconhecem como suas.

Debieux Rosa e Gagliato (2011) acrescentam ainda uma leitura adicional: citando Lacan e suas discussões sobre a resistência ser sempre uma resistência do analista, os autores propõem que a dificuldade de quem viveu a violência de Estado contar suas histórias e fazê-las presentes talvez se deva também à dificuldade de encontrar quem escute. Como se todos estivéssemos impossibilitados de ouvir, defendidos de entrar em contato com o horror que tal violência provoca, tanto pelo medo de sermos submetidos a algo semelhante, como pelo contato com a nossa fantasia recalcada de tirania (a la Totem e Tabu), que ali se legitima.

Não são novidade para ninguém os diversos estudos internacionais sobre a relação entre a vivência de períodos ditatoriais e as taxas de adoecimento, suicídio, genocídio nos

Ao invés de estarmos fazendo lutos e elaborando a nossa experiência recente nós seguimos repetindo o que há, o que houve, o que haverá, já que a não inscrição do trauma também impede a instauração de tempos diferentes.

períodos subsequentes, taxas aliás bastante altas por aqui (ou se são, é porque algo impede o dar-se conta). Oitenta tiros. Uma vereadora morta por sua atuação política. 160 pessoas assassinadas por policiais em um mês no Estado do Rio de Janeiro. Mais ativistas mortos que em quase todos os países do mundo. Ao invés de estarmos fazendo lutos e elaborando a nossa experiência recente nós seguimos repetindo o que há, o que houve, o que haverá, já que a não inscrição do trauma também impede a instauração de tempos diferentes.

Encerro com Marcelo Viñar (2014):

“Há um século, em Totem e Tabu, Freud assinalava que nenhum ato significativo de uma geração – ainda mais se for infamante ou vergonhoso – poderia ser ocultado da seguinte. A intimidade familiar é a caixa de ressonância que amplifica a peripécia da dor interior do traumatizado. O assédio recorrente de uma origem vergonhosa e humilhante transita sem fim ao longo das gerações, como sagazmente sugeria Michelet, cento e setenta anos atrás. A nobre tarefa das nossas instituições solidárias e dos nossos consultórios é necessária, porém não suficiente. Não se trata do uso midiático da tortura e do genocídio como espetáculo do horror, comovedor, mas no fundo apenas espetáculo; trata-se de vencer o escândalo e a repugnância que nos provocam o devolver à luz, à cena pública, uma das facetas mais abjetas de que nossa espécie é capaz”. ■

PSICANÁLISE & CULTURA

26 • ABRIL • 2019

■ clínica do mundo

Leda Herrmann - SBPSP

O boom da Psicanálise no tratamento das neuroses deu-se a partir da segunda metade do século passado e à época passou a ser a opção preferida à psiquiatria. Por um lado, ampliou-se em muito a prática de consultório dos próprios psiquiatras, por outro, fomos deixando de lado o alcance que Freud deu à Psicanálise com suas análises da cultura, da literatura, dos mitos. Desde sua criação, Freud nos brindou com textos como “Psicopatologia da vida cotidiana” (1901), “A moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno” (1908), Gradiva (1907), “Totem e tabu” (1930, Mal-estar na cultura” (1930), “Moisés e

o monoteísmo” (1939). Era assim que pensava o mundo em que vivia e, podemos dizer, nos propunha um pensamento clínico do mundo. O boom da clínica de meados do século passado provocou um encolhimento da Psicanálise e levou-a a habitar as paredes do consultório, seu divã e o setting.

O Observatório Psicanalítico, com sua proposta de abrigar “ensaios sobre acontecimentos sociais, culturais e políticos do Brasil e do mundo”, tem nos facilitado considerar os sentidos que vem tomando o mundo em que vivemos.

O Observatório Psicanalítico, com sua proposta de abrigar “ensaios sobre acontecimentos sociais, culturais e políticos do Brasil e do mundo”, tem nos facilitado considerar os sentidos que vem tomando o mundo em que vivemos. Propicia-nos um exercício de clínica extensa para quem escreve e para quem lê. Clínica extensa nos termos propostos pelo pensamento de Fabio Herrmann, na esteira freudiana de clínica do mundo.

Consideremos a internet com seu bombardeio ou avalanche de informações a nos atingir diretamente e sem nenhuma intermediação. A ele respondemos direta e imediatamente, quase que como numa conversa conosco mesmo. A ausência de um interlocutor real – alguém com quem conversamos –, ou interlocutor preposto pela folha de jornal que lemos, ou no noticiário que vemos na televisão, nos impede essa pausa para reflexão que qualquer intermediação impõe. Não é que estejamos “falando sozinhos”, mas respondendo também de imediato, quase que em um impulso. Creio ser uma reação habitual parar o que estamos fazendo e pegar o celular quando escutamos o toque que anuncia o recebimento de uma mensagem de WhatsApp. Que forte apelo narcísico!

O argumento de Freud do imperativo cultural de renúncia instintiva em *O Mal-Estar na Cultura*, expressa uma típica ideia vitoriana, mais característica da atmosfera moral e da patologia de sua época. No entanto, permite a Freud apontar, para a ciência que estava criando, essa pertinência também na cultura e não só nos processos psíquicos que investigava a fundo a partir de sua clínica.

O que quero pontuar e resgatar é a ideia freudiana de que a cultura, ou seja, as produções culturais são também objeto de nossa ainda jovem ciência, a Psicanálise, e de sua prática, seja no consultório ou fora dele. E é desse ponto de vista que que estou considerando a questão da clínica extensa.

Quero terminar com uma citação de Fabio Herrmann, retirada de seu último livro, publicado postumamente:

“A clínica extensa, tal como Freud a criou e a realidade multiplicou, não é hoje um mérito, mas um fato. Mérito é preparar-se para ela e aceitá-la graciosamente. Hoje, a metamorfose já começou. Estendida a clínica, já não temos os pacientes habituais. Outras patologias impõem-se, outros suportes da psique, não necessariamente individuais, novas modalidades de prática no próprio consultório, algumas muito antigas. Voltar à sociedade, voltar à cultura, sobretudo, voltar à literatura, fonte de nossa ciência – operação que exige a ruptura do campo epistemológico daquilo que se entende por ciência. Apegados a este consultório – que também pratico e amo –, estávamos despreparados para sua extensão. Exatamente aqui incide a exigência da alta teoria, pois é preciso notar que a clínica extensa não vem da falta de pacientes, mas da quebra do já apontado círculo vicioso doutrina reificada, clínica padrão, pelo acúmulo de lentas e pequenas alterações da realidade social, da psicopatologia, do próprio movimento psicanalítico, daquilo a que se poderia chamar ambiente epistemológico etc.” (Fundamentos da Psicanálise: Quatro cursos e um preâmbulo. Ed. Blucher, 2015, pp 211-2). ■

U

U

U

U

PSICANÁLISE

CULTURA

SOCIEDADE

A PRESENÇA DO HORROR

Apontou-nos para a gravidade de uma sociedade que esconde de si própria uma realidade cruel, desumana, quando o povo é flagelado quer pelo trato dado à educação, quer pela desatenção à saúde, quer pela constância de ataques à sua economia, roubando-lhes conquistas diuturnamente feitas.

Como psicanalistas cabe-nos olhar os fenômenos, os acontecimentos em sua complexidade sócio-psíquica. O recente incêndio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, impactou-nos por uma verificação: a fogueira em que estamos imersos.

Cada um de nós viu-se no centro desse fogo, sentindo as labaredas que nos consomem, na constância dos riscos em transitar em liberdade, em usar os direitos de ser cidadão, de ser um Ser pensante.

Sim, incêndio que vem devastando nossa sociedade, apequenando as mentalidades, constrangendo as competências, assassinando futuros. Vimos queimar não apenas o registro dos caminhos trilhados pela civilização mas, muito além, as possibilidades de um futuro.

A verdade fez-se pelas labaredas, pelo fogo abrasador, cortante, gritante. Verdade essa que vem sendo reprimida pelo engodo, pela mentira, pelo uso mesquinho dos utilitaristas do terror.

Não nos doeu simplesmente a dor de um passado perdido, mais além, do trabalho de construção dos artefatos culturais, do gigantesco esforço em lidar com o mundo, em tentar entendê-lo, movimento esse onde a palavra amor ganha sentido, como realização em prol de uma coletividade.

Tivemos de ver aquilo que já sabíamos, que sempre esteve e está à nossa frente – a verdade fez-se pelas labaredas, pelo fogo abrasador, cortante, gritante. Verdade essa que vem sendo reprimida pelo engodo, pela mentira, pelo uso mesquinho dos utilitaristas do terror.

Quão próximo de nós está o holocausto! ■

O FUZIL E O GUARDA-CHUVA

No dia 17 de setembro, Rodrigo Alexandre da Silva Serrano, 26 anos, negro, garçom, desceu a ladeira do Morro do Chapéu Mangueira, no Rio de Janeiro para esperar a mulher e os filhos com um guarda-chuva preto, um celular, um “canguru” (aquela espécie de suporte para carregar crianças) e as chaves de casa. Eram 19h30. Três tiros da PM mataram Rodrigo. Seu guarda-chuva foi confundido com um fuzil.

Esta tragédia serve como parábola de outra tragédia: a que o Brasil vive neste momento.

No dia anterior a este crime, hackers tinham invadido um grupo da internet com dois milhões de mulheres que com a hastag

#EleNão posicionava-se contra o candidato à Presidência que sustenta posições misóginas e racistas. O feitiço virou contra o feiticeiro: a manobra dos hackers viralizou o #EleNão. As “fraquejadas” mostraram a sua força.

O movimento político das mulheres, supra partidário, expôs que é do feminino que vem a resistência contra o fascismo. As mulheres – maioria em nosso país – compõem

Liana Albernaz de
Melo Bastos – SBPRJ

as minorias, os segmentos da população sub-representados nas instâncias de poder, tal como os negros, os indígenas, os LGBT e a população pobre em geral.

Nos últimos dois anos, o país foi abusado e estuprado. As conquistas de nossa jovem democracia de 30 anos foram desfeitas de forma brutal por um governo cuja legitimidade não é reconhecida. A violência cresceu de modo exponencial banalizando-se. O desamparo e o abandono deixaram os segmentos mais frágeis da população à mercê de propostas que significassem proteção e restabelecimento da autoridade.

É neste terreno que vem proliferando, no Brasil, as ideias fascistas. Da Alemanha nazista ao ressurgimento dos atuais movimentos de intolerância mundo afora, o que estes desamparados clamam é por um pai forte que os proteja: o pai da horda primitiva.

As mulheres sempre souberam que, na horda primitiva, o pai déspota não as protege. Elas são as primeiras a não terem seu valor reconhecido. O autoritarismo não é autoridade na medida em que não é pactuado por todos em igualdade de oportunidades. Reconhecer a castração – a que estamos todos sujeitos, homens e mulheres – é o feminino que nos iguala e que permite o pacto democrático.

As mulheres sempre souberam que, na horda primitiva, o pai déspota não as protege. Elas são as primeiras a não terem seu valor reconhecido.

Assim, o #EleNão tira sua força de uma experiência imemorial das mulheres traduzindo-se em linguagem simbólica. Discurso e ação compõem a política e é esta a nossa verdadeira humanidade. (Hanna Arendt)

Precisamos, sim, de amparo mas não de fuzis.

Precisamos de guarda-chuvas, portados por homens e mulheres, que nos reúnam num movimento solidário e democrático que aponte para dias melhores com um horizonte sem medo e sem tempestades. #EleNão. ■

Valton de Miranda
Leitão - SPFor

A MATRIZ INCONSCIENTE DA TIRANIA

O mundo vive um momento de convulsão com o avanço da intolerância xenofóbica e o racismo com o medo crescente do futuro. Hobbes disse que o medo é um demônio que se alimenta do medo, e isso se espalha pelo planeta como rastilho de pólvora.

O Brasil vive momentos tenebrosos e os próximos dias serão decisivos para a defesa do processo civilizatório brasileiro. Não se trata somente de defender a democracia, mas de compreender que a linguagem nazi-fascista traz na sua intimidade o discurso inumano, encoberto pela luta contra a corrupção e a defesa da ordem.

Shakespeare, em Rei Lear, mostra o desmoronamento do Estado e a desagregação da consciência social e individual precedidos pelo eclipse da lua. É preciso que o Brasil não se entregue ao eclipse da Razão, pois a única garantia que temos para que tal não aconteça é a defesa intransigente da Constituição de 1988 e do jogo democrático pelo conjunto da população mobilizada nas assembleias intelectuais, nas ruas e nas praças.

04 • OUTUBRO • 2018

Os psicanalistas brasileiros como intelectuais regidos pelo amor à verdade, no sentido mais amplo, não podem ficar indiferentes diante da destrutividade, da intolerância e do ataque escancarado a todas as diferenças.

Os psicanalistas neste momento não podem se omitir, pois como disse H. Segal o silêncio da IPA, em 1933, facilitou a ascensão do nazismo na Alemanha. A destrutividade inerente à pulsão de morte não pode prevalecer sobre Eros e sua força vinculante amorosa e integradora.

As crenças atávicas de todos os preconceitos que repousam no inconsciente são ativadas por demagogos como Jânio, Collor e no presente pelo capitão Bolsonaro. É impossível deixar de personalizar, pois o comedimento tem limites, porquanto as evidências não fazem sentido para o irracionalismo. Os paranoicos

na exaltação alucinatória não precisam de provas factuais para alimentar suas convicções.

A única garantia que temos de alcançar a paz é lutar por ela sem discriminação de crença ou ideologia, mas contra o obscurantismo que usa o discurso sem discurso, uma fala que não diz e um fazer ameaçador. Essa é a linguagem do ódio que massacrou os judeus no holocausto e parte do povo eslavo, nos Gulags stalinistas. Os oficiais nazistas acreditavam sinceramente que era necessário destruir o “degenerado” povo judeu, e isso era feito como ética da convicção (Ingrao).

O exemplo brasileiro atual confirma Freud em o Mal Estar na Cultura, pois a civilidade está sendo substituída pela brutalidade. O princípio de realidade parece invadido pelo princípio da maldade, cujo objetivo é fuzilar o inimigo construído no delírio paranoico inconsciente com a colaboração da mídia irresponsável e do mercado sacralizado.

O jogo democrático é substituído por ameaças de toda natureza, enquanto as instituições como o judiciário e o parlamento não cumprem seu papel de defesa da Constituição referendada pelo povo.

Os psicanalistas brasileiros como intelectuais regidos pelo amor à verdade, no sentido mais amplo, não podem ficar indiferentes diante da destrutividade, da intolerância e do ataque escancarado a todas as diferenças. A democracia não precisa de tutela militar ou judiciária, mas de respeito à soberania popular. ■

INTERVENÇÃO: O AMOR NÃO QUER DIZER GRANDE COISA

O filme, de Gustavo Aranda, Tales Ab'Saber e Rubens Rewald, reúne uma sequência de depoimentos, situados visivelmente num contexto de crise aguda. O pacto social democrático parece estar à beira da ruptura para dar lugar a um regime comunista.

A breve sequência do início do filme explicita isso: o jornalista (Reinaldo Azevedo) em um evento no Clube Militar, diz que há dois anos ali falava sobre “liberdade de expressão”, enquanto – na mesma ocasião – no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo se discutia o “controle social da mídia”. Destaca a curiosa situação de estarem falando de “liberdade de expressão” num clube militar, enquanto que numa entidade civil de jornalistas, sob o eufemismo de “controle social da mídia” se falava de formas de estabelecer restrições à liberdade de imprensa e, portanto, à liberdade de expressão.

Nos deparamos de saída com a oposição entre democracia e ditadura no centro da vivência de crise subjacente aos depoimentos que vamos ouvir ao longo do filme, marcados pelo medo de uma ditadura comunista. Os depoimentos se situam num momento de crise política grave, 2015/2016, agravada por uma rápida e imprevisível retração da economia que parecia escapar ao controle de um governo há pouco tempo reeleito.

O conjunto dessas falas enlouquecidas de pessoas muito assustadas e enraivecidas tem para mim um grande interesse sob dois

ângulos que se superpõem em parte: põem a nu o tema dos valores e ideais que nos estruturam, mas que correm o risco de derrapar, em certas circunstâncias, para uma cegueira exaltada, febril, ativista, brutal. A outro, diz respeito à interrogação sobre o que viria a ser um pensamento de extrema direita no Brasil de hoje. No que vemos no filme talvez se mostre em gestação, inarticulado.

O traço mais evidente é a oposição à ideologia e a um projeto suposto de instalação de regime comunista no País, mas há também a rejeição preconceituosa e moralista dos avanços civilizatórios que estão ocorrendo entre nós no plano dos costumes e das mentalidades, além de uma disposição para aceitar regimes autoritários não democráticos. Recusa reativa, portanto, à uma ditadura comunista, mas pouco apreço pela manutenção e avanços de nossa democracia.

Voltando ao primeiro ponto, ao que chamei de enlouquecimento dos ideais nas falas aqui reunidas recorro ao psicanalista francês, René Kaës, que, na tradição dos terapeutas de grupo, tem chegado a formulações valiosas para esse tema; ele se estende também ao que poderíamos chamar de psicopatologia dos preconceitos.

O que destaco na contribuição de Kaës é que as pessoas podem se desestruturar quando algo vacila na cultura e na história, pondo em crise referências estabelecidas que se abrem para um horizonte incerto, indefinido, arriscado, levando-as a uma condição que o autor chama de “posição ideológica radical”.

Para o que nos interessa aqui, Kaës caracteriza como um estado psíquico baseado em certezas absolutas, que se contrapõem ao incerto e desconhecido, travando a capacidade para pensar de forma ponderada, capaz de levar em conta os dados da realidade, daquilo que é percebido pela pessoa; instala-se, ao contrário, um

modo de pensar em bloco, baseado na recusa das percepções que impede de nuançar e avaliar a efetiva extensão dos perigos e dificuldades. Instala-se a urgência de uma ação decisiva, única. No caso dos depoimentos, essa ação seria a intervenção militar salvadora.

São ideias imperativas, desconfiadas (no filme, são frequentes ideias conspiratórias, às vezes, francamente delirantes como a da maçonaria, ou da participação da Rússia e da China numa intervenção militar), que não admitem nenhuma diferença, nenhuma alteridade. Essa condição, diz ele, “está subentendida por angústias de aniquilamento iminente” (tão perceptíveis nos depoimentos) e por “fantasias grandiosas de tipo paranoico” (idem, em alguns).

Tentando cercar de alguma inteligibilidade o colapso “da capacidade de amar” no vínculo social que ouvimos nessas falas, encontro em uma psicossocióloga, Jacqueline Barus-Michel, igualmente a referência à “fragilização coletiva” em situações de crise que põe a nu o que ela chama de “núcleo psicótico desse coletivo” caracterizado como uma “ameaça de desagregação” que o leva - o coletivo - a ligar-se a um personagem com “defesas de tipo paranoico (rigidez defensiva), que se manifestam num discurso violento”, para restaurar em torno dele, segundo ela, “um sentimento de identidade reforçado”. Se nas falas aqui reunidas não há ainda esse “personagem”, poderíamos vê-lo, talvez, na autoridade militar implícita que, em sua chefia, detém o poder e a coragem de fazer “a intervenção”.

As pessoas podem se desestruturar quando algo vacila na cultura e na história.

Essa observação, centrada na relação com a força e a violência de um chefe, faz algum sentido quando vemos o crescendo de raiva e de exasperação das falas quando alguma coisa indica que “os militares não vão intervir”, raiva que se volta contra eles e depois contra todos os brasileiros, atingindo um nível de violência extremo no caso da pessoa que vive no exterior já no final do filme. Ele termina dizendo que se algum brasileiro bater na casa dele, ele o receberá a tiros.

Termino mencionando uma entrevista do historiador inglês Richard Evans, grande conhecedor do nazismo, partido que, em novembro de 1932, nas últimas eleições livres, foi cooptado pelos conservadores para formar um governo de coalizão; esse assumiu em janeiro de 1933 e foi exercido com tal violência que não levou mais que seis meses para destruir a oposição e estabelecer a ditadura do partido nazista.

O historiador conclui, dizendo que: “a maneira pela qual os nazistas destruíram a democracia de Weimar e estabeleceram uma ditadura, seu desprezo pela verdade, sua supressão da liberdade de expressão e de pensamento, sua supressão da independência judicial e seu racismo virulento servem como advertência contra desenvolvimentos políticos comparáveis em nosso próprio tempo.”

Alerta que nos diz respeito se considerarmos a importância da manutenção e do fortalecimento de nossa própria democracia, recuperada desde 1985, evitando o canto das sereias das “democracias populares”, insistente e camuflado em uma certa ideologia esquerdista ou, o apelo – tema do filme – por uma nova ditadura militar. Só quem ficou privado da democracia por um tempo que parecia sem fim, sabe o quanto é inestimável, inclusive como condição para se alcançar avanços sociais nos mais variados fronts dos desafios sociais e culturais de nossa atualidade. ■

Dora Tognoli - SBPSP

05 • DEZEMBRO • 2018

O filme recente – *Bohemian Rhapsody*, nos oferece uma oportunidade de falar de Freddie Mercury e o legado de sua passagem pelo século XX. Analisar sua carreira, sua sexualidade, sua morte quase trágica e precoce em função da AIDS, é correr um grande risco: estaremos sujeitos a psicologismos, moralismos, explicações ideológicas, teorias sobre confusão entre vida pública e privada, falta de limites, amores bandidos, poder nefasto da mídia e outros temas inúmeros. O filme também nos serve como gatilho para refletirmos sobre a política dos anos 70/80 e as transformações culturais intensas que atravessaram as últimas décadas do século XX, que tiveram em Freddie Mercury um protagonista importante.

Já falar de sua poética e do que ela evoca, nos mostra um caminho para pensar. Fiel ou nem tanto à sua biografia, o filme nos apresenta um garoto exótico e excêntrico. Exótico na aparência, na origem, na religião familiar, remanescente de uma cultura oriental rara, o zoroastrismo. Freddie, nascido Farrokh Bulsara, parece escapar a tudo, construindo com muita potência um espaço extremamente inusitado, forjado com seus talentos e desejos. Excêntrico: fora do centro, do centro da mesmice e com uma alta capacidade de marcar sua singularidade. Excêntrico dentro do próprio grupo de rock que criou, o Queen.

Cabe um destaque especial para seu corpo. Para quem não sabia, o filme revela que Freddie nasceu com um defeito: dentes a mais na boca (36: 4 a mais que o normal), o que lhe conferia um aspecto estranho. Ficamos sabendo que Freddie recusa alterar sua genética, e mantém todos aqueles dentes que marcam suas mandíbulas, porque tinha uma teoria de que o tamanho avantajado

de sua cavidade bucal era responsável pela potência de sua voz, tão elogiada. Fetiche? Talento? Marca divina?

Além dessa peculiaridade, Freddie não é apenas uma bela voz: é um corpo que se expressa, se lança a nossos olhares e assombra pelo erotismo e força expressiva. Não basta ouvi-lo: é preciso ver seu corpo se agitar e ocupar todo o espaço do palco e da plateia.

Nos assuntos da paixão e da arte, caracterizados por grandes intensidades, sabemos que há um fio tênue, embora pouco perceptível, que liga amor e morte.

Em vários momentos de sua obra, Freud coloca uma questão: qual a fonte de onde os artistas retiram suas fantasias, e como conseguem nos despertar emoções tão intensas? Freddie Mercury, sem dúvida, despertou intensas emoções em diversas plateias e revelou uma poética inusitada para um garoto que veio de um país exótico e se destacou na cena musical tal qual um Elvis Presley, um homem que como ele faz uso abusado de seu corpo, de seu erotismo e sensualidade em grau máximo.

Na delicada temática da sexualidade, o filme mostra Freddie encarando sua bissexualidade, junto à namorada amiga de toda a vida, herdeira de sua mansão, a quem dedicou a música *Love of my life*. Momentos acompanhados de angústia, tão familiar a todos nós, mas que no filme ganha ares trágicos. Homossexual? Gay? Bissexual? A sexualidade está em questão, no corpo de Freddie e na política dos corpos dos anos 80.

Além de seu talento, criatividade e voz especial, a imagem corporal de Freddie Mercury ficou entre nós, representando uma época importante e carregando rupturas que surgiram com força. Interessante observarmos, no filme, as transformações que o corpo e a aparência do artista sofrem: abandona os cabelos longos dos roqueiros, e que seu grupo musical conserva, e surge com um corpo masculino viril e polimorfo, que expõe em roupas marcantes e pouco discretas. Músculos, coreografias, levantes, convite a um banquete dionisíaco, que as plateias enormes aceitam de bom grado. Freddie se oferece a seus fãs, sem medo e com coragem.

Nos assuntos da paixão e da arte, caracterizados por grandes intensidades, sabemos que há um fio tênue, embora pouco perceptível, que liga amor e morte. – Esse fio só é lembrado nas grandes tragédias. Freddie foi um dos primeiros ídolos que perdeu a vida ainda jovem e repleto de ideias por conta da AIDS. Hoje, temos mais recursos da medicina para enfrentar esse mal, mas os tempos sombrios e estranhos que se avizinham, parecem não se mostrar tão favoráveis a aceitar a singularidade dos artistas e das plateias... ■

MERCURY

BOHEMIAN RHAPSODY 1946-1991

ESCOLA SEM PARTIDO: A ONDA CONSERVADORA

Osamba enredo da carioca Imperatriz Leopoldinense, prestes a completar 30 anos, surgiu para se comemorar os 100 anos da República Brasileira. Não há dúvida que neste refrão há um forte apelo pela liberdade e busca de maior igualdade social, e talvez seu enorme sucesso se deva ao grito entalado na garganta dos anos de restrições das liberdades individuais e coletivas. Mas, se é este o conteúdo do refrão, o restante se mostra pleno de contradições com as quais convivemos nestes anos, contradições a ver com uma república (res publica, do latim, coisa pública) proclamada a partir do descontentamento:

- da Igreja Católica frente às interferências de D. Pedro II nas suas decisões;
- do Exército;
- da classe média, desejosa de maior ascensão econômica e participação política;
- dos grandes proprietários, inquietos com um sistema escravagista que já se revelava obsoleto diante das modernas relações capitalistas de trabalho.

A República nasce pelas mãos dos militares, aos quais se juntam grupos seguidores da filosofia positivista de Augusto Conte resumida no lema Ordem e Progresso. Contudo, para as populações das camadas mais humildes não houve nenhum favorecimento com sua proclamação. Tampouco escravos e descendentes de escravos receberam algum tipo de reparação ou direito à propriedade.

Um pequeno texto de resgate histórico como este poderia ser utilizado numa sala de aula a partir da possível aprovação do projeto

encabeçado pelo movimento Escola sem partido? Ou o professor poderia ser denunciado por pais e alunos, e a partir disso ser processado?

Os defensores dessa ideia dizem que a grande contribuição da Escola sem partido é deixar claro os critérios que o professor deve seguir em sala de aula. O professor deveria se ater ao seu papel: sem emitir opinião, expor apenas o conteúdo estabelecido pelo projeto pedagógico. Para tais defensores, as crianças não saberiam diferenciar o que é fato do que é opinião, sujeitas, portanto, à doutrinação ideológica. Afirmam que a ideia não é de perseguir professores e que a relação entre professor e aluno deve basear-se na confiança e na ética. Contudo há assuntos que não poderiam ser abordados pelos professores, entre esses os que envolvessem moral, religiosidade e sexualidade. Esses pertenceriam ao âmbito familiar.

Um questionamento que emerge é se esse movimento não tenderia mais para uma escola de um único partido ou uma lei da mordada, que impediria a liberdade de um professor ensinar seus alunos conforme as curiosidades destes, se entregando ao processo criativo do ensino e do aprendizado no qual são essenciais o vínculo de confiança e a convivência com as diferenças. Ademais, os defensores da Escola sem Partido acrescentam que todo conteúdo deve ser apresentado em pelo menos duas versões históricas, o que levaria ao risco de

*Liberdade, liberdade
Abre as asas sobre nós
E que a voz da igualdade
Seja sempre a nossa voz
Vários autores, 1989*

Anne Pfluger - SPPA

um inadmissível retrocesso, pois há assuntos que gozam de um consenso humanitário. Por exemplo: o holocausto sofrido pelo povo judeu.

O curioso é que, neste movimento e na lei prestes a ser votada, não vemos a contribuição de educadores, pedagogos, pediatras, psicólogos e psicanalistas. Esses não são chamados para a discussão e o diálogo. Ainda mais, há o ataque às ideias de Paulo Freire, patrono de nossa Educação e um dos autores mais lido por educadores ao longo de seus processos de formação. Freire sempre defendeu o diálogo como o caminho para o respeito a todas as visões de mundo. Para ele “o objetivo do ensino é justamente que cada aluno cresça como um sujeito crítico, construindo sua concepção de mundo e compreendendo que não há verdades absolutas, mas, sim, visões com as quais devemos dialogar” (H. Borges, 2018)

Nos meus anos de trabalho com crianças e adolescentes, me deparei com professores muito interessados no desenvolvimento dos seus alunos, buscando orientações sobre a melhor forma de lidar com os inúmeros problemas comuns num ambiente escolar.

Crianças testam a confiabilidade do adulto, do professor e, quando este adulto é confiável, se entregam ao processo de aprendizado. É numa relação de confiança e afetividade que este ocorre.

Uma dessas questões é da sexualidade sempre pulsante. Nosso colega Paulo Favalli, em comentário feito no OP, nos disse que os moralistas de plantão “...falam como se a sexualidade surgisse nas inocentes crianças por indução de adultos perversos” e “...desde 1897 esta tese caiu por terra. A presença da sexualidade infantil é uma das pedras fundamentais da psicanálise. A conduta hipócrita que visa negar este fato apenas tem contribuído ao desenvolvimento da psicopatologia. Portanto, cabe à família e, por extensão, à escola ajudarem crianças e jovens a conhecerem e a lidarem melhor com sua própria sexualidade, aliviando-os das inerentes angústias que daí podem decorrer.”

Crianças testam a confiabilidade do adulto, do professor e, quando este adulto é confiável, se entregam ao processo de aprendizado. É numa relação de confiança e afetividade que este ocorre. O que restaria da confiança caso aluno ou pais se tornassem delatores daquilo que seria considerado doutrinação?

Lembramos de Winnicott (1963) e M. Klein (1946) para inferir que quem mais perderia seria o próprio aluno, já que o ambiente se tornaria persecutório e estes teriam que lidar com angústias primitivas. E como se sentiriam os professores submetidos a essa lei imposta autoritariamente, enquanto deveriam ser eles os representantes da autoridade dentro da sala de aula?

Para sobreviver a mais essa insanidade, contemos com a dimensão do que há de mais especial na psicanálise: o poder de Eros, o respeito a todos os caminhos da sexualidade e o amor à verdade. Sigamos em frente tomando o PARTIDO DA VIDA! ■

10 • DEZEMBRO • 2018

sobre JOÃO DE DEUS

Roosevelt Cassorla –
GEPCampinas e SBPSP

19 • DEZEMBRO • 2018

A adoração do Phallus (pênis ereto) percorre toda a história de humanidade e encontramos nas mitologias. Trata-se de uma equação simbólica com o Sol, que por sua visibilidade foi um dos primeiros Deuses. O Sol dá a luz e a vida. Intuitivamente se sabia que o Sol fertilizava a terra de onde vinha a alimentação. A adoração ao Phallus deve ter ocorrido ao mesmo tempo. A Fertilidade, a Vida, dependem dele. O sêmen é a semente. A mulher é a terra, o receptáculo do sêmen. Imagino que, aos poucos, a mulher passa a ter importância como quem estimula a ereção, mas essa importância é denegada. Em algum momento surgem as Deusas do amor e a “prostituição sagrada”. A questão da fertilidade está sempre presente.

Adorar é prostrar-se, curvar-se em direção à terra. Quem adora reconhece o objeto de adoração como seu senhor, será seu servo e o obedecerá.

Para nós, psicanalistas, adoração é uma submissão total ao objeto idealizado. O Sol, o Phallus, o Sacerdote, representante de Deus. A adoração é a mesma que um bebê frente a sua bela e fascinante mãe, de quem ele depende. É a adoração do casal parental, agente da fertilidade, de quem se nasceu. A perplexidade frente aos mistérios do que ocorre “no quarto dos pais” estimula tanto idealização como perseguição. A adoração implica não apenas em submissão total, mas há que louvar, pedir, implorar, benesses e perdão pelos pecados (todos somos pecado-

res, pois temos ciúmes pela exclusão e inveja pela capacidade de dar luz). Haverá que fazer sacrifícios (Isaac dá o próprio filho), fazer jejum, sofrer, morrer por Deus (para encontrá-lo no “outro mundo”).

É fácil projetar esse Deus nos poderosos. Executivos e executivas que seduzem seus subalternos, governantes e ditadores. Todos os ditadores (Khadafi tinha uma guarda pessoal constituída somente por mulheres, que o serviam sexualmente). Sacerdotes...

Nós psicanalistas conhecemos bem o poder da transferência erótica e da transferência erotizada. Homens (e mulheres) poderosos são vivenciados como sedutores irresistíveis, principalmente por pessoas carentes, com vazios internos, que precisam desesperadamente de Deuses que os valorizem e os protejam. O Fanático se entrega ao Fanatizador pelo qual se apaixona, em forma sexualmente sutil ou manifesta. A submissão é total. Quem se lembra do filme “Pasqualino Sete Belezas” que, cadavérico, mantinha relações sexuais com sua carcereira, em um campo de concentração? Ou a Síndrome de Estocolmo em que o sequestrado ou torturado se apaixona sexualmente por seu torturador?

Portanto, a associação entre sexo, religião e sacerdócio, sempre existiu. Seu uso religioso ou mundano depende de vários fatores.

As denúncias contra João de Deus vieram em sequência a um movimento mundial (cujo ápice foi o movimento Me Too) que já havia denunciado vários monges tibetanos budistas, que viviam cercados por jovens mulheres e atraíam pessoas da Europa e EUA. E, também, aos escândalos sexuais na Igreja Católica. Nada de novo, mas não se podia denunciar

pois a vítima acabaria se transformando em culpada(o). O espaço para a cidadania vem se ampliando mas há que ficar alerta para a retomada mundial do fundamentalismo fanático.

Sabemos que o poder corrompe. E há quem não perceba a corrupção, hipnotizado pela sedução de um Phallus idealizado a quem há de, prazerosamente, submeter-se. Não podemos condenar ninguém até que seja considerado culpado. Injustiças ocorrem quando o populacho se excita com a sexualidade alheia. Projetam-se no outro (o mau) aquilo que é recalcado ou cindido. Em situações similares à de João de Deus, pouquíssimas pessoas denunciam. Muitas mulheres (e talvez homens) se sentem orgulhosas de serem escolhidas. Durante o sexo são “purificadas” com o sêmen divino.

O espaço para a cidadania vem se ampliando mas há que ficar alerta para a retomada mundial do fundamentalismo fanático.

Este assunto é sério, mas um pouco de humor politicamente incorreto, me lembrou uma velha piada sobre um Argentino (narcísico, evidentemente). Na Argentina seria um brasileiro que fala que “o maior do mundo” está no Brasil. Era uma relação sexual e a mulher gemia de prazer, gritando ‘Dios mio, Dios mio’. O Argentino lhe diz: “Gracias, Susana, pero puedes llamarme Juan”. ■

JANO

Júlio César, líder romano, fixou em 46 a.C. o 1º de Janeiro como o dia do Ano Novo. Os romanos dedicavam esse dia a Jano, Deus das portas, dos portões, das passagens, das entradas e saídas, das aberturas e fechamentos, da temporalidade.

Conta a lenda que Jano reinou de maneira pacífica, tornando-se também, o Deus da Paz.

Dotado de rara prudência, Jano é representado com duas faces orientadas em sentidos opostos, fazendo com que veja o passado e o futuro simultaneamente. Com seu duplo rosto exerce o poder tanto no céu quanto na terra, observando ao mesmo tempo Oriente e Ocidente. Jano tem poder sobre todos os

começos, sendo também considerado Deus das mudanças, das transições, dos inícios, das decisões e das escolhas.

Apoiamos-nos em Jano para pensar sobre os velhos-novos tempos.

Repetimos alguns gestos no instante da virada do ano: pular com o pé direito, comer lentilhas, soltar fogos de artifícios, acender velas e luzes, jogar flores no mar. Nesse momento, somos dominados pela magia do sentimento de esperança diante

do novo ano que se apresenta. Nos despedimos do velho ano vivido, experimentado em suas facetas de dores e alegrias, envoltas em incertezas.

Primeiro de Janeiro de 2019. Um novo tempo...

Heidegger nos remete à experiência como uma vivência significativa que nos acontece, nos alcança e que se apodera de nós. Algo que nos tomba e nos transforma. “Fazer uma experiência” significa: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar... deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela.

Para que as vivências se inscrevessem como “experiências” e ganhassem expressão de vida, demandaram o acolhimento do dispositivo OP – Observatório Psicanalítico – uma rede de espaço do acontecer, criar, estabelecer vínculos e promover transformações.

O OP, no diálogo da psicanálise com outros campos de saber, propicia um espaço de interação com os acontecimentos socio-políticos e culturais. Busca acolher aquilo que culturalmente produz encanto, sofrimento, impacto e tantas outras emoções. Através do sentir, pensar e dar a voz pela palavra escrita, promove reflexões, ponto de partida para possíveis transformações.

Em 2018 alguns fatos, eventos, no Brasil e no mundo mereceram esse olhar psicanalítico. Produzimos 43 textos – quase um por semana – que, uma vez públicos, possibilitaram aos leitores conhecer o pensamento psicanalítico dos colegas sobre estes acontecimentos. Transitamos por temáticas de amor e ódio, e a diversidade de pensamento nos possibilitou o exercício da ética, da tolerância, do respeito mútuo.

Nós analistas trabalhamos (no consultório e fora dele) com tudo que impacta o nos-

so tempo. Sabemos que mudanças fazem parte da vida. Vida e morte estão presentes e somos convocados a lidar com as transformações dos acontecimentos que se apresentam para nós.

Inseridas neste pensamento de “fazer acontecer uma experiência”, Rossana Nicolliello – presente no OP com suas importantes reflexões e contribuições – passa a compor a equipe de coordenação do Observatório Psicanalítico da Febrapsi, com Beth Mori e Joyce Goldstein.

Nós analistas trabalhamos (no consultório e fora dele) com tudo que impacta o nosso tempo. Sabemos que mudanças fazem parte da vida.

Nós três seguiremos entusiasmadas com o compromisso de manter o olhar psicanalítico atento ao que atravessa nas nossas vidas para intervir nas mudanças do nosso tempo. Desta maneira esperamos contribuir para a constituição da subjetividade contemporânea.

Invocamos, então, o antigo Deus romano para que ele abra os novos caminhos. Afinal, nessa metáfora pagã, Jano é o iniciador da vida humana, de novas eras históricas, da transformação de uma condição para outra, da barbárie à civilização. Augúrios oportunos para os tempos que correm.

Desejamos a todos um Ano de muitas realizações. ■

Beth Mori – SPBsb
Joyce Goldstein – SPPA
Rossana Nicolliello – SPMG

02 • JANEIRO • 2019

A recente 33ª Bienal Internacional de São Paulo adotou o tema “Afinidades Afetivas”, uma escolha do curador espanhol Gabriel Pérez-Barreiro. Neste jogo de palavras mescla o título do livro de Goethe *Afinidades Eletivas* (1809), com o texto seminal do crítico de arte Mario Pedrosa, *Da Natureza Afetiva da Forma* (1949).

De Goethe, o que interessa a Gabriel é o seu questionamento das afinidades eletivas da vida emocional, regidas por forças que vão além do racional.

Quanto à Mario Pedrosa, sua contribuição está na defesa da percepção e da apreensão dos objetos pelos sentidos como fundamental ao conhecimento. O mundo, diz ele, se oferece à percepção na experiência imediata. E esta é a origem, que somada à necessidade afetiva e perceptiva de se organizar a realidade, leva o homem a construir a ciência, a religião e a arte.

Para contemplar as “afinidades afetivas”, foram convidados sete artistas que assumiram a posição de curador e montaram

livremente sete exposições, a partir de suas afinidades eletivas, tendo como única condição a de também incluir suas próprias obras.

Com esta proposta, Gabriel cria um diálogo entre os artistas envolvidos e propõe que o espectador compartilhe desta relação com sua experiência da obra e, consequentemente, com a intenção do artista. Condição necessária a qualquer visita à arte, mas que muitas vezes fica prejudicada por uma compreensão exterior pré-determinada. Aqui, sai o discurso sobre a obra e entra a experiência direta, estimulando o espectador a criar suas próprias afinidades eletivas.

A estratégia curatorial adotada coloca em cheque a produção de conhecimento sobre arte, mas vai além. Ao descentralizar o papel do curador, Gabriel questiona de maneira mais ampla os saberes enquanto estruturas de poder. Uma denúncia do conhecimento autoritário que inibe a reflexão, que exige uma visão única sobre o mundo. Uma reação às verdades prontas, hipermediadas e ao excesso de informação, que associado à sua fragmentação, resulta em pseudoinformação.

Uma estratégia arriscada, pois pode sustentar o que pretende denunciar. Corre o risco de estimular a máxima do descompromisso epistemológico contemporâneo do se “eu acho” ou “eu sinto”, então vale como verdade – e para todos. O que incorreria em uma repe-

tição sintomática da estrutura autoritária sem reflexão, sem contextualização histórica, sem acesso ao conhecimento já produzido.

Mas é fato que ela mira no ponto fundamental da arte: a relação do espectador com a obra vem de um impacto perceptivo que gera perguntas. A experiência de abertura do espectador, ainda que mediada por toda a carga cultural que o sustenta, provoca um olhar que questiona, um olhar que não sabe de antemão, mas que vai em busca de conhecer. Um olhar que se aproxima da atitude psicanalítica.

Isto nos encaminha à noção de “estranho”, tema do XXVII Congresso Brasileiro. Refere ao texto fronteiro entre Estética e Psicanálise, onde Freud se afasta de sua predileção pelo Romantismo com sua teoria do belo. Pois enquanto prepara a revisão da teoria das pulsões, ele inaugura um pensamento sobre a perspectiva artística sem qualquer compromisso com a harmonia, o belo, o bom – ele introduz a noção de inquietação e de repulsa.

“O estranho” joga o nosso olhar na contemporaneidade, oferecendo categorias para se pensar as propostas dos artistas contemporâneos, em cheque desde *A Fonte* de Marcel Duchamp.

A arte contemporânea convoca o espectador a um lugar diferente daquele da fruição; ela convoca o espectador à participação. E ela não apazigua nem elude a morte. Pelo contrário, evidencia à nossa percepção algo que desejamos manter oculto. Ela provoca inquietante estranheza, traz à vista a fissura de nosso território estrangeiro; um lugar onde ver é se perder em uma experiência de margens pouco nítidas que provoca um abalo no conforto identitário. Por isso muitos críticos da arte consideram “O estranho” o trabalho de Freud que contempla o ponto de vista da Estética na contemporaneidade

A experiência de abertura do espectador, ainda que mediada por toda a carga cultural que o sustenta, provoca um olhar que questiona, um olhar que não sabe de antemão, mas que vai em busca de conhecer.

Pensando nestas questões, organizamos uma atividade pré congresso em Inhotim no dia 18 de junho de 2019. Dividimos a atividade em dois momentos: na parte da manhã, a imersão na experiência singular de cada participante com as obras, sem mediações discursivas. Um momento pessoal para criar suas próprias afinidades eletivas, para se abrir ao impacto perceptivo, para elaborar suas perguntas. E na parte da tarde, vamos conversar com psicanalistas e profissionais da área de arte, concluindo um percurso que não ignora o caminho de construção e ampliação de conhecimento.

Vivemos tempos difíceis, de risco de perdermos o muito que conquistamos. Neste contexto, a arte pode ser uma ameaça, pois promove a reflexão e a abertura para o novo. Particularmente a arte contemporânea, que se apresenta como alteridade radical, questionando o espectador, provocando mudanças.

Por isso, encerro com as palavras revolucionárias de Mario Pedrosa: “Em tempos de crise, fique do lado do artista”. Ou da arte. ■

EM TEMPOS DIFÍCEIS
FIQUE COM A ARTE

“DO QUE É FEITA A MAÇÃ?”

Amos Oz nos deixou na última sexta-feira do ano que passou. Partiu cedo, muito cedo, e não por escolha sua. A doença o venceu. A notícia, que me chegou em meio a uma viagem de férias, teve sobre mim um impacto de estranhamento, anestesiando o efeito comum do choque com que se encara a morte de pessoas que nos importam. ‘*Ele era jovem*’, foi o pensamento latente que logo emergiu ‘e jovens não deveriam morrer; é cruel e injusto conosco quando a morte os alcança’.

Assim eu o conheci, assim eu o assisti, assim eu o acompanhei durante 45 anos, mas não continuamente. Lembro-me da primeira vez, e não me recordo se houve uma segunda ou terceira. Talvez houvesse mas isso não importa. Foi em 1974-5, eu frequentava o segundo colegial (na época ele era professor do ensino médio) e fui ouvi-lo no centro comunitário por ocasião de sua filiação ao movimento de Paz, agora fundado por um grupo de comandantes de reserva do exército israelense. Ouvi ele, assim, sentado (no chão) a três metros de distância, em um espaço abarrotado de gente. Homem bonito, olhar intensamente aceso, palavras precisas, que parecem emergir de uma fonte inesgotável, mas sem nenhuma tolerância ao desperdício. A força, o frescor, a ousadia, sobretudo a ousadia, nunca abandonaram Amos Oz até o seu último dia. Essa era a sua juventude.

Oz, que em hebraico significa força, ousadia, ímpeto, coragem, foi o sobrenome que

ele escolheu adotar aos 15 anos de idade, três anos após o suicídio de sua jovem e amada mãe, quando resolve abandonar a casa e a cidade e se mudar para o Kibutz Hulda. Substituiu um sobrenome extremamente respeitado, Klausner, do pai e do tio – intelectuais, assim como sua própria mãe, imersos e destacados nos ofícios da língua e do pensamento contemporâneo. Ele ansiava sair do mundo denso e carregado da cidade velha Jerusalém, onde nasceu, para o ambiente arejado do kibutz, para sorver em seu corpo o sol ardente e deixar os seus músculos se valerem da doçura que se segue à dor do trabalho da terra. Entretanto, nessa mudança radical de vida para essa comuna, na qual permanece 32 anos, ele encontra um terreno novo para a comunicação e justamente de seu mundo da infância, de Jerusalém e de Israel em seus inícios. Amos Oz transformou o caráter irado do profeta Amos, de quem herdou o nome, para um modo louvável de comunicação.

Conforme sua filha Fania no dia da despedida final, seu pai se utilizou, sensível, das lágrimas das gerações passadas para fertilizar o novo solo judaico, estando consciente do cuidado necessário para a abertura deste inédito capítulo na longa história deste povo.

Daniel Delouya – SBPSP

Juventude e capacidade extraordinária de comunicação, literária e política, marcam a vida deste escritor assim como de seus leitores. Oz sempre distinguiu sua produção escrita literária de uma outra, dos ensaios no campo da vida política e do pensar sobre o cotidiano. A comunicação oral era a forma primeira deste segundo gênero. Entretanto, as duas, a literária e ensaísta, se iniciam juntos, no mesmo período, e assim permanecem até o fim de seus dias. O seu romance autobiográfico *Entre amor e trevas* (2002), que lhe conferiu a maior notoriedade, destaca a fonte comum a esses dois gêneros de escrita.

Naturalmente eu não poderia fazer resumo fiel da obra de Oz, mais ainda porque não o acompanhei continuamente. Por um lado, escritores israelenses de sua geração ou em seguida a ele como Avram. B. Yehoshua e David Grossmann, também engajados no universo político, tiveram, como escritores, um impacto maior sobre mim. Por outro lado, Oz me aborreceu em certo momento, embora fosse o primeiro entre os três com quem travei conhecimento.

Meu Michael (1967), seu segundo romance, comparecendo logo depois de seu primeiro livro de contos (*Os campos dos chacais*, 1965), foi uma verdadeira obra prima, escrita em voz e alma de uma jovem mulher em volta de uma história de amor em Jerusalém. Emociona como inicia a fala da jovem narradora: ‘*Escrevo porque as pessoas que amei já partiram. Escrevo porque quando menina eu tive dentro de mim uma imensa força de amar e agora essa força está morrendo. Não quero morrer!*’ Esse romance, que ainda continua gerando ‘vítimas’ de identificações femininas pelo mundo (traduzido para 35 idiomas), em que leitoras continuaram indagando o autor ‘mas como você chegou a me conhecer, meu deus?!’ abriu um período de duas férteis e elogiadas décadas da escrita de Amos Oz. *Outro*

18 • JANEIRO • 2019

Lugar (1967), *Até a morte* (1971), *Tocar a água, tocar no vento* (1971), *Os outros* (1974), *O monte do mau conselho* (1976), *Somchi* (1978), *Repouso bem posto* (1982) são frutos desse período, que recomendo visitar já que abrigam os sementes de muitos títulos, honrarias e prêmios (Goethe, Heine, Tolstoi, Kafka, Kiung-Ni, Dagerman, para citar só alguns internacionais) que Oz ganhara posteriormente.

Não obstante, sua atividade ensaísta e política se inicia concomitantemente com a literatura. Um mês e meio após a fatídica (revelando ser, posteriormente, trágica) vitória de Israel na guerra de seis dias, de 1967, em que o país acaba conquistando mais do que o dobro de seu território, Amos Oz, apenas com 28 anos de idade, alerta sobre o risco de uma degradação moral do Estado de Israel caso este não abrisse mão de dominar e oprimir um outro povo com iguais direitos sobre a terra. No artigo “O ministro da defesa e o espaço de convívio”, ele insiste sobre uma única solução para a longa disputa entre dois povos sobre o domínio da mesma terra: a divisão do território entre dois povos, constituindo dois estados livres. A guerra seguinte em 1973, iniciada apenas pelos egípcios e sírios, foi o sinal de derrota, e sobretudo do vislumbre do perigo que corre Israel em levar o projeto sionista água abaixo, para a terceira destruição da própria casa na história judaica. Paz Agora nasce logo depois onde a presença de Amos Oz dá voz ao movimento de paz pelo mundo afora.

O seu primeiro livro de ensaios ‘*Sob a intensa luz*’ comparece em 1978, o primeiro da série de uma dezena de livros, entre muitos artigos em Israel e no mundo que ainda não foram editados. O mais conhecido, e dos últimos, desses

livros, é Caros fanáticos(2017) – aqui há, em hebraico, um duplo sentido, de cumprimentar ‘Ola, bem-vindos fanáticos!’ e paz para e com os fanáticos – e que na versão ampliada ‘Mais de uma luz’ integra um pensamento importante sobre a renovação da história e da tradição judaica.

Embora Oz continue produzindo intensamente literatura e reflexão entre 1983 e 2002, a crítica se decepciona com essas suas duas décadas, e eu também, quando deixo de segui-lo mais de perto. Uma nova mudança de vida desponta naquele momento. Em 1986, ele larga o Kibutz e se muda para uma cidade construída no deserto, aparentemente em função de seu filho caçula que sofre de problemas asmáticos. “Aqui e ali em Israel” (1983) é um livro de relato de viagem pelo país e de reflexão sobre o mesmo e que a mim causou mal-estar e irritação. Oz demonstra nele, como toda a sua geração, filhos dos bandeirantes, uma certa cegueira e intolerância à cultura dos imigrantes, de tradição norte-africana, entre outras, que naquele período já haviam se instalado no país há duas décadas e alterando significativamente não só a demografia, mas também os modos de concepção do sonho sionista. Um esforço imenso – também neste deslocamento familiar dele do Kibutz para Arad, cidade que aliás era composta de uma grande parte desses imigrantes – para lidar com essa Caixa preta surge com este livro epistolar (1987) que teve uma imensa acolhida em função de sua qualidade literária. Porém, essa obra que foi massacrada, com razão (a julgar pelo meu sentimento de ofensa), em seu país, pelo grau de preconceito. Não obstante, com esse belo título, há um esforço autêntico e admirável de penetrar uma realidade da qual, até então, ele não estava inteiramente a par. Recentemente, no último livro de entrevistas, ele se arrepende de não ter trabalhado mais esse livro, e que, no entanto, teve uma grande difusão.

Oz nunca parou de escrever embora tivesse reconhecido com dor a perda de um certo entusiasmo, um abandono, por parte de seus críticos e leitores neste período de quase vinte anos [Conhecer uma mulher, A terceira condição, Não diga noite são parte dos romances deste período], mas que eu considero um profícuo intervalo de elaboração depressiva que acaba enriquecendo e imensamente sua próxima produção literária. Isso ocorre inicialmente com o livro de poemas, O mesmo mar (1999), mas sobretudo com seu romance autobiográfico Entre amor e trevas (2002).

As obras desde então e até a sua morte são muito vivas e conhecidas.

Quero, porém, voltar ao aspecto essencial da qual se constitui essa figura tão importante para o nosso tempo: sua capacidade de comunicar e despertar os seus leitores e ouvintes. No livro Entre amor e trevas e, sobretudo, neste último do qual emprestei o título para essa homenagem, ele afirma que a fonte da escrita está na escuta, na curiosidade pelos outros. Ainda criança, e filho único, ele era levado junto, pelos pais, aos encontros com os adultos e, para ele não os atrapalhar, o deixavam em uma mesa ao lado, com uma taça de sorvete. Mas o que ele realmente saboreava eram as conversas, às quais foi atento ‘feito detetive, um agente secreto’ desde então e ao longo de toda sua vida. Mas de que é feita esta escuta? Para se tornar um escritor é preciso, dizia Oz, ter em relação a vida dos outros, a autêntica curiosidade, a compaixão (aqui, infelizmente, a tradução da palavra hebraica *chemla* é insuficiente – compadecer, identificar-se com quem o outro passa), o humor e a empatia. A curiosidade não é aquela em função de domínio e do controle imaginário ou factível do outro, mas aquela excitante e de imaginativa fruição que se apodera das palavras à medida que se fia ao fundo ines-

A força, o frescor, a ousadia, sobretudo a ousadia, nunca abandonaram Amos Oz até o seu último dia. Essa era a sua juventude.

gotável do mistério deste outro presente em cada uma de nossas paixões, em cada resquício da vida, situada desde sempre nesta primazia do outro. E que na psicanálise identificamos como sedução originária. Já *chemla*, compaixão com o outro, sua dor, ocorre na descoberta da separação e de nosso desamparo, e, portanto, de nossa comunhão aos outros, onde o humor e a empatia são ingredientes indispensáveis.

Uma imagem bonita que Oz utiliza é que o homem é uma península; de um lado está associado ao continente de identificações variadas aos outros – pessoais, sociais e culturais –, porém esses se criam sobre o fundo desta sedução originária dos anseios, do mistério infindável deste outro, desta coisa outra em nós; do mar e dos territórios aos quais promete nos levar, todos tributários desta germinação da língua, desse jogo dos possíveis de um sempre.

Essa reflexão de Oz, num tempo de maturidade, sobre as fontes da escrita, muito se aproxima ao que o jovem Freud de 1895 atribuirá aos valores, de um lado, da sedução, e de outro, da compaixão, do conhecer humano. Vou concluir com uma outra reflexão conexa de Oz encontrada num livro recente ‘de seis conversas sobre a escrita, o amor, a culpa e outros prazeres’ (este é o subtítulo) e é sobre a questão de onde brotam os contos: Oz reluta em poder responder e em algum momento diz, ‘vamos pensar na

maçã. Do que é feita a maçã? Água, terra, luz do sol, árvore, lixo orgânico... Sim, mas a maçã é outra coisa, não parece com nenhum destes componentes. Assim é o conto, ele certamente se deve aos encontros, escutas e experiências, mas não se reduz a nenhum deles’ (p.12/311).

Do que é feito o nosso conto? O psicanalítico? Há anos se debate: pulsões, objetos, relações de, com, etc., mas ele, essa língua, essa linguagem do que somos feitos, como a maçã, com suas conotações da sedução originária humana, jamais se reduz a esses aspectos discursivos. O livro *Do que é feita a maçã* (2018) deve em breve ser publicado em português e eu recomendo muito, mas aqui quero concluir com uma especulação.

Amos Oz – coragem, ousadia, paixão e palavras – se implicou em dois gêneros de transmissão de suas verdadeiras lutas. O primeiro diz respeito à dor e às fontes do amor, nessa identificação e indagação – esplendidamente trazidas na voz feminina de sua narradora de *Meu Michael*, redigido com 25 anos de idade, tornando-se consciente e do qual nos torna testemunhos aos 63 anos, no *Entre amor e trevas* – acerca e com os anseios e saudades de sua mãe que se suicidou. Por isso, ‘não quero morrer!’ (*Meu Michael*, 1967) é o esforço nesta moça (na mãe dentro do filho) que a literatura (todas femininas) de Amos Oz tenta resgatar. O segundo, o ensaísta e político é uma luta e debate com a tradição social e política revisionista de seu pai, tio e família (do qual brota a desastrosa centro-direita israelense, desde Jabotinsky, Begin e até o Netanhahu). Amos Oz dizia dedicar-se ao conto pelo amor, pelo corpo das palavras, das conversas interiores, e aos ensaios, pela raiva e revolta. Entretanto, as duas correntes não faltam a nenhum de seus livros, e alcançando um ápice de coragem no seu *Judas (A mensagem de Judas)*. ■

USO DAS REDES SOCIAIS & NARCISISMO

02 • FEVEREIRO • 2019

As redes sociais são uma realidade e sem qualquer pretensão de explicação antropológica, eu acredito que quando algo se torna um fenômeno de grandes proporções sempre expressa uma necessidade, um preenchimento de faltas. Imagino que essa aderência às redes foi devido a um esvaziamento das relações.

“Mostre-me suas redes que te direis quem és”. Em outra ocasião escrevi essa frase, pois acho que as redes, assim como qualquer coisa, não criam as pessoas. Cada uma se mostra nas redes como são na vida.

O narcisismo e suas transformações são a essência do equilíbrio psíquico e seu desenvolvimento, como todos, é dinâmico e sujeito

a variações, embora a estabilidade básica seja constante, o que permite sobreviver aos traumas e feridas. Aqui não cabe qualquer teoria, visto que o espaço é o de um recado sobre questões da atualidade.

As redes, que são várias e cada uma tem uma finalidade, vou diferenciar em redes amplas, tipo Facebook e Instagram, das redes de encontros, tipo tinder e grindr. A mais simples e usada, Whatsapp, engloba todas as características.

Sérgio Kehdy - SBPMG e SPRJ

As primeiras vieram para suprir os distanciamentos criados pelas sociedades contemporâneas, grandes distancias e sua grande utilidade, além das comerciais e informativas, foi a de propiciar encontros e reencontros, alguns muito significativos. Você “vê” pessoas das quais não tinha quaisquer notícias e passa a conhecer outras recém apresentadas, aumenta seus contatos e faz interações interessantes. Nessas, as questões narcísicas “normais” são até certo ponto satisfeitas, pois as reconhecem suas postagens, comentam seus feitos e acabam por trazer sensação de prazer. As pessoas sem patologias narcísicas funcionam assim e claro, através desses contatos podem e chegam a encontros verdadeiros. Parte boa dessas redes. As de relacionamentos são um pouco mais complicadas, pois são pontes para encontros reais e que funcionam para aproximar pessoas, alguns dão certo.

As dificuldades narcísicas aparecem com clareza nas redes, tanto como possibilidade exibicionista, postam retratos e trocam os perfis frequentemente e sempre buscam elogios e confirmações de suas “belezas”.

Sabemos que as dificuldades narcísicas, integração frágil de self, precisam de respostas todo o tempo, sendo uma das explicações das compulsões, pois a necessidade de se

manter integrado faz com que busquem o tempo todo essas respostas. Creio que essa coisa incessante de whatsapp possa ser assim explicada. Responde-se e solicita-se todo tempo e de modo geral as respostas são positivas, pois vêm de alguém que também está na mesma situação. Imagino que se busca com essas atitudes objetos responsivos que devem ter sido insuficientes. Dizendo de outra forma, as redes facilitam a idealização dos objetos e inclusive, as falhas nas respostas são recebidas como agressões e propiciam cortes nos vínculos, pois parece ser o reino da “maravilha”, quando vem o não costuma ser muito mal recebido.

“Mostre-me suas redes que te direis quem és”.

Concluindo, sem concluir nunca e realçando a limitação dessa comunicação, gostaria de afirmar que as redes sociais são irreversíveis, são uteis e vieram porque ocupam uma falta causada pelas mudanças da contemporaneidade, e a grande característica é que expressam o que as pessoas são e suas formas variadas de funcionarem na vida. ■

O CINEMA, A PSICANÁLISE E O OSCAR

No dia 24 de fevereiro ocorreu a 91ª edição do Oscar. “Green Book” ganhou o principal prêmio de melhor filme, além de melhor roteiro original e melhor ator coadjuvante para Mahershala Ali. “Roma” conquistou os prêmios de melhor direção, melhor filme estrangeiro e fotografia. “Bohemian Rhapsody” conquistou quatro prêmios: melhor ator (Rami Malek), edição, edição de som e mixagem de som. Cabe ainda destacar “Pantera Negra” com três estatuetas: melhor trilha sonora original, figurino e direção de arte.

E o que a psicanálise tem a dizer sobre o Oscar? Como é o diálogo entre o Cinema e a Psicanálise?

É interessante pensarmos um pouco sobre como é a experiência de ver um filme, principalmente, se for no cinema. A escuridão da sala e o seu isolamento do mundo externo favorecem a imersão no novo mundo projetado na tela branca e, teoricamente, quanto maior a tela, maior será a experiência de imersão. Com isso, somos tocados pela história que nos é contada. Somos capazes de sentir a alegria, a adrenalina, como se

estivéssemos no meio da plateia do show do Queen, vendo o Fred Mercury, em “Bohemian Rhapsody”. Sentimos o medo angustiante no plano-sequência de Alfonso Cuarón em “Roma”, quando Cléo, sem saber nadar, se arrisca no mar para salvar as crianças. Em “Vice”, de Adam McKay, podemos sentir raiva de um político manipulador, inescrupuloso, capaz de realizar cruéis articulações. Ou nos emocionamos pelo amor, pela amizade e pela transformação do personagem protagonizado por Viggo Mortensen, em “Green Book”.

E quando um filme acaba somos convidados a olhar para aquilo que está acontecendo dentro de nós e nos perguntar: por que essa história nos comoveu? Também lembramos de teorias psicanalíticas que se conectam com aquilo que acabamos de ver.

O desamparo humano frente a impiedosa e mortal natureza levou o homem a criar a arte.

Lucas Santos - SBPMG

25 • FEVEREIRO • 2019

A primeira análise psicanalítica de um filme foi feita por Otto Rank em 1914, no seu trabalho “O duplo”, sobre o filme “O estudante de praga”, de 1913. Mas vamos voltar para o começo da história do cinema e da psicanálise. Em 1895, Freud e Breuer publicaram “Estudos sobre a histeria”. No mesmo ano Freud escreveu o “Projeto para uma psicologia científica” (publicado apenas em 1950) contendo as sementes para as principais teorias da psicanálise. A coincidência interessante é que em 1895 os irmãos Lumière patentearam o cinematógrafo, um aparelho capaz de capturar e projetar imagens. Também foi o ano da exibição do que é considerado o primeiro filme: “A saída da fábrica Lumière em Lyon”.

Um outro ano marcante para a história do cinema é 1927, o ano da fundação da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, na Califórnia. É ela que realiza anualmente o prêmio mais famoso do cinema, o Academy Awards (Prêmio da Academia), popularmente conhecido como Oscar. A primeira edição foi em 1929, ano em que Freud publicou o “Mal-estar na civilização”.

Entretanto, o ano da criação da Academia, 1927 foi quando Freud escreveu “O Futuro de uma ilusão”. O pilar central desse livro é a religião, mas podemos destacar o que Freud nos diz sobre a cultura: “As concepções religiosas originaram-se na mesma necessidade de todas as outras realizações da cultura, a partir da premência de se defender contra a superioridade esmagadora da natureza”.

Ou seja, o desamparo humano frente a impiedosa e mortal natureza levou o homem a criar a arte. É interessante pensarmos como

um artista se immortaliza através da sua obra, através do seu filme. Em Crepúsculo dos Deuses, de 1950, Norma Desmond, interpretada por Gloria Swanson, diz: “Eu sou a maior estrela de todas. As estrelas são eternas, não são?”

Talvez, o Oscar tenha essa função mágica, de ser um objeto que amplifica a fantasia da imortalidade, quando o artista entra para o seleto grupo dos ganhadores desse prêmio.

Freud nos diz que a origem da criatividade vem da tentativa de elaborar a perda da onipotência do narcisismo primário, além de ser uma forma de convivermos melhor com a realidade que nos frustra. E por ser frustrante a realidade criamos fantasias a fim de realizarmos nossos desejos insatisfeitos.

Podemos entender melhor a onipotência da seguinte forma: após o nascimento, no narcisismo primário, surge o sentimento de onipotência, quando o bebê está impregnado pela potência real do objeto. Já no narcisismo secundário, o bebê percebe que é o outro o verdadeiro detentor da potência, introjetando o objeto, na tentativa de recuperação da onipotência perdida formando-se o ego ideal. A qualidade dessa internalização do objeto está diretamente ligada a força do ego, que será capaz de estruturar um superego propiciador de uma autoestima realista das suas potencialidades e limitações.

Será que a estatueta do Oscar é um objeto potencializador da onipotência, ligada ao narcisismo primário? Ou será uma experiência do narcisismo secundário, uma realização do ideal do ego, gerando orgulho e satisfação pelo desempenho artístico, aproximando o ego do superego, elevando a autoestima? ■

Quando o CARNAVAL chegar...

Maria Teresa
Lopes - SBPRJ

01 • MARÇO • 2019

Penso em Carnaval e sou imediatamente remetida a música “Noite dos mascarados” (1966), de Chico Buarque. Essa música me remete a censura vivida pelos músicos na época da ditadura instaurada a partir de 1964. Chico, tendo a música “Tamandaré” proibida, correu para fazer outra, uma vez que não levava desaforo para casa. Para substituí-la no musical “Meu Refrão”, compôs “Noite dos Mascarados”. Não aleatoriamente deu este nome, pois neste momento as coisas precisavam ser escondidas, tal como as faces dos homens, aguçando as mais variadas formas de fantasias. Essa música ficou para mim como sinal de resistência, bem como de um encontro amoroso que não está sendo possível ser vivido.

...“Mas é carnaval
Não me diga mais quem é você
Amanhã, tudo volta ao normal
Deixa a festa acabar
Deixa o barco correr
Deixe o dia raiar
Que hoje eu sou
Da maneira que você me quer
O que você pedir
Eu lhe dou
Seja você quem for
Seja o que Deus quiser
Seja você quem for
Seja o que Deus quiser.”

E assim, é hora de colocar o bloco na rua. As fantasias já estão prontas e são as mais variadas: de “demônios a fadas”, passando por todas as ordens sexuais existentes. Lembrando aqui que o mundo imaginário “são estranhos entes engendrados ao longo do tempo e do espaço pela fantasia dos homens”, tal como nos fala Jorge Luis Borges.

E agora chega a maior festa popular que junta asfalto e favelas, ricos e pobres, pretos e brancos, jovens e velhos, homens – trans., homo e heteros – e por aí vão todos os tipos de fantasias.

Nos blocos e nos desfiles de escolas de samba, as músicas viram protestos, as santas viram putas, os homens sérios se travestem. Tem malabares e equilibristas, os ritmos dos tambores soam alto e vibram nos corpos frágeis que ali se encontram para liberar toda energia reprimida de um ano exaustivo.

Nesta festa tudo é permitido. É hora de se libertar, deixar-se tomar pelas “fantasias”, fantasias que não estão apenas nas suas representações visuais, mas nas realizações veladas. Sandra Lorenzon Schaffa (SBPSP), ao descrever o conceito de fantasia, assinala que “a fantasia possui uma organização fundamental que é a busca da satisfação da pulsão através do seu objeto inconsciente. Pela sua ligação com o desejo – este tem sua origem numa experiência de satisfação, mas sua atualização tem um interdito – a fantasia é o lugar de operações defensivas: operações de decomposição, deformação e combinação que estão presentes no trabalho do sonho. Freud viu no sonho e no delírio prolongamentos da fantasia. Concebeu também uma dimensão da fantasia irreduzível ao vivido do indivíduo: as fantasias originárias. Reconheceu nelas a prevalência de estruturas trans-individuais típicas: cena originária, sedução, castração.” (FEBRAPSI)

Assistimos homens vestindo-se de mulheres e que depois do carnaval matam, de forma cruel, homossexuais. Objetos de desejo? Sentem-se provocados por suas companheiras, espancando-as e muitas vezes chegando a mata-las. Quais desejos estariam ali reprimidos?

A fantasia atrai o olhar do outro, chama atenção. Há tanto prazer e felicidade em desfrutar desse momento que desejo e realidade se misturam.

midos? Mulheres se vestem de índias, anjas, enfermeiras, arrumadeiras, princesas, na tentativa de vivê-las de forma lúdica, ali estão sendo representadas em ato. Mas quando o Carnaval acaba, tripudiam sobre elas.

Enquanto a criança no seu dia-à-dia libera suas brincadeiras, o adulto reprime suas fantasias. E nada melhor do que o Carnaval para liberá-las. Espera-se o Carnaval chegar para viver os mais profundos e secretos desejos. O Carnaval nos permite isso e muito mais, sem a necessidade de nos preocupar com que o outro vai pensar, ver ou dizer. A fantasia atrai o olhar do outro, chama atenção. Há tanto prazer e felicidade em desfrutar desse momento que desejo e realidade se misturam.

Estas fantasias vêm recheadas de humor. O humor carnavalesco é usado de forma intencional pelas escolas de samba e blocos, afim de chamar à atenção de algo que não está sendo escutado ou visto da forma como a população gostaria que fosse de fato visto.

O humor aparece de forma denunciadora à qual se deve seu caráter “elevado e enobrecedor”, sua “dignidade”.

Afinal, “o humor não é resignado, mas rebelde”. (Freud, 1927).

Termino com Chico: “Quem é você?...” ■

FEMINISMO

Os dias “internacionais” são proclamados para chamar a atenção de uma dada situação em desvantagem. Seja o “Dia Internacional das Doenças Raras”, 28 de fevereiro ou outras, também o “Dia Internacional da Mulher”, 8 de março, apresenta uma questão social e política de desprivilegio.

As chamadas “minorias” – nomenclatura que nada tem a ver com número, mas com desigualdades – parecem fadadas a se esgueirar ao longo dos séculos, buscando um lugar de reconhecimento e de respeitabilidade.

Eliane de Andrade – SBPMG

Nós, mulheres, somos, juntamente com os negros e a população LGBTI, possivelmente um dos “grupos” mais atacados em todas as partes do mundo.

Por engendrar a noção de “feminino”, considerado como objeto de desejo e de conhecimento, como diz Fiorini (2015) ou pela homologação com o “materno”, a mulher é, como em Totem e Tabu (1913,) apresentada, por Freud, como o negativo daquilo que o homem quer ser. Também no Tabu da Virgindade (1918), a mulher aparece como uma ameaça ao homem. Já em Contribuições à Psicologia do Amor (1910), Freud nos mostra a eterna luta do homem contra a ideia persecutória de que a mãe e a prostituta se equivalem.

Ora, de qual ameaça estamos falando?

Talvez, psicanaliticamente, do horror ao incesto, do desejo de cometê-lo e de todos os sentimentos ambivalentes que acometem cada um e a humanidade toda, frente à mulher. Desejo medonho e insidioso que, no menos esperar das relações, se impõe e se manifesta, inclusive no sistema consciente. Desejo escabroso que, como na homossexualidade, tem de ser expurgado violentamente. Tal expurgo seria uma precaução ante a atração infernal que a mulher exerce.

Assim, mantê-la controlada pelo serviço doméstico e a lida com os filhos, submissa ao homem, afastá-la do conhecimento sexual, impedi-la de estudar, pagar-lhe menos salário do que se paga aos homens, e fazê-la, sobretudo, crer que somente um casamento e filhos podem “realizá-la”, são os instru-

08 • MARÇO • 2019

mentos que ainda hoje roubam de mais da metade da população mundial a capacidade criativa e a possibilidade de levar a humanidade para rumos mais amorosos.

Se não desejarmos investigar as invejas do útero e do seio, que fazem das mulheres alvo do ódio masculino pela impossibilidade de eles gestarem e amamentarem, ainda assim podemos concordar com Freud que, mesmo face à inveja do pênis, a mulher busca uma identidade com o homem e não uma posição de domínio e exploração sexo-psíquica-social, a ponto de instalar-se um Dia Internacional do Homem.

Ainda não gozamos do reconhecimento como iguais e sofremos discriminações em várias áreas de nossa existência.

Ainda não gozamos do reconhecimento como iguais e sofremos discriminações em várias áreas de nossa existência.

Esperemos que a reflexão deste tema seja contemplado no próximo Congresso da IPA, em Londres, em julho 2019.

Não definirei nem justificarei o feminismo. O mundo fala por si só. ■

O impacto do acontecimento na cidade de Suzano (SP) me deixou sem palavras e precisei de um tempo para questionar como isso foi acontecer aqui no Brasil. Sempre ficava triste quando recebia notícias desse tipo, vindas de fora. E parecia tão longe de nossa realidade! Acredito que muitos achavam que isso era algo impossível de ocorrer por aqui, afinal sempre fomos “um povo tão afetivo”. E agora? Agora acontece entre nós, sendo considerado o maior massacre dentro de uma escola no estado. Os pais pensavam que na escola seus filhos estavam protegidos.

Pergunto: Como uma escola permite o livre acesso a qualquer pessoa nestes tempos de tanta violência?

A sensação é de dor. Há uma geração de órfãos: os pais precisam lutar cada vez mais para ganhar dinheiro, as escolas públicas perderam a qualidade de ensino que dava a base a qualquer pessoa estudar e buscar um lugar na sociedade, os hospitais sucateados não tem possibilidade de atender a população que não consegue pagar um plano de saúde.

O psicanalista Joshua Durban escreve no seu artigo “O complexo de vitimador e suas vicissitudes no abuso de crianças”: “A saúde mental e a estabilidade de todas as sociedades se refletem na maneira como tratam seus membros frágeis e dependentes, aqueles que conduzem o futuro: seus filhos.” (2017)

Durban classifica os abusos em físico, psicológico, sexual, negligência e exploração. Define o abuso psicológico como falta de nutrição, de amor e de segurança à criança. Este tipo de abuso pode ser expresso através de desaprovações constantes, depreciação,

Confiança, esperança e crença em continência, continuidade e segurança são substituídos por violência e desespero.

humilhação, entre outros. Afirmando que o abuso ocorre quando não se oferece um ambiente para que a criança se desenvolva mental e/ou emocionalmente.

Perdemos a capacidade de empatizar com o outro? Hoje precisamos de leis para que um idoso ou uma grávida sentem num transporte público, essa era uma regra que nem se questionava. Precisamos agora de uma lei para que uma mulher amamente seu bebê em local público.

Algo tão chocante acontece e parece que precisamos somente achar rapidamente “o culpado”, pois assim a justiça será feita e poderemos seguir tranquilamente em frente, sem pensar como isso foi acontecer. Nessa lógica há a crença que o mal está no outro. Não paramos para pensar onde estamos falhando. Nossas crianças e adolescentes não veem um sentido na vida, vivem o aqui e agora, pois é o que ainda lhes resta. Assim, se tornam presas frágeis para se filiarem a grupos que pregam o ódio, já que não se sentem pertencentes a outros grupos.

Como consequência do abuso infantil, Durban entende que “a criança sofre uma catástrofe interna em que os limites normais desmoronam. Confiança, esperança e crença

em continência, continuidade e segurança são substituídos por violência e desespero. A criança internaliza, no cerne do seu self despedaçado, um objeto que não tolera nada que evoque infância. Noutras palavras, a vítima cresce como criança que se odeia e se ataca, ataca os outros e não acredita em limites, lei, continência, esperança, possibilidade de relação e/ ou de mudança.”

E cita a fala de um paciente que diz: “Não há nada como ver uma pessoa viva, respirando num instante e, depois que a bala esmaga sua cabeça, ela desaparece, como se nunca tivesse existido. É uma viagem poderosa. Você vira Deus”.

Winnicott fala que no indivíduo saudável há uma integração. Assim, a pessoa consegue adquirir a capacidade de assumir responsabilidade pelos sentimentos e ideias, não precisando projetar seus impulsos e pensamentos destrutivos no outro.

Comecei este ensaio falando em tristeza e dor. Agora vejo a comunidade de Suzano mostrando a importância do acolhimento e união o que aflora em mim um sentimento de esperança. Hoje, passado cinco dias, os professores e funcionários retornaram à escola para pensar como receber os alunos na próxima semana. Avisam que não é obrigado a voltar, mostrando que sabem que cada um tem seu tempo para elaborar o luto e as sensações inimagináveis que todos passaram.

Será que só nos momentos destas tragédias percebemos os valores que realmente dão sentido à nossa vida? Não por acaso escolhemos uma foto que pede “segurança para nossas crianças e paz”. ■

Rosa Reis - SPRJ

E AGORA?

CAFARNAUM

18 • ABRIL • 2019

Dora Tognoli - SBPSP

■ é aqui e agora...

Zain, um garoto de 12 anos, abre o enredo, adentrando num tribunal onde, de réu, transforma-se em acusador: acusa seus pais, por terem lhe dado a vida. De trás para frente, vamos acompanhá-lo em casa, na família, na cidade, no comércio, no tráfico, entre conhecidos e estranhos, libaneses e refugiados; enfim, uma trajetória arrebatadora de um menino tão pequeno, protagonista e portador da rede simbólica que escapa a todos.

O filme recente de Nadine Labaki recebe o nome de uma cidade bíblica, hoje sítio arqueológico em Israel que no contexto, ganha o sentido de caos. Filmado no Líbano, tem a potência de representar muitas de nossas cidades: não é necessário estarmos ou conhecermos a realidade do Líbano para nos conectarmos à trajetória de Zain.

Somos testemunhas de um universo atroz, sem fronteiras, sem leis, sem dignidade: um caos, como o nome do filme prenuncia. Somos lançados no desamparo e na angústia que acompanha Zain, onde quer que ele ande.

A precariedade do lar de Zain – sujo, caótico, sem rotinas, sem lugar, sem aconchego, sem amor, entrelaça-se com a precariedade das ruas e da cidade. O protagonista nos apresenta sua infância roubada, onde tem

que trabalhar duro para contribuir com os pais, tão desamparados quanto ele.

No meio dessa barafunda, localizamos um laço de afeto e companheirismo, entre Zain e a irmã mais velha, também criança. Ao perceber o sangue da menstruação que mancha a cama onde os dois se deitam, Zain se dá conta de mais um perigo: tornar-se mulher, nesse lugar distópico, coloca a irmã em risco. Seu corpo frágil, maltratado, pode agora ser violentado pelo sexo hostil de algum adulto que vai destituí-la do pouco que ela tem.

A profecia se realiza: a irmã de Zain é entregue a um homem e o garoto não se conforma com a passividade dos pais, que comemoram essas bodas. Zain deixa a casa, sob um manto de revolta. Desfecho trágico: em breve, a irmã morrerá, vítima de uma violência que seu corpo não suportou, levando o protagonista a cometer um crime que o conduz à prisão.

Não há lugar para esses corpos errantes, que vão se reduzindo às necessidades básicas de sobrevivência.

A peregrinação do pequeno herói vai nos apresentar a muitos grupos tão desamparados quanto ele. O convívio com refugiados aproxima as realidades dos locais/nativos e dos estrangeiros. Não há lugar para esses corpos errantes, que vão se reduzindo às necessidades básicas de sobrevivência.

O encontro de Zain com uma refugiada africana, etíope, mãe de um bebê de quem cuida com carinho e amor, que o esconde no banheiro, dentro de uma cesta, para conseguir trabalhar, configura um outro lar.

Zain passa a cuidar desse pequeno ser e assistimos a cenas poéticas e desalentadoras, nas quais Zain tentará suprir o mínimo que o bebê precisa: a alimentação improvisada desse bebê indefeso; o roubo de cenas de uma TV de um vizinho, através de uma engenhoca que Zain constrói com espelhos para distrair o pequeno e a si mesmo, para enfrentar um dia longo num casebre; o transporte que Zain improvisa com baldes e canos para sair na rua com esse filhote que ainda não sabe caminhar...

E segue Zain, vendendo drogas a grupos de homens, descobrindo o preparo de substâncias ilícitas que lhe rendem dinheiro. Um “menino sábio”, uma “infância roubada”.

O desaparecimento da refugiada, agora presa, mais uma vez ressignifica e piora o desamparo crônico dessas gentes e Zain se enfurece duplamente: pelo sumiço da etíope, pela morte mal explicada, quase negada, da irmã. Seu ato violento convoca a lei e o direito à vida digna.

A infância é objeto da Psicanálise: enquanto etapa de desenvolvimento e no sentido de um “infantil”, presente em todos nós, lugar de desamparo e dependência de

um outro, mais preparado e disponível para acolher nossas demandas.

O filme Cafarnaum expõe doloridamente esse lugar de desamparo: na figura do garoto de 12 anos, de sua irmã, do bebê do qual ele se incumba; e na figura dos adultos, também desamparados – inibidos em sua função parental, ou violentos quando desejam o corpo das meninas para consumo rápido.

Num certo momento, o filme confronta a vida de Zain com a de crianças que passam numa van escolar. Ele as observa com um olhar triste e esperançoso, quicá. Era lá que ele deveria estar se preparando para aprender, virar gente grande: a escola, como representante de um lugar seguro, composta de adultos acolhedores e que darão lugar à infância e seu porvir.

No momento, discute-se, no Brasil, um projeto que visa garantir a educação de crianças pelas famílias, longe das escolas que se encontram distantes, geograficamente. Ficam muitas questões: até que ponto não estamos legitimando a falência das escolas, como lugar de convívio, de cidadania? Até que ponto as famílias estão preparadas para enfrentar o desamparo e o despreparo de seus filhos, que também lhes acompanha? Até que ponto nossa civilização pode se dedicar a oferecer esse lugar de troca, de convívio, de cidadania e dignidade?

Há um certo absurdo enraizado nas cenas banais do lar de Zain, nas tomadas aéreas das ruas, na vida sofrida do garoto, mas sabemos que esse absurdo tem acompanhado muitas das cenas que vivemos ultimamente. O filme espelha, portanto, uma certa realidade, que erige fronteiras de hostilidade, de violência, de carestia, mas não tem recursos para erigir fronteiras de proteção, de cuidados com a infância e com o infantil. ■

21 DE ABRIL

Este ano, o 21 de abril, dia de Tiradentes, nos remete a algo que nos diz respeito: o Congresso Brasileiro de Psicanálise, O Estranho, nas confidências – inconfidências da Conjuração (Inconfidência) Mineira.

Para entender a história daquele momento, fui até os Inconfidentes, que, em sua maioria, eram a própria elite intelectual da época e duas questões sobressaíram:

1) apesar de muitos deles serem pessoas das artes, também possuíam minas de exploração de ouro e outros minerais, assim, teriam grandes prejuízos econômicos com as ordens da Coroa em relação a alta cobrança de impostos.

2) outra questão, seria a história do próprio Tiradentes. Saber um pouco mais sobre esse personagem real da história me encantou, tanto pelo aspecto psíquico, como pelos talentos que detinha. Ele nasceu em uma família de posses, tinha pais e seis irmãos. Porém, aos nove anos, perdeu sua mãe, permanecendo com seu pai e seus irmãos até dois anos mais tarde, quando seu pai também faleceu. A

partir daí, a família foi literalmente desmanchada e Joaquim José ficou aos cuidados do seu padrinho, que era dentista. Seu pai faleceu deixando dívidas e ele passou de alguém que possuía família, talvez a segurança de uma casa abastecedora, para um órfão pobre e só.

A partir daí pude perceber alguns movimentos em sua vida: mostrou-se uma pessoa dotada de inteligência diferenciada, foi tornando-se conhecedor de várias áreas, de iniciativa, liderança e sabendo fazer conhecidos. Vemos em suas atitudes, ideias de um idealismo inspirado no Iluminismo e nas ideias de liberdade. Profissionalmente, posso listar várias habilidades, a começar pela mais óbvia, ser dentista prático, técnica aprendida com seu tutor padrinho.

Mas Tiradentes foi a própria expressão da compulsão à repetição em suas vivências.

Marília Macedo Botinha - SBPMG

Embora fizesse tudo com habilidade reconhecida, suas investidas não lhe davam lugar de importância: como Alferes, trabalhou 14 anos fazendo segurança nas estradas, capturou malfeitores, era homem de coragem, abriu estradas e tantos feitos mais e nunca recebeu nenhuma promoção. Outro fato interessante foi nunca ter construído uma família. Teve amores, mas não construiu relacionamentos estáveis, nem exclusivos. Em sua vida, encontramos a repetição de construções fracassadas e, ao mesmo tempo, o fato de ele aceitar incumbências de riscos, que ficaram ainda mais evidenciados na causa a que se dedicou, desempenhando o papel de conseguir adeptos.

Mas, repetindo sua história pessoal de perda e desamparo precoces, nos põe de frente para o tema do Estranho. Se pensarmos na força silenciosa e demoníaca da Pulsão de morte, entrevemos sua ação em muitos momentos de sua vida. Embora dotado de uma inteligência multifocal, expunha-se, mostrando suas ideias em qualquer lugar. Sua vida se constituiu por contínuas conquistas e perdas em todas as áreas, reencenando o constante retorno do recalcado e reproduzindo uma busca insana pela morte, que acaba se realizando após sua confissão, no 40º interrogatório, quando, após sete meses preso e incomunicável, nega a culpa de todos e assume-a sozinho.

E o Duplo imerso no estranho, como depreendê-lo dessa narrativa? Ao pensar no Duplo como aquele mecanismo que nega o medo da destruição do Eu, encontro-o em Tiradentes. Por um lado, alguém de moral inquestionável, sendo tão confiável que recebia o soldo dos companheiros, obedecia fielmente às ordens como militar e, por outro lado, tinha algo em si que gritava por justiça, um revolucionário que não se intimidava e pregava seu ideal em todos os lugares. A Dupli-

cidade em Tiradentes, totalmente confiável, totalmente conspirador. Se pensarmos que o Duplo tem sua raiz no desamparo e no medo da destruição, vemos um homem que foge do medo de um desamparo vivido de diversas maneiras e projeta-o no amparo do Idealismo.

A Duplicidade em Tiradentes, totalmente confiável, totalmente conspirador.

Ainda em relação ao duplo é importante pensar nas duas nomeações do movimento: Conjuração ou Inconfidência Mineira. Quando pensamos em Conjuração, estamos levando em conta a união de indivíduos que se movimentam em função de uma mesma causa, que se aplica ao movimento ocorrido em Minas, que visava à independência da coroa e a proclamação da República. Mas, se olharmos com um olhar vindo dos colonizadores portugueses, o termo utilizado será “inconfidência”, que significa, no caso, falta de lealdade à coroa. Assim, o movimento por si só abriga o conceito de Duplo no Estranho, ele abriga a união e a deslealdade em um mesmo objeto, dependendo do lado da moeda que se lança o olhar.

Em Psicanálise, nada é por acaso e, com certeza, não foi sem sentido que o Estranho se aliou às confidências inconfidentes que nos levam direto para o funcionamento psíquico envolto em pulsões de vida e morte, tão visceralmente necessárias à sobrevivência física e psíquica. ■

PSICANÁLISE

POLÍTICA

A INCONFIDÊNCIA dos generais, A DIGNIDADE do filósofo E A RESPONSABILIDADE do psicanalista

Os colegas do Observatório Psicanalítico gentilmente me convidaram para escrever sobre o impacto produzido pelas revelações da troca de correspondência entre um alto funcionário da CIA e o secretário de estado norte-americano – Henry Kissinger – sobre a ditadura brasileira (1964-85).

Como é do conhecimento de todos, segundo essa correspondência, o Presidente Ernesto Geisel, recém-eleito (março de 1974), teria concordado com a continuação das execuções de presos políticos. Tais procedimentos já ocorriam nos governos militares anteriores e atingiram seu clímax no de Médici. Portanto, a presidência reconhecia que além das prisões, torturas, estupros e outras

infâmias, o assassinato de adversários do governo recebia o beneplácito do novo governo. Para os que militaram na resistência democrática naquela época, esta informação já era conhecida como boato: o governo prevendo uma inevitável abertura planejava desarticular os partidos e lideranças operárias e populares, inclusive pela eliminação física. A história já havia confirmado o que fora um boato: um terço da direção do PCB – que era declaradamente contra a luta armada – e que trabalhava no MDB na luta pacífica pela redemocratização foi assassinada; assim como, posteriormente, por uma bizarra manobra, o Gal. Golbery impediu que a sigla PTB fosse resgatada por Leonel Brizola.

Em suma, a abertura que os militares planejavam seria lenta, gradual e segura, isto é, ... sem a possibilidade que lideranças operárias e populares pudessem estar representadas no poder, mantendo a excludente composição de classe em nosso legislativo. Como devem estar lembrados, o candidato civil indicado pelos militares foi: Paulo Maluf, um representante da plutocracia!

Minha primeira reação, silenciosa, foi a de recusar o convite dada a delicadeza do tema, além de já serem conhecidos os fatos, e de delegar a historiadores – profissionais mais qualificados – a tarefa de registrá-los. Contudo, três acontecimentos me fizeram mudar de ideia: em primeiro lugar, o espantoso crescimento de um pensamento conservador que adquire características fortemente autoritárias que procura negar este triste passado e mesmo infundir, em especial, nos mais

13 • AGOSTO • 2018

jovens, que não viveram o horror da ditadura, a promessa de um auspicioso futuro sem a ruidosa turbulência, do caminho democrático e a participação dos trabalhadores.

Em segundo lugar, um precioso achado: a tradução para o português, diretamente do alemão e a edição este ano, do livro de Karl Jaspers: *A questão da culpa – a Alemanha e o nazismo (Heidelberg, 1946!)*. Um curioso silêncio ocorreu a respeito de tão importante feito editorial!

Finalmente, a cada dia a consagração da impunidade dos assassinos de Marielle e Anderson; na mesma linha que a, reconhecida internacionalmente, dos algozes de Vladimir Herzog e, acrescentaríamos, de Manoel Fiel (operário), David Capistrano (herói da guerra civil espanhola e da resistência francesa), João Massena (líder sindical) e tantos outros e, recentemente, dos assassinos dos trabalhadores chacinados no Pará; o que torna presente o que antes seria história.

Assim, julgo que não estou falando de um passado – próximo para uns e longínquo para outros – mas de um presente, de uma constante, uma invariante, de nossa sociedade.

A leviandade com que a questão democrática é muitas vezes tratada pela sociedade brasileira pode conduzir-nos a não somente uma banalização do mal mas a uma legitimação do mal.

Sociedade que resiste sutil ou cruelmente, dependendo das circunstâncias, a qualquer mudança que ameace suas raízes senhoriais, excludentes, preconceituosas a serviço de discriminações que mantenham anacrônicos privilégios que remontam a nosso longo passado escravagista.

Neste sentido, sinto-me responsável, como psicanalista, de chamar a atenção para os crimes que carregamos – como um perverso patrimônio – e que pedem uma reflexão. Não no mero sentido de descobrir culpados – o que é importante, talvez, imprescindível – mas para uma pesquisa mais profunda: qual a responsabilidade de todos nós para que tal tragédia tivesse ocorrido? Qual a atual responsabilidade que devemos assumir para evitar que se repitam os horrores, sob os mais diversos disfarces, da ditadura que por 21 anos impediu qualquer mudança na estrutura social brasileira que a tornasse menos desigual e cruel?

Penso que mais uma vez a dignidade do velho mestre da Psicopatologia Geral, Karl Jaspers, nos indica o caminho: reconhecermos nossa responsabilidade em não defender o processo democrático como poderíamos, tanto em 1964 como em 2016, e unidos retomá-lo com a participação de todas as camadas sociais, sem qualquer discriminação, única forma de superarmos o estado de exceção, ou, de tradicional exclusão, em que vivemos.

A leviandade com que a questão democrática é muitas vezes tratada pela sociedade brasileira pode conduzir-nos a não somente uma banalização do mal mas a uma legitimação do mal. Entretanto, por mais limitada que seja nossa capacidade de interferir neste processo, é uma responsabilidade que não podemos recusar. ■

VIVA LA MUERTE, ABAJO LA INTELIGENCIA!

ou o eterno fascismo

Ney Marinho - SBPRJ
A Valton de Miranda Leitão
A Olívia e Rafaela

Hoje, dia 12 de outubro, dia da criança, acordei e li o jornal e suas tristes notícias, assim como recebi duas mensagens que me animaram a prosseguir o dia. Uma, de Valton de Miranda Leitão em que faz uma lúcida e como sempre brilhante crítica da impossível neutralidade neste atual momento. Outra de Sergio Nick, a quem agradeço a importante dica, sobre um artigo na Revista Época, que o colega não costuma ler pelos mesmos motivos que eu (um insuportável mal estar com a falta de caráter – isto é: ausência de qualquer postura que permita um diálogo – deste tipo de imprensa). Lido o artigo de Ruy Fausto, aventurei-me temeroso pelas páginas seguintes e deparei-me com o erudito texto de um amigo bissexto: Muniz Sodré – talvez, não por acaso nossas netas são grandes amigas, Olívia e Rafaela, sem saber de nossas histórias. De fato, temos que aprender com as crianças, como nos lembram Beth Mori e Claudio Eizirik!

É do texto de Muniz Sodré que retiro o título deste breve artigo. Muniz Sodré nos recorda que neste 12 de outubro também se comemora um famoso episódio da guerra Civil Espanhola. Portanto, a frase acima não se trata como muitos poderiam imaginar de alguma frase infeliz do Capitão Bolsonaro, mas sim de um General ... Millán-Astray, um dos desencadeadores do levante fascista que iniciou a guerra civil espanhola contra o governo socialista republicano democraticamente eleito. Com esta emblemática frase os partidários e o próprio general Astray interrompiam na Universidade de Salamanca o discurso do reitor Miguel de Unamuno – um dos mais importantes filósofos espanhóis, basco, estudioso de paradoxos, autor do Sentido trágico da vida, representante do existencialismo cristão – na cerimônia do dia do Festival da Raça! Unamuno até pouco tempo havia apoiado o movimento franquista, dadas

as arbitrariedades dos republicanos, mas havia mudado. Após ouvir as violentas falas dos franquistas, sugerindo extirpar bascos e catalães com “um câncer no corpo da Nação”.

Disse o filósofo: “Todos vós estais pendentes das minhas palavras. Todos me conheceis e sabeis que sou incapaz de me calar. Há momentos em que calar é mentir”. (negrito nosso; para mais detalhes: ver A Guerra Civil Espanhola, vol II, p. 48-50 de Hugh Thomas. Rio: Civilização Brasileira, 1964, ou, o artigo citado de Muniz Sodré). O restante é uma bela e enérgica defesa da diversidade, dos catalães e bascos, da Espanha de Cervantes e não da violência e do ódio. Unamuno saiu dali para uma prisão domiciliar, tendo fale-

cido por problemas cardíacos no último dia daquele ano. Naquele território já ocupado pelas forças de Franco, no mesmo dezembro, “os livros de tendências socialistas ou comunistas tinham ordem de serem destruídos por medida de saúde pública.” Foi a derrota da inteligência, renunciando a II Guerra Mundial e anunciando a ditadura franquista que durou de 1939 a 1975 (36 anos!).

Não posso continuar para me manter nas 500 palavras, mas neste dia das crianças quero lembrar outro grande autor – Umberto Eco – que conta de sua infância na Itália fascista num belo texto: O Eterno Fascismo (in, Cinco Escritos Morais). No mesmo texto deixa clara “a semelhança de família (noção que usa de Wittgenstein)” entre o Salazarismo, o Franquismo e o Fascismo italiano.

O que desejamos chamar a atenção é que para que haja um verdadeiro diálogo devemos expor com clareza nossas propostas e ideias, quer sejam socialistas, social democratas, fascistas, anarquistas, ou, qualquer outra, ou mesmo, um amplo acordo de diversas tendências em torno da defesa da democracia, como é a nossa proposta da geringonça brasileira. Evidentemente os fascistas estão fora desse diálogo, embora tenham todo o direito de concorrer democraticamente, colocam-se fora porque com disse Unamuno, recusam-se ao debate de ideias. Tal como está ocorrendo no momento em nosso país. Daí, não haver lugar para a neutralidade, como aponta Valton, a decisão é entre: um amplo projeto democrático de coalizão e um projeto excludente de declarada orientação militarista e fascista. ■

Para que haja um verdadeiro diálogo devemos expor com clareza nossas propostas e ideias, quer sejam socialistas, social democratas, fascistas, anarquistas, ou, qualquer outra, ou mesmo, um amplo acordo de diversas tendências em torno da defesa da democracia, como é a nossa proposta da geringonça brasileira.

E AGORA

O QUE?

Em lugar de armar a cidadania, acreditamos que o melhor seria des-armar os espíritos carregados de ódios. Armar a fratria em lugar de dissolve-la.

Pensamos que o melhor caminho seria uma ampla anistia para todos os que exerceram o direito ao voto. Cada qual fez a sua escolha. Isso não pode ser enxovalhado.

Além do que, precisamos observar e acatar os resultados auferidos em um processo eleitoral. Sempre e quando o processo apresenta livre escolha. Não devemos admitir que só é bom quando meu time ganha.

A arte e a beleza da democracia se materializam ao festejarmos quando ganhamos, mas que se possa reconhecer a vitória do outro quando somos derrotados. Por isso a ideia da anistia. Ela é um mundo de alteridades.

Armar os espíritos, sim; fortalece-los, sim, para a liberdade de pensamento. Impor ao outro sua forma de pensar é a violência posta em prática. É a morte da subjetividade.

Leonardo A. Francischelli - SBPdePA

E também não é a hora de desarmar a atividade política, ao contrário, mais do que nunca é preciso praticá-la.

A função política é imprescindível para o exercício de uma vigilância democrática. A democracia não vive de palavras vazias. Ela cresce e cria músculos com as palavras cheias.

São tempos de inquietudes e interrogantes. Não vamos enterrar nossas cabeças como fazem os avestruzes para não tomar conhecimento do mundo da político e das relações sociais.

Nosso imaginário social está muito expectante e apreensivo diante das mudanças e processos que a nova administração do país colocará em cena. Não queremos roubar dos futurologista seu ofício, contudo seria previsível avançar a ideia de que a Articulação terá muita dor de cabeça pela frente.

Arriscamos avançar nessa direção justamente por ser ali, na Articulação, um lugar próprio em defesa da livre circulação das

Em lugar de armar a cidadania, acreditamos que o melhor seria des-armar os espíritos carregados de ódios. Armar a fratria em lugar de dissolve-la.

ideias, tão cara à psicanálise. Pois, não ignoramos que ela, a psicanálise, não respira sem liberdade.

Somos seres políticos, já disseram os gregos. Portanto, faremos disso nosso instrumento de uma prática democrática, onde todos serão bem-vindos.

A democracia é o bem maior de um povo. Sem ela a vida perde o charme de ser vivida. Vamos cuidar dela? ■

O OLHO DA SERPENTE

19 • NOVEMBRO • 2018

Bergman mostrou que o filhote da serpente nos olha de dentro da casca.

O roteiro nazifascista à brasileira já estava pronto desde o golpe militar de 1964. Os ingredientes do pão de queijo nunca mudam, mas o algoritmo de uma empreitada nazificadora pode ser alterado conforme seus planejadores estejam em Weimar, Washington ou Brasília. O psicanalista treinado para a visão binocular sabe que a linguagem da consciência política (processo secundário) somente pode ser entendida quando acompanhamos os sonhos, os mitos e as emoções do inconsciente que avultam na escuridão (processo primário).

Os sistemas de crenças e preconceitos arquetípicos inconscientes se combinam com a raciologia que vê no negro, na mulher e no índio seres inferiores. Esse dispositivo foi acionado na Alemanha com “estrondoso sucesso”, pois desde o Imperador Carlos Magno a nordicização particularista já era oposta à universalização romana. O script de Bergman está sendo atualizado na história contemporânea com o Brexit, Trump e o irrelevante e medíocre mito da irracionalidade brasileira. É preciso, entretanto, parabenizar os roteiristas deste espetáculo de horror que agora apresenta, como se surpresa fosse, seus atores principais. A farda e a toga compõem

o cenário da fé pentecostalista, utilizando o Direito para transformar as leis da justiça em instrumentos ameaçadores. A hibris desmedida das dez medidas será acionada como instrumento intimidador contra todos os que não aclamarem o “Imperador”. O gigante Procusto, com sua régua implacável, pretende castigar os que não se ajustem de pensamento, corpo e ideias, enquanto os holofotes midiáticos completarão o espetáculo.

É realmente um espetáculo de prestidigitação conduzido pela mídia brasileira que tem como audiência-rebanho o filme kafkiano Todos são iguais perante a lei! Kafka mostrou em O processo o inconsciente do judiciário, cuja figura central é o juiz apresentado no texto com características sagradas. Freud no estudo sobre O Moisés de Michelângelo mostra o lado ambíguo daquele que se apresenta como portador da Lei, fazendo a ponte entre

Deus e os homens! A condição sacramental outrora atribuída aos reis absolutos ingressa na política brasileira pelo caminho do voto instrumentalizado via internet. Somente uma cegueira intelectual é incapaz de ver que o script já fora traçado com extraordinária competência ilusionista que faria inveja aos grandes dramaturgistas da farsa. Isso tudo feito dentro da fina casca de ovo da democracia, ou seja, a Constituição desconstitucionalizada democraticamente. Os mais altos condotieri juntos nessa empreitada bem sucedida que visa uma ambiciosa geopolítica latino-americana pinochetiana, combinada com a destruição da esquerda, utilizando um surrealista perigo vermelho.

Bion ensinou que a verdade alimenta a capacidade de pensar, enquanto a mentira nutre a arrogância. A política de todos os regimes historicamente utiliza a mentira para alimentar a destrutividade da pulsão de morte. É necessário que os integrantes da cultura universalista oponham ao processo anticivilizatório da guerra cultural a poderosa capacidade de ligação amorosa de Eros. As serpentes saídas do ovo colocam o Brasil numa era sombria e ameaçam espalhar seu veneno pelo campo do saber e da cultura. Agora a pós-verdade da mentira concentrada surgiu escandalosamente no cenário nacional! ■

Bion ensinou que a verdade alimenta a capacidade de pensar, enquanto a mentira nutre a arrogância.

Sem adentrar em aspectos jurídicos que envolvem a decisão do despejo das 450 famílias moradoras no Quilombo Campo Grande em Ariadnópolis, em Campo do Meio-MG, minha reflexão como psicanalista se dá sobre as consequências psíquicas da intolerância e a questão do narcisismo das pequenas diferenças que nos desafia a reconhecer o que há de mais irracional em nosso inconsciente. (FREUD, 1930).

No Brasil, os quilombolas lutam há séculos por um reconhecimento legal de sua existência. Possuem características próprias como comunidades autônomas, onde a população pode se orgulhar de suas tradições, das manifestações culturais originais e, assim recuperar sua autoestima e cidadania.

Segundo Milton Santos, “o território é a base material sobre a qual a sociedade constrói e produz sua história”. (SANTOS, 2007)

Ao expulsá-los da terra, não podemos deixar de lado, ainda, a questão da responsabilidade pelo desamparo das crianças que ao perderem seu lugar de origem e referencial de identificação e simbólico, podem apresentar grandes dificuldades para elaborar a violência e a desestruturação social e familiar.

Mariangela Relvas - SPRJ

O QUILOMBO CAMPO GRANDE

São os Tupiniquins do norte do Espírito Santo que traduzem bem a relação da terra com o sagrado, ao dizer que “quando destruímos as matas, estamos também expulsando igualmente as divindades que nelas vivem.”

O preconceito em relação a essa população marginalizada, que já foi desterritorializada de diversas formas, é constantemente realimentado em nosso imaginário. Ter clareza desse fato e combatê-lo é fundamental para a construção do processo democrático e da verdadeira cidadania.

Freud nos chama a atenção para o fato de que “ao menosprezar e hostilizar o diferente e ao desmentir a diversidade, certos povos promovem, a partir do narcisismo das pequenas diferenças, no âmbito social, situações repetitivas de crueldade e sadismo”. (KANCYPER, 2018, P. 39)

O tema é de grande relevância, pois nos chama a atenção sobre a importância da tomada de consciência para enfrentar uma realidade na qual atribuímos a demonização ao desconhecido considerado um “quase semelhante”. A intolerância se manifesta nas pequenas diferenças, na qual o outro é o estranho, o intruso, o expropriador das nossas terras. (FREUD, 1939)

A psicanálise deve contribuir com um pensamento mais independente ao estabelecer marcos de discussões sobre as consequências da desestruturação causada pela situação de vulnerabilidade social extrema.

Outra questão importante é examinar condições de exequibilidade de escuta do sofrimento e da narração dessa experiência traumática que, não elaborada nem resolvida,

A psicanálise deve contribuir com um pensamento mais independente ao estabelecer marcos de discussões sobre as consequências da desestruturação causada pela situação de vulnerabilidade social extrema.

resulta em mais violência e destrutividade para as futuras gerações do nosso país. Além disso, é urgente a necessidade de atenção e políticas públicas voltadas para solução desse problema.

O conhecimento psicanalítico nos permite usar ferramentas que valorizam o diálogo e a reconciliação para buscar alternativas mais adequadas.

Portanto, temos um enorme desafio pela frente para enfrentar a realidade dos fatos que não deve ser desmentida ou tratada com descrédito, pois ao contrário, estaremos condenados à repetição da história.

“Pensar é intrinsecamente uma atividade subversiva por ser um ato que ameaça todas as versões oficiais do direito e da ordem - questiona a ‘história oficial’.” (HANNA ARENDT, 1951) ■

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DO PSICANALISTA E AS ÚLTIMAS ELEIÇÕES NO BRASIL

01 • DEZEMBRO • 2018

Esse texto visa pensar sobre o que se passou na recente eleição presidencial no Brasil.

Em primeiro lugar, pensar porque chegamos a uma situação tão extremada na eleição de um novo presidente. Poderíamos responder de forma banal, dizendo que a democracia ainda é muito recente no nosso trópico e por isso se desencadeou uma histeria coletiva.

Porém, sabemos que essa resposta não consegue dar conta de tamanho frenesi entre os eleitores. Uma pergunta então se coloca: como é que em nossa democracia recém-conquistada houve espaço para um discurso antidemocrático vitorioso?

Claro está, como disse Francischelli, colega da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (OP 72/2018), que só nos cabe aceitar a vitória do candidato eleito. Porém, isso não nos impede de pensar sobre as razões pelas quais elegemos um candidato que nos apresenta um discurso que coloca em risco conquistas arduamente alcançadas, tais como a união civil de pessoas do mesmo sexo; a liberdade de cátedra assegurada pela Constituição, que coloca as universidades como alvo de controle e punição em virtude da expressão de pensamento divergente, pretendendo, por fim, a instituição de uma “Escola Sem Partido”. Quando sabemos que o lugar da Universidade é de formar sujei-

Maria Eliana
Barbosa Mello – SPRJ

tos pensantes e não robôs programados para falarem o que “o mestre mandar”!

Freud, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, é categórico: “Somos animais de horda”. Isso significa que fazemos parte de um rebanho que escolhe um líder para se submeter! Como Freud diz: os seres humanos têm sede de obediência. E, por um processo similar à hipnose, se deixam ludibriar pelo líder que não ama ninguém, somente a ele próprio!

Psicanalista é aquele que não teme o debate e que escuta toda e qualquer posição crítica sem classificá-la prematuramente como partidária. Senão, ficamos partidos em nossa posição de escuta.

Constatar isso é se indagar sobre esse fenômeno das massas que pode ter efeitos devastadores sobre uma Nação. Penso que cabe ao psicanalista um lugar de crítica em face dos movimentos de massa de uma nação. Com a atenção voltada ao movimento das pulsões de vida e de morte, estará em condições de depurar ideias, discursos e ações.

Nessa eleição, estávamos frente a pelo menos dois discursos: um contra o PT, acusando-o de ser responsável por todos os males do nosso País, e outro travestido de “salvador da Pátria” que trazia, numa repe-

tição muitas vezes tanática, frases de um momento histórico tão terrível para o Brasil, como foi a ditadura instituída a partir do golpe civil-militar de 1964.

Portanto, não estávamos mais escolhendo entre dois candidatos. E sim entre dois discursos qualitativamente distintos: um que se situava no campo simbólico da democracia e outro que estava além... que, aprendemos com Freud, é o mais demoníaco e temeroso!

A psicanálise, que é baseada na ética e no respeito à alteridade, viu-se convocada a se manifestar. É o que chamo a Política da Psicanálise. Ou seja, a prática do psicanalista se faz em seu consultório clínico, na sua instituição e também na Polis.

Psicanalista é aquele que não teme o debate e que escuta toda e qualquer posição crítica sem classificá-la prematuramente como partidária. Senão, ficamos partidos em nossa posição de escuta.

Contudo, o psicanalista não é apertado. Mas isto não significa que esteja levantando bandeiras partidárias.

Quando digo que não somos apertados significa que temos sim um “partido”: o partido da ética, o partido da crítica, o partido da indignação em face a tudo aquilo que violenta a condição humana.

Por isso, acredito ser fundamental separar a pessoa do psicanalista (suas crenças, seus valores, seu candidato etc.) do lugar do psicanalista. Lugar simbólico por excelência que tem como premissa abrir questões e não fechá-las em falas imaginárias.

Em outras palavras, o psicanalista é um questionador da Cultura e do seu Mal-Estar, como nos ensinou Freud.

Somente nos cabe agora torcer para que Eros tome a frente cerceando Tãtatos. ■

Extinção do MINISTÉRIO DO TRABALHO

Kátia Barbosa
Macêdo – SPBsb e GEPG

02 • JANEIRO • 2019

■ CRÔNICA DE UMA ■ MORTE ANUNCIADA

Desde Totem e Tabu até O Mal-Estar na Civilização Freud já indicava o papel preponderante do trabalho na constituição da civilização. A renúncia pulsional se apoia no pacto social de que, ao abrir mão da satisfação de certos impulsos, a pessoa será inserida, como recompensa, em um grupo que a protegerá dos perigos.

No processo civilizatório foram criadas normas a serem seguidas por todos visando instituir um sentido de justiça. Além delas, um sistema de fiscalização e punição, caso as normas não fossem cumpridas. Toda essa construção social solicita dos “civilizados” cada vez mais sublimação, prometendo uma satisfação (ainda que indireta). Mas, como bem comenta Freud, ela nunca é suficiente, existindo sempre um mal-estar na sociedade.

Quero destacar aqui as relações de trabalho por se constituírem pedra basilar da sociedade civilizada. O psicanalista Christophe Dejours afirma que o trabalho é hoje constituinte psíquico da identidade, indicador de inclusão (ou exclusão) social, além de fator de adoecimento e morte de trabalhadores em todo o mundo.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT), agência da Organização das Nações Unidas (ONU), foi fundada em 1919, com

o objetivo de regulamentar essas relações de trabalho e promover a justiça social, por meio da realização de recomendações que envolvem emprego, proteção social, recursos humanos, saúde e segurança no trabalho.

Como resultado do movimento trabalhista e sindical em todo o mundo, o Ministério do Trabalho foi criado no Brasil em 1930 por Getúlio Vargas. Constituiu-se como um divisor de águas para as relações de trabalho, instituindo um conjunto de leis para regulamentar as relações entre patrões e empregados, num momento de industrialização. Instituiu a Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS); inseriu a proteção à saúde do trabalhador no ambiente de trabalho; delimitou a jornada de trabalho e férias remuneradas anuais; criou proteção contra a demissão arbitrária. Fixou, ainda, normas regulamentadoras de proteção à saúde do trabalhador, regulamentou o exercício de inúmeras profissões no país, além de criar órgãos para fiscalização. Sua criação significou uma conquista após injustiça e impunidade existentes por mais de 400 anos.

Seguindo a evolução mundial das relações de trabalho da OIT e OMS, vários programas e ações foram desenvolvidos visando proteger o trabalhador em sua integridade

física, mental, ética e moral. Suas ações fortaleceram os sindicatos e o Brasil chegou ao extraordinário número de 15000 sindicatos. Nesse período houve várias conquistas, mas também denúncias de corrupção, desvio de verbas, irregularidades administrativas.

Agora, propõe-se a extinção do Ministério do Trabalho e a redistribuição de suas atribuições em três pastas. A previsão é de que sejam redistribuídas as funções da seguinte forma: a geração de emprego, gestão dos recursos do FAT e FGTS a cargo do Ministério da Economia; a concessão de cartas sindicais e fiscalização das normas trabalhistas, a cargo do Ministério da Justiça e a formação profissional sob responsabilidade do Ministério da Cidadania. Sabemos que a burocracia é um dos maiores entraves no funcionamento de organizações públicas no Brasil e a questão que se coloca é a quais interesses essa redistribuição atende? Quais grupos serão beneficiados com a mudança? Seguramente não é o grupo dos trabalhadores, mas sim o mesmo grupo de grandes empresários que fazem lobbies entre políticos para expoliar de forma predatória e perversa o País e seus trabalhadores.

Em todo o mundo assistimos a uma retomada de governos com propostas políticas neoliberais ou de extrema direita, que se reflete na ordem econômica e política mundial. Visando enfrentar os desafios impostos pela nova ordem econômica mundial e garantir e resguardar a empregabilidade e a saúde do trabalhador, em 2005 a OIT instituiu a noção do “trabalho decente”, baseada no respeito às normas internacionais do trabalho, resguardando os direitos fundamentais ao trabalho via promoção do emprego, o cumprimento dos direitos do trabalhador e o fortalecimento do diálogo social. O Brasil é signatário dessa declaração.

Apesar disso, no Brasil, na transição de governo, há fortes indícios de que as mudanças que estão sendo gestadas não possuem nenhum compromisso com o bem-estar social e que elas afetarão amargamente os trabalhadores. Três ações propostas embasam essa tese do retrocesso perverso em relação aos direitos trabalhistas: nova legislação; novas regras para Previdência e a extinção do Ministério do Trabalho.

Onde impera a “livre negociação” entre um explorador e o explorado, já se sabe de antemão quais interesses o contrato preservará.

A aprovação da nova legislação trabalhista que, entre as terceirizações, quarterizações e mudanças na previdência, vem decretar o fim do contrato de trabalho com garantias para o trabalhador. Onde impera a “livre negociação” entre um explorador e o explorado, já se sabe de antemão quais interesses o contrato preservará. Isso sem se falar dos milhões de brasileiros desempregados e desalentados. A proposta de mudança nas regras da Previdência e a extinção do Ministério do Trabalho surgem na esteira de ações que visam oficializar a instituição da barbárie nessa guerra pela sobrevivência, onde tem imperado a garantia de interesses de poucos em detrimento do sofrimento de milhões. ■

"Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". Com essa frase, Bolsonaro inaugura seu governo. Conhecemos as atrocidades cometidas em nome da igreja e das ideologias absolutistas. A moralidade, nessas condições, conduz inevitavelmente a uma visão parcial da realidade. A adesão cega a uma ideologia implica em alienação, conduz à morte do pensamento.

A indicação de Damares Alves para a pasta da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos foi mais um passo de reafirmação dos ideais conservadores e religiosos deste governo.

Com suas declarações enfáticas e polêmicas, a nova ministra provoca fortes reações nos públicos mais diversos. Pastora, defensora de pautas radicais, militante contra o aborto, defensora da bolsa estupro, pró-evangelização dos índios, contra o feminismo, surpreende quando assume algumas posições alinhadas com a contemporaneidade: "Se precisar, estarei nas ruas com as travestis, na porta das escolas, com as crianças que são discriminadas por orientação sexual". "Se depender de mim vou para porta da empresa que o funcionário homem desenvolvendo papel igual à mulher está ganhando mais. Acabou isso no Brasil".

Seus relatos sobre a visão de Jesus no pé de goiaba, sobre os abusos de que foi vítima dos 6 aos 10 anos de idade e o tamanho de seu sofrimento, deram algum contorno, entre risos e consternação, à sua figura controversa. A decisão de dedicar sua vida à defesa dos grupos mais vulneráveis da sociedade foi uma consequência de suas vivências. Tornou-se pastora,

advogada e educadora, identificando-se com as minorias perseguidas, sem voz, com aqueles em situação de risco. Seu posicionamento em relação a estas mesmas questões, porém, sofre críticas da parcela laica da população.

As falas da pastora se misturam às da ministra e formam imagens contundentes, com forte apelo emocional que ganham grande repercussão na mídia. Ao ocupar tantas manchetes, ela rapidamente tornou-se alvo de emoções violentas, entre fatias da população que louvam suas ideias tradicionais conservadoras ou aquelas que não conseguem deixar de ridicularizar falas que consideram grotescas diante das conquistas sociais que vêm ganhando espaço nos últimos anos.

Treinada na arte de pregar, ela sabe manejar grandes públicos. Suas declarações viralizam. A perguntas complexas, nossa ministra responde com afirmações cartesianas, sem apontar para a possibilidade da dúvida e desperta, dessa maneira, reações apaixonadas: raivosas, irônicas, humoradas e ridicularizações. É difícil preservar um pensamento reflexivo diante desse tipo de exposição e nos vemos, em um primeiro momento, sem pensar, reagindo sem mediação àquilo que a fala nos provoca.

Com falas que versam sobre príncipes e princesas, rosa e azul e vamos acabar com a ideologia de gênero nas escolas, Damares faz afirmações categóricas, que remetem a uma ideologia que dominou nossa sociedade durante muito tempo. A ideologia heteronormativa é tratada por ela como a realidade dos "fatos biológicos".

A psicanálise nos ensina que nada é cartesiano em relação à sexualidade humana.

A adesão cega a uma ideologia implica em alienação.

Nosso trabalho diário nos coloca em contato com a bissexualidade, levanta os véus da heteronormatividade e revela configurações sexuais as mais diversas e improváveis.

Sabemos, desde Freud, que o psiquismo se constrói a partir da demanda de trabalho gerada pela sexualidade e seus excessos. Também tratamos diariamente da complexidade dos processos identificatórios e da construção de um mínimo de contorno para um Eu sempre frágil diante das imensas reivindicações pulsionais internas, da moralidade e das forças que advêm da realidade externa. Aqui, não há espaço para o simples.

É preciso um grande trabalho intelectual e emocional para nos darmos conta das ideologias, crenças e valores que nos foram incutidos, principalmente no período da infância. Eles permanecem presentes em nossa mente, como modelos de funcionamento e muitas vezes como verdades inquestionáveis. A psicanálise entre tantas outras disciplinas tem tido um trabalho incansável para desvendar esse processo e revelar a força dos valores culturalmente transmitidos, que nos modelam antes que possamos percebê-los.

O estudo sobre a diversidade, a possibilidade de dar existência à alteridade, o questionamento a respeito de nossas antigas certezas exige trabalho, aprofundamento e uma real intenção de abertura ao novo e ao desconhecido. Diante destas questões, os papéis sociais mudam, nossa inserção social se transforma. Ainda não sabemos para onde estamos indo e não conhecemos nosso ponto de chegada.

Por outro lado, a religião responde de forma simples e clara às principais questões da humanidade. Basta que acreditemos em seus dogmas. A religião oferece um pai forte e poderoso, que se assemelha ao pai da primeira infância e que garante a proteção. Ela

dá respostas simples para as perguntas mais complexas e apresenta um mundo com poucas contradições. Pode ser um bom antídoto contra a angústia gerada pela complexidade e imposição de trabalho de pensamento exigido pelo mundo contemporâneo.

Estamos diante de um Brasil dividido. Depois de um período em que houve espaço para questionamentos das ideologias vigentes, em que as minorias começam a ser ouvidas, somos assaltados na contramão por uma nova onda repressora. Enquanto uma parcela da população se revolta, outra parte se sente finalmente representada pela volta de um discurso tradicional e contra o politicamente correto. Um homem comum é chamado de mito e uma pastora evangélica é ministra da pasta da mulher, da família e dos direitos humanos. Diante dessa nova situação, muitas vezes me sinto vivendo um futuro distópico com colorações de "O conto da aia" de Margaret Atwood, que retrata um mundo estranho e sombrio, dominado implacavelmente por uma ideologia religiosa.

Nossa pastora e atual ministra passa por cima e ao largo das discussões contemporâneas. Tudo parece simples e ela não considera que há contradições em seu discurso. Faz suas afirmações com a ênfase daqueles que não duvidam de suas próprias verdades e revela uma visão de mundo restrita e modelada pelos dogmas religiosos a que se agarrou e que foram incutidos ao longo de sua vida. Quando chamada a se colocar diante dos riscos que sua dupla inserção carrega em si, afirma de forma enfática que pode separar o humanismo que defende do viés ideológico: "Quem está assumindo este ministério é uma advogada e militante dos direitos humanos. A pastora fica lá na igreja, no domingo". No momento seguinte vem com outra pérola: "O Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã". ■

“GÊNESE DA MENTE DESTRUTIVA”

Henrique Honigstejn - SPRJ

Através do diário do ministro da propaganda nazista Goebbels (GOEBBELS, J. (1995) Die Tagebücher Von Joseph Goebbels - Teil II – Band – 1 a 15.. K.G. Saur; München / (1992) Tagebücher -1924 – 1945, Band – 1 a 5, Piper – Verlag; München), procuro entender algo sobre a gênese de uma mente que tem como seu grande vitalizador o ódio, junto dos movimentos emocionais que levam a que se sustente e se intensifique esse funcionamento.

Em seu diário encontro desde logo trechos expressivos:

01 - 7 de abril de 1929: “Eu tenho medo como os filhos dos judeus”

02 - 7 de dezembro de 1929: “Tive um sonho singular: eu estava em uma escola e era perseguido através de vastos corredores por muitos rabinos da Galícia Oriental. Eles me gritavam sem parar: ódio. Eu estava adiante alguns passos e respondia com o mesmo grito. Assim por horas. Mas eles não me pegavam. Eu sempre estava alguns passos adiante. Isso é um bom presságio?”

Em dezembro de 1930 escrevera a respeito da projeção boicotada pelos nazistas de “Sem novidades no Front”:

“Em dez minutos apenas, o cinema parece uma casa de loucos. A polícia é impotente. A multidão estimulada, se dirige aos judeus... fora os judeus... os judeus são pequenos e feios.”

Goebbels nada tinha do ideal ariano pois não era um belo atleta gigante loiro, de olhos azuis. Um problema grave numa das pernas o tornou manco. Era muito magro e o mais baixo entre os líderes nazistas. Essa ferida narcísica, parte de um todo, resultou em momentos que descreveu:

“Ano Novo... meu coração está tão pesado nessa hora”. Dreck (merda) em mim e a minha volta”. (2 de janeiro de 1926)

Penso que Goebbels atingiu em seu desenvolvimento emocional a condição de diferenciação eu – não eu de um modo precário, não

Assim, o mundo surge para ele como anti e em lugar do encontro, ele passa a sentir um impulso à eliminação.

tendo em seu self uma estrutura que lhe permitisse a autoconfiança. O objeto que deveria estar presente nele como um selfobjeto estruturante e assim convidá-lo a circular no mundo, marcou-se nele, a meu ver, como um objetor, uma presença objetora, contrária ao ser.

Assim, o mundo surge para ele como anti e em lugar do encontro, ele passa a sentir um impulso à eliminação. Isso é bem expresso em seu diário, em 10 de novembro, ao descrever a explosão do ódio que foi a Noite de Cristal:

“Eu estava para voltar ao meu hotel, quando vi o céu se tornar vermelho sangue. A sinagoga queimava. Não fizemos estender os incêndios em função das construções alemãs da vizinhança. Senão, deixar queimar. Os despachos chegam agora do conjunto do Reich: 50, depois 75 sinagogas queimaram.

Assim que retorno ao hotel, vidros voam em explosão. Bravo, bravo... procuro dormir algumas horas.”

O terror é projetado. O ódio estimulado ao paroxismo lhe dá o revestimento não dado pelo amor, fazendo com que experimente o que um paciente, certa vez, descreveu:

“Chamo o ódio, meus músculos ficam duros e eu me sinto forte”.

O ódio como tônico do self. E assim também o efeito do contato com Hitler:

“... sinto-me como uma bateria que foi recarregada”.

Goebbels vai se abalando pelas “fraturas” de seu ideal e se apoia nas palavras que ganham poder mágico: Vernichtung (destruição aniquilamento); fanatisch, Radikaler Krieg, Totaler Krieg (guerra total) a todas as

27 • JANEIRO • 2019

horas marteladas, buscando desesperado uma ressurreição.

O que possibilita a alguém sob cargas pesadas de ódio, levantar-se e voltar a afirmar: Existo?

Freud lança uma resposta:

“Preenchido pela relação excepcional do filho judeu com sua mãe, bem alimentado pela certeza que lhe aporta esse amor maternal que é a fonte do sentimento de eleição” (Conferência de Freud em 16 de fevereiro de 1915- Sociedade B’nai Brith). E aqui, acrescento: e da condição de persistir em seu ser, sentindo-se ligado a uma fraternidade que continua.

A fraternidade, expressão de Eros circulante, leva a meu ver, acréscimo de vida aos que experimentaram. É como se uma vacina portadora de um vírus mortal acordasse sistemas imunitários ainda adormecidos.

Quando digo a meu ver, não é mera suposição, é a experiência vivida por conhecer e conviver com aqueles que em 27 de janeiro de 1945, foram libertados pelas tropas soviéticas dos campos de concentração, fato para sempre lembrado como o Dia Internacional do Holocausto. ■

ORFANDADE & MISÉRIA

06 • MARÇO • 2019

Maria Luiza
Gastal - SPBSB

Em tempos tão desconcertantes, em que a morte de uma criança e o sofrimento de um avô se tornam objeto de ódio, urge pensar sobre como sair desta miséria moral, que mistura racismo, xenofobia, cegueira ética, misoginia. Na belíssima coletânea de ensaios “Leer con Niños”, o filósofo espanhol Santiago Alba Rico escreve sobre a literatura e da narrativa, à partir de sua experiência de leitura com os filhos. Uma provocação sobre os sentidos de “contar”, caro aos psicanalistas:

“Somente as crianças muito pequenas, os militares e os capitalistas contam números. As coisas finitas, os homens concretos, são incontáveis. Por isso não os contamos, mas os contamos. Não fazemos contas com eles, mas contos”.

No ensaio “A guerra entre os solteiros e os órfãos”, Alba Rico e a psicanálise ajudam a pensar o as manifestações de ódio de um dos filhos do presidente e seus seguidores sobre a

A hora é de escolhas - de saber se ficaremos com Eros ou com Thanatos, encarnado nos solteiros que foram alçados ao poder, com o voto do ódio.

tragédia que se abateu sobre Lula e sua família – o ódio e a inveja dos solteiros contra as mães. Diz Alba Rico que a solterice (como a de Barba Azul, Eichmann e o sultão de Scherazade) é a condição dos que, sendo incapazes do amor, calculam (lucros, homens em combate, mortos, benefícios políticos) em lugar de medir (limites, conseqüências, atos...). O contrário da solterice não é o casamento, mas o amor e o contrário de estar solteiro não é estar casado, mas enamorado, motivo pelo qual Barba Azul e o sultão, que casaram tantas vezes, permaneceram solteiros (com seus contos, Scherazade salvou sua vida e o sultão da solterice).

Os solteiros têm produzido a história, enquanto as mães (de ambos os sexos), buscam retificar a história – o amor das mães permite que a “a desconfiança seja secundária e aprendida; é a lei do mundo, mas não seu princípio nem seu destino”. O frágil bebê confia na mãe que dispõe de seu corpo, por isso não começamos com a desconfiança e “é possível não somente a luta contra os outros, mas também a luta junto com os outros”. Importante notar que Alba Rico não se refere necessariamente a homens e mulheres, mas a solteiros (mesmo casados), mães (de qualquer sexo) e órfãos (ainda que tenham pais) criados por solteiros.

Winnicott descreve os primeiros momentos de vida em que o bebê, não integrado, sem sentido de sua corporiedade e sem dimensões de tempo e espaço, se entrega aos cuidados da mãe (de qualquer sexo), às mãos que, embora pudessem destruí-lo, sustentam seu corpo nu, o limpando-o, alimentando-o, cuidando, numa relação de dependência absoluta. Alba Rico também enfatiza a natureza corporal da ligação das mães (de qualquer sexo) com seus vulneráveis filhos.

“A criatura mais frágil no mundo mais atroz, a vida mais débil e menos independente, rodeada

de gigantes desconhecidos que a poderiam destroçá-la com uma só mão, não tem medo: sorri. Por um milagre inexplicavelmente repetido (...), a maior vulnerabilidade se converte na máxima segurança; o máximo poder (...) se converte em serviço. Ali onde não chega a lei e onde a desigualdade de forças é absoluta, a mãe olha a criança e, em vez de matá-lo, a veste e a beija; e a criança, em lugar de fechar a cara e chorar, se assossega e dorme tranquila”.

Alba Rico dialoga diretamente com Freud para trazer o que pensa ser um aspecto não percebido a respeito das raízes do – ora vejam – Complexo de Édipo.

“Freud convenceu a tradição literária ocidental de que todos os filhos querem matar a seus pais quando o que (...) nos conta a história de Édipo – como várias dezenas de mitos e relatos populares (...) é, ao contrario, que são os pais, ou pelo menos os reis, os que querem matar, devorar ou abandonar seus filhos. Laio perfurou os pés de Édipo e, atado como um passarinho, o entregou para que o matassem; o mesmo fez Astíages com Ciro e pelas mesmas razões; o mesmo se conta num dos mitos fundantes da cosmologia grega, no qual Zeus se salva do apetite assassino de seu pai Cronos, verdugo de outros filhos. (...) Édipo, Ciro, Zeus e até os irmãos Karamazov poderiam dizer - armas em punho - de Laio, Astíages, Cronos e Fiodor: ‘foram eles que começaram!’ (...) Neste mundo, os meninos armados proclamam com tristeza: ‘Meus pais não têm filhos’. E, por sua parte, os pais que os trouxeram a vida para abandoná-los no bosque, poderiam proclamar, (...) mais cínicos do que infelizes: ‘Meus filhos não têm pais’. E assim começa e assim sempre começou a batalha entre os solteiros e os órfãos (...). Abraão concorda em sacrificar seu filho como Eichmann concorda em sacrificar a seus descendentes judeus, (...) Se

Jeová tivesse pedido a Sara que (...) sacrificasse seu filho, Sara teria se rebelado, não contra as convenções sociais, mas contra Jeová.”

Jeová não ordenou a Sara o sacrifício de Isaac; ao contrário, instruiu Abraão a acordar cedo e sair escondido, enquanto ela dormia, porque Sara (ao contrário de Eichmann) desobedeceria às ordens do líder e protegeria o filho. A interposição do corpo que as mães (de ambos os sexos) fazem, diz Alba Rico, é o que chamamos de amor, como é o amor que faz as mães palestinas interporem seus corpos colocando-se (e não sendo colocadas) como escudos humanos para defender os filhos, ou as mães da Maré protegerem com seus corpos os rebentos das balas dos Caveirões.

Eduardo, Carlos e Flávio são filhos de um pai solteiro e a família presidencial é um exemplo acabado de solterice: calcula (votos, likes, lucros e depósitos), sem nada saber sobre medidas e cuidados, enquanto sacrifica os filhos (ou o povo). Não à toa, a misoginia é sua marca: o feminino (a “fraquejada”) é seu inimigo. Tornamo-nos, como nação, órfãos de solteiros sádicos.

Mas se solteiros fazem a história, “as mães de ambos os sexos, cada vez que se unem, cada vez que se põem de acordo e se alçam todas juntas, a corrigem e a endereçam”. A hora é de escolhas – de saber se ficaremos com Eros ou com Thanatos, encarnado nos solteiros que foram alçados ao poder, com o voto do ódio.

A psicanálise, cujo ofício busca na palavra a força da vida, é chamada à luta junto com (e não contra) os outros, ao resgate da medida contra a contagem, e à recusa – em nome da vida – a obedecer ao pai solteiro que, em lugar de oferecer medida e cuidado, busca a aniquilação daquilo que nos faz humanos. ■

INSTINTO, CIVILIZAÇÃO & EMOÇÕES

■ QUANDO O MAIS
■ É MENOS OU O MESMO

06 • MARÇO • 2019

Estranho, se não fosse humano, um pensamento corrente que a humanidade passa por momentos trágicos e perigosos. Onde o ter suplanta todo o resto. Ter riqueza, ter conhecimento, ter poder. Ter supremacia sobre o outro. E quando não foi assim?

Certamente datas como 28 de junho de 1914 (assassinato do arquiduque Ferdinand da Áustria) e anos como 1933, com a ascensão de Hitler, 1939 com a invasão da Polônia e 1945 com as bombas atômicas podem ser considerados mais tristes e marcantes que o conjunto desses seis últimos anos. A humanidade não mudou como, por exemplo, mudou o clima. Mas as tecnologias sim, expondo com maior rapidez e oportunidade as diversidades de opiniões que essas mesmas tecnologias difundem.

O homem desceu da árvore e se tornou bípede há quatro milhões de anos. Desses, apenas nos últimos 6.000 anos houve a tentativa de algum regramento, considerando-se no início desse período, a civilização Suméria. Mas é aceito que o primeiro código de leis escritas é o de Hamurabi, da Babilônia, estimando-se sua edição no século 18 antes

de Cristo. Ou seja, apenas de 0,15 a 0,045 do tempo “humano” pode ser compreendido como tempo civilizatório, naquilo que Freud definia como necessidade de proteger o governo dos homens, os homens do governo e o homem de outro homem.

O restante dos tempos é instinto, sem ou com um mínimo de recalque construído mediante uma realidade “natural” ou da natureza. Era muito mais a supremacia dos instintos básicos de luta e fuga, de sobrevivência e preservação – individual e da espécie, do que àqueles relativos ao comportamento social propriamente dito, ainda carregando, em sua caminhada evolutiva, uma “quantidade” muito menor de condutas de respeito ao outro, de respeito à sociedade, de fraternidade e solidariedade, o que pode ser chamado de verniz civilizatório.

Num modelo extraído da natureza é o equivalente a uma fina casca de seis centímetros, contrastando com o interior de uma

imensa árvore com 40 metros de circunferência de tronco “in natura”, bruto em sua constituição e em sua manifestação.

Olhando apenas para o Brasil dos últimos 6 anos, de 2013 para cá, pode ser constatado um aumento nas manifestações públicas de expressões de ódio, intolerância, medo e repulsa ao pensamento e atitude do outro. O pensamento único, que há alguns anos vem se impondo na economia, está alcançando outras áreas da sociedade, como a previdência, a assistência social, o trabalho e o emprego.

Na última semana de fevereiro dois fatos marcaram essa tendência. A des-nomeação de Ilona Szabó e o aviltante twitter de Eduardo Bolsonaro sobre a morte do neto do Lula.

A luta pelo poder vai se transformando no que sempre foi: a eliminação do outro, por alguma das formas pelas quais o poder se manifesta. Força, dinheiro, fé, lei, hierarquia, ideologia e afetos.

Tendo essas ideias como pano de fundo recorro a outra área do conhecimento para entender um pouco mais esses fenômenos.

Tanto o materialismo dialético de Hegel, como o materialismo científico de Marx e Engels consagraram o princípio que a quantidade altera a qualidade. Nos processos sociais sempre se defendeu a ideia de que o indivíduo com mais conhecimento modifica seu valor grupal e tem maiores oportunidades de se transformar de indivíduo em cidadão. O aumento da

O narcisismo presente na vaidade é o mesmo na arrogância. Sua quantidade é que pode modificá-lo.

quantidade de cidadãos conscientes transforma uma massa popular de manobra de demagogos e populistas em massa crítica de uma sociedade mais participante e participativa.

Acreditamos que na psicanálise o aumento do conhecimento de si mesmo muda a qualidade da pessoa.

Na química, a tabela periódica dos elementos é, provavelmente, o mais vistoso exemplo desse princípio. A tabela explícita que todos os elementos são constituídos por átomos. A qualidade de cada um se modifica à medida que cada um vai incorporando íons positivos – próton, ao seu núcleo. Simplificando, com um próton no núcleo o átomo é de Hidrogênio, com dois é Hélio, três é Lítio e assim por diante.

Podemos pensar que o princípio geral da quantidade modificando a qualidade se aplica a átomos, a pessoas, ao conhecimento. Se assim é, porque não às emoções?

O “sal” básico de algumas emoções e sensações é o mesmo, o que altera sua qualidade é a quantidade em que cada qual é sentida. O narcisismo presente na vaidade é o mesmo na arrogância. Sua quantidade é que pode modificá-lo.

A sensação de fome (saciável) teria os mesmos elementos que a gula (por definição insaciável).

A ambição se transforma em ganância.

O amor em paixão.

O medo em pânico

A raiva em ódio e daí à ira.

A necessidade de acertar se transmuta na exigência da perfeição.

O bom se obriga a ser ótimo e caminha para o ideal.

Ao ser aprisionado nesse modelo, a necessidade de ter alcança o ser e o resultado é o que se observa hoje. Mas é óbvio que existe esperança, pois também existe a indignação. ■

Sylvain Levy - SPBSB

No ensaio “O mal-estar na civilização” (1929), Freud examinou o irremediável antagonismo entre as exigências dos instintos e as restrições impostas pela civilização. Concluiu que a coerção pulsional cobra elevado preço do homem, induz

Luciana Saddi - SBPSP

à culpa e infelicidade e nem pode garantir a estabilidade ou permanência das civilizações.

A história do processo civilizatório brasileiro não é diferente. Desenvolvemos formas próprias de mal-estar, algumas delas ligadas aos processos de colonização, escravidão e formação do patriarcado. Estruturas arcaicas compõem o lado avesso do tecido social e, agora, estão estampadas nos sofrimentos presentes.

O Brasil tornou-se República e, portanto, herdeiro dos princípios da Revolução Francesa e do Iluminismo, embora a incorporação destes e de outros princípios tenha acontecido de maneira bastante típica, conforme afirmou Roberto Schwarz no ensaio “As ideias fora do lugar”.

Cultura e educação nos ministérios de

BOLSONARO

o mal-estar na civilização revisitado

Fonte de referência para Schwarz, em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, Machado de Assis descreve a postura do antigo agregado de Iaiá Garcia que assumiu o ponto de vista dos senhores de escravos. Ao mesmo tempo, caracteriza o grupo senhorial, dependente da escravidão, que incorporou referências ideológicas europeias oportunamente esvaziadas do sentido original. Celebra-se o paradoxal casamento entre liberalismo e escravidão. O liberalismo desprovido de caráter universal transforma-se em ideologia de segunda classe e passa a defender os interesses patriarcais. Está portanto encenada, a “comédia ideológica”.

Clama-se por violência desmedida como método de combate ao crime organizado.

Atribui-se “independência à dependência, utilidade ao capricho, universalidade às exceções, mérito ao parentesco, igualdade ao privilégio” e pode-se acrescentar cultura à ignorância e verdade à mentira.

Hoje, depois de anos de crise social, econômica, política e institucional, instala-se a desilusão seguida do clamor pela restauração da ordem com o colorido característico das ideias fora do lugar. Clama-se por violência desmedida como método de combate ao crime organizado. Certos governantes até

sugerem que agentes de segurança estariam liberados para eliminar suspeitos, sem o devido processo legal, orientação que veste o figurino da desordem em nome do resgate à decência, à ordem da Nação e retomada do progresso. A população, agora armada, poderá combater bandidos como se a ela coubesse o papel do estado na segurança pública. Paradoxos como esse tornam-se comuns nos dias de hoje e atestam a concordância com o pensamento de Schwarz.

O reprimido retorna poderoso. O apelo para que o regime da Sociedade Patriarcal volte a imperar entre os brasileiros não é alheio aos psicanalistas. Fracassos reais e imaginários, crises, perdas e frustrações liberam fantasias regressivas. O suposto e mágico poder curativo do antigo, prenhe de nostalgia, ressurge como espectro de fantasmas idealizados.

E então, fomos surpreendidos pela aparição de Bolsonaro que concebido nos porões da ditadura, renasce das raízes profundas do inconsciente coletivo machista e patriarcal brasileiro. Livre da repressão, vocifera com orgulho improprios machistas, misóginos, racistas, homofóbicos, além de prescrever o retorno à ditadura militar e à tortura como instrumento de controle político e social. Não há vergonha ou culpa. Bolsonaro e seguidores vão ao êxtase por meio de declarações bizarras.

22 • MARÇO • 2019

O reprimido, ao retornar, como farsa e sintoma, agrava o que pretendia curar. Está distante de representar conjunto de proposições racionais para o saneamento dos problemas nacionais.

O pai todo poderoso, mito, messias, o que manda e protege os filhos da pátria tornou-se esperança de significativa parcela de brasileiros, liderando a busca de soluções dos graves problemas da nação. Em nome da guerra contra a corrupção, Bolsonaro pretende ser a lei. A multa recebida do Ibama, por pescar em área de proteção ambiental, é suspensa. Acusa-se de excessivo o sistema de proteção do meio ambiente. Quer ser absolvido, ele que portava vara de pesca nessa área.

Assim é no patriarcado. O pai, o patrão, jamais submetem-se à lei. Seu desejo é ordem. Seu desejo é lei. A corrupção e o nepotismo que deveriam ser combatidos no seu governo, forte e justo anseio popular, insistem em reaparecer junto ao clientelismo e favorecimento de grupos ou pessoas, exatamente o que sempre se criticou nos governos anteriores. Teria sido útil e pedagógico que o Presidente tivesse pago a multa, assumindo responsabilidade e culpa, como todos os cidadãos da República devem agir. Mas aí as ideias estariam no lugar e seríamos como uma sociedade nórdica.

Examinemos agora o episódio do fim da obrigatoriedade da bibliografia nos livros es-

colares, ocorrido no ministério da educação. Aqui não há apenas ignorância sobre o sistema de produção de conhecimento, o que por si é grave sinal, mas vê-se a acusação ao anterior ministro, fato que revela péssimas maneiras e má-fé. Descoberto o erro, assumi-lo seria o mais racional, mas imputá-lo aos ocupantes anteriores da pasta foi a saída escolhida pelo ministro. Além de desresponsabilizar-se, atitude tipicamente infantil. Escolher e nomear um bode expiatório foi a estratégia que substituiu uma nota de intenção de reparar o erro. Esse momento de deseducação veio junto com algo ainda mais absurdo, a liberação de propaganda em livros escolares. Qual grau de civilização que você caro leitor ou leitora, perceberia nestas decisões? A propaganda para crianças deve ser legitimada nos livros escolares distribuídos pelo ministério da educação? Sob a iniciativa de proteção à infância brasileira e restauração dos valores morais libera-se a propaganda em livros escolares. Novamente, a culpa é do ministro anterior?

Outra preciosidade é a equiparação do ensino da teoria da evolução ao criacionismo em aulas de Ciência com a finalidade de melhorar a qualidade da educação sob o manto de argumentos anômalos. Até Einstein acreditava em Deus! Numa prova se pode escrever o que é considerado certo, mas não aquilo que se acredita, trata-se de flagrante violação pessoal. Imaginemos essa lógica em provas de matemática?

Aqueles que reclamam da falta de leis universais, regras para todos, os que com justiça pedem o fim da corrupção, pedem a abolição das regras educacionais de aprendizagem de conteúdo, extensivo a resposta em provas. A intenção é transformar o ensino em algo que legitime não o conhecimento, mas algum saber particular. Trata-se do Narcisismo de se deleitar com as próprias verdades, loucuras e ignorância.

Assim é no patriarcado. O pai, o patrão, jamais submetem-se à lei.

Os exemplos não são muitos no presente texto pois já há inúmeros outros em algumas semanas de governo. O que importa é demonstrar que há uma regra, um absurdo que se revela na insensatez e a inversão. A cada semana surgirão novos disparates, ideias fora do lugar, produzidas pela doutrina bolsonarista. Triplicar o salário do filho do General Mourão (vice-presidente da república) no Banco do Brasil faz parte do fim do nepotismo e aparelhamento do Estado. Os malabarismos mentais para ajustar ilusão à realidade têm induzido muitos brasileiros a retirar peso das palavras do Presidente. Como são erráticas, as palavras de Bolsonaro – o messias – não devem ser levadas em conta. É o primeiro Messias em quem não se pode confiar!

Pelo estado atual da vida brasileira acredito desnecessário o Ministério da Cultura. É melhor escondê-lo em alguma secretaria, reduzir dotações e distribuir o que resta a bajuladores e apoiadores do mito, tudo isso, é claro, sob o mantra do infundável e elogiável combate à corrupção. O ministério perde a razão em existir num país que professa ignorância, má-fé e má educação com orgulho. Pelo ritmo do fêretro, em breve, o sentido da palavra civilização e sinônimos como progresso civilizatório, educação, avanço tecnológico e até o politicamente correto – precocemente extinto em pronunciamento do ilustre presidente Bolsonaro – também alcançarão o túmulo. Da outrora variada cultura nacional pode, talvez, sobreviver, o samba do crioulo doido, se tanto.

Mas, há exceção, selo indispensável, à confirmação da regra contida nas ideias fora de lugar pois talvez o presente julgamento seja algo exagerado. O ator pornô, Alexandre Frotta, ao assumir o papel de fiel representante da nova Cultura do novo Governo coloca tudo no lugar. Constatou-se algo tão justo e certo, ausente de contradição. Afinal, a pornografia é em geral, a quinta-essência do raso, achatado, vulgar e chulo, pois transforma erotismo em performance física acompanhada de narrativa pobre e repetitiva, além de retirar o mistério do encontro erótico. Sem tal embate, o sexo humano apresenta-se menos que animal e, portanto, passa a pertencer aproximadamente à ideologia reinante. ■

